

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Medicina
Mestrado Profissional de Promoção de Saúde e Prevenção de Violência

**O TREINAMENTO DE PAIS COMO INSTRUMENTO DE DIMINUIÇÃO
DA VIOLÊNCIA**

Sandra das Dores Souza

Belo Horizonte – MG
2013

SANDRA DAS DORES SOUZA

**O TREINAMENTO DE PAIS COMO INSTRUMENTO DE DIMINUIÇÃO
DA VIOLÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Elza Machado de Melo
Co-orientadora: Profa. Márcia Cristina Alves

**Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Medicina**

Mestrado Profissional de Promoção de Saúde e Prevenção de Violência

Belo Horizonte – MG

2013

Souza, Sandra das Dores.
S731t O treinamento de pais como instrumento de diminuição da violência
[manuscrito]. / Sandra das Dores Souza. - - Belo Horizonte: 2013.
140f.: il.
Orientadora: Elza Machado de Melo.
Co-Orientadora: Márcia Cristina Alves.
Área de concentração: Promoção de Saúde e Prevenção da Violência.
Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Medicina.
1. Violência/prevenção & controle. 2. Capacitação. 3. Educação em
Saúde. 4. Dissertações Acadêmicas. I. Melo, Elza Machado de. II. Alves,
Márcia Cristina. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Medicina. IV. Título.

NLM: WA 300

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitor

Prof. Clélio Campolina Diniz

Vice-reitora

Profa. Rocksane de Carvalho Norton

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Prof. Ricardo Santiago Gómez

Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Renato de Lima dos Santos

FACULDADE DE MEDICINA

Diretor

Prof. Francisco José Penna

Chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social

Prof. Antônio Leite Alves Radicchi

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

Coordenadora

Prof^a. Dra. Elza Machado de Melo

Sub-coordenadora

Prof^a. Sandhi Maria Barreto Colegiado

Representantes Docentes

Andréa Maria Silveira

Antônio Leite Alves Raddichi

Cristiane de Freitas Cunha

Débora de Carvalho Malta

Eliane Dias Gontijo

Elizabeth Costa Dias

Elza Machado de Melo

Izabel Christina Friche Passos

Joaquim Antônio César Mota

Luiz Alberto Gonçalves

Luiz Henrique Duczmal

Maria da Conceição J. Werneck Cortes

Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro

Victor Hugo de Melo

Marta Maria Alves da Silva



FOLHA DE APROVAÇÃO

O Treinamento de Pais pode contribuir para a prevenção da violência?

SANDRA DAS DORES SOUZA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, área de concentração PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA.

Aprovada em 02 de agosto de 2013, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Elza Machado de Melo - Orientadora
UFMG

Prof(a). Márcia Cristina Alves - Coorientadora
UFMG

Prof(a). Rute Maria Velasquez Santos
Centro Universitário Newton Paiva

Prof(a). Francisco José Machado Viana
FHEMIG

Belo Horizonte, 2 de agosto de 2013.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA
VIOLÊNCIA

UFMG


ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA SANDRA DAS DORES SOUZA - 2011715517


Realizou-se, no dia 02 de agosto de 2013, às 14:00 horas, sala 034, térreo da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *O Treinamento de Pais pode contribuir para a prevenção da violência?*, apresentada por SANDRA DAS DORES SOUZA, número de registro 2011715517, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Elza Machado de Melo - Orientadora (UFMG), Prof(a). Marcia Cristina Alves coorientadora (UFMG), Prof(a). Rute Maria Velasquez Santos (Centro Universitário Newton Paiva), Francisco José Machado Viana (FHEMIG).

A Comissão considerou a dissertação:

- Aprovada
 Aprovada condicionalmente, sujeita a alterações, conforme folha de modificações, anexa
 Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.
Belo Horizonte, 02 de agosto de 2013.


Prof(a). Elza Machado de Melo
Doutora - USP


Prof(a). Marcia Cristina Alves
Mestre - UFRJ

Prof(a). Rute Maria Velasquez Santos
Doutora - UFMG

Prof(a). Francisco José Machado Viana
Doutor - UNICAMP

DEDICATÓRIA

Aos meus pais.

Aos pais participantes deste grupo de Treinamento de Pais.

Aos meus amigos que de uma forma ou de outra contribuíram
para que este trabalho pudesse se realizar.

E a todas as pessoas que lutam pela paz, combatendo de
alguma forma a violência.

AGRADECIMENTOS

Ao Colegiado de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Promoção de Saúde e Prevenção de Violência, pela receptividade demonstrada durante todo este processo.

Aos funcionários da Escola Estadual Alberto Del Pino, Belo Horizonte - MG, pela receptividade e colaboração.

À Dra. Elza Machado de Melo, coordenadora do Mestrado Profissional em Promoção de Saúde e Prevenção de Violência, pela sua receptividade, compreensão e colaboração demonstrada durante todo este processo.

À Dra. Rute Velásquez, coordenadora do Ambulatório de Trauma (Amtra), por todo carinho, receptividade, compreensão, colaboração dedicados durante todo esse processo e pela oportunidade de fazer parte da equipe, e por ter me apresentado o Treinamento de Pais, despertando meu interesse pelo tema e instrumento de pesquisa desta dissertação.

À Professora Márcia Alves, pela orientação.

À minha irmã Sílvia Angélica, pelo incentivo, mesmo que à distância.

Aos meus pais, que sempre me dedicaram carinho, atenção, compreensão nos momentos em que não pude estar presente, e por nunca terem medido esforços para me apoiarem e ajudarem nos momentos mais difíceis desta caminhada.

Aos colegas de mestrado, em especial Lauriza, Rosângela, Gustavo e Plínio, pela convivência e pelas agradáveis discussões em sala de aula, fonte de crescimento e inspiração.

Aos professores do Mestrado, pelo crescimento pessoal e profissional.

A todos os amigos que de uma forma ou de outra contribuíram para que este trabalho pudesse se realizar.

A Fernanda Junco e Leonardo Alves pelo carinho, amizade, dedicação e contribuição para a realização deste trabalho.

A Gisele Portes pela disponibilidade e dedicação na criação e montagem do Power Point para a apresentação da defesa.

A Cláudia Reis Costa pelo apoio e dedicação na realização do Grupo Focal.

E, principalmente, a Deus pelo dom da vida e por ter me sustentado e fortalecido durante toda essa jornada, colocando amigos anjos que tanto contribuíram para que esse momento pudesse chegar.

RESUMO

A violência é um problema que atinge a todos os indivíduos de uma maneira direta ou indiretamente, aparecendo frequentemente na mídia e em estatísticas científicas como um problema da atualidade, devendo ser observada de uma maneira multidisciplinar, uma vez que apresenta múltiplos fatores causais, não devendo ser tratada apenas como responsabilidades das autoridades responsáveis pela segurança pública, mas como uma questão que necessita ser enfrentada por toda a sociedade. Este trabalho buscou estudar se o uso do Treinamento de Pais pode contribuir para uma diminuição da violência, partindo do princípio de que há uma relação existente entre comportamentos estereotipados e reprodução da violência. Foi realizada uma intervenção por meio do instrumento Treinamento de Pais, acompanhado de uma escuta terapêutica em grupo operativo, a fim de prevenir o uso de comportamentos violentos na educação das crianças.

Palavras-chave: Treinamento de pais. Violência. Violência intergeracional.

ABSTRACT

Violence is a problem that affects all individuals in a manner directly or indirectly, often appearing in the media and scientific statistics as a problem of today and should be seen in a multidisciplinary manner, since it features multiple causal factors should not be treated only as responsibilities of the authorities responsible for public safety, but as an issue that needs to be addressed by the whole society. We aimed to study the use of Training Parents can contribute to the prevention of violence, assuming that there is a relationship between stereotyped behavior and reproduction of violence.

Keywords: Training parents. Violence. Violence intergenerational.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMTRA.....	Ambulatório de Trauma
IHS	Inventário de Habilidades Sociais
INCA.....	Instituto Nacional do Câncer
OMS	Organização Mundial de Saúde
SUS.....	Sistema Único de Saúde
TCC.....	Terapia Cognitivo Comportamental
CFP.....	Conselho Federal de Psicologia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Tipologia da violência segundo a OMS (2002)	22
----------	---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	OBJETIVOS	19
2.1	Objetivo geral.....	19
2.1	Objetivos específicos	19
3	REVISÃO DA LITERATURA	20
3.1	Entendendo a Violência	20
3.2	Fatores de risco relacionados à violência	24
3.3	Psicologia cognitiva como fundamentação Teórica.....	29
3.4	Características básicas da psicologia cognitiva segundo Cordioli (1998).....	30
3.5	O que é o treinamento de pais.....	31
3.5.1	Como funciona	32
3.5.2	Programa de treinamento	35
3.6	O treinamento de pais como um instrumento de diminuição de violência	37
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	39
4.1	Instrumentos	40
4.1.1	Formulários e questionários.....	41
4.1.2	Observação participante	44
4.1.3	Análise do discurso.....	44
4.1.4	Grupo focal	46
4.1.5	Análise de conteúdo.....	49
4.2	A experiência da Escola Estadual Alberto Del Pino	54
4.3	Público alvo.....	54
4.4	Etapas do trabalho	55
4.5	Análise e apresentação dos encontros	56
4.5.1	Primeiro encontro	56

4.5.2	Segundo encontro	58
4.5.3	Terceiro encontro	58
4.5.4	Quarto encontro	60
4.5.5	Quinto encontro.....	62
4.5.6	Sexto encontro.....	65
4.5.7	Sétimo encontro	67
4.5.8	Oitavo encontro.....	69
4.5.9	Nono encontro.....	71
5	DISCURSÃO DOS RESULTADOS	72
5.1	Conteúdo dos encontros	72
5.2	Análise de conteúdo e de discurso dos encontros	75
5.3	Relato da experiência com o grupo focal	77
5.4	Análise do grupo focal.....	81
5.4.1	Comportamentos observados durante o grupo focal	84
5.5	Análise do inventário de habilidades sociais (IHS)	85
5.5.1	Análise do inventário de habilidades sociais aplicadas no pré- teste	85
5.5.2	Apresentação dos resultados do inventário de habilidades sociais aplicadas no pós-teste	86
5.5.3	Comparação dos resultados encontrados no pré-teste e no pós-teste	89
5.6	Registros feitos pelos pais participantes do Grupo	92
5.6.1	Análise dos registros escritos apresentados pelos pais.....	105
6	CONCLUSÃO	111
	REFERÊNCIAS.....	113
	ANEXOS	
	ANEXO A - Informações sobre a família e a criança	118
	ANEXO B - Inventário de Habilidades Sociais (IHS)	120
	ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	121

ANEXO D – Quadro de conteúdo dos encontros.....	122
ANEXO E - Demonstrativo das análises do pré-teste.....	125
ANEXO F - Demonstrativo da análise do pós-teste.....	130
ANEXO G - Comparação dos resultados do pré e pós-teste.....	135
ANEXO H - Roteiro de Observação Participante.....	140
ANEXO I – Roteiro do Grupo Focal.....	141

1 INTRODUÇÃO

A violência é um problema que afeta a todos de uma maneira direta ou indireta, pois tem repercussões na vida privada dos indivíduos e nas suas interações em sociedade, sendo retrada frequentemente na mídia e nas estatísticas científicas como um importante problema da atualidade. Trata-se de um problema complexo e socialmente estrutural que deve ser observado de forma multidisciplinar, uma vez que apresenta múltiplos fatores causais e diferentes facetas, não devendo ser tratado apenas como responsabilidade das autoridades responsáveis pela segurança pública, como acontece frequentemente, mas sim como uma questão que requer a participação de toda a comunidade.(SOUZA; LIMA,2006)

A violência afeta a saúde pública, ocupando frequentemente leitos nos hospitais, causando mortes, lesões e incapacidades que, muitas vezes, resultam na perda da qualidade de vida das vítimas e de seus familiares, em mortes, sofrimento físico e mental, prejuízos socioeconômicos e insegurança social. Dados do Ministério da Saúde informam que a violência no Brasil passou de 59% de mortes por causas externas (acidentes e violências) a cada 100 mil habitantes na década de 1980, para 72% em 2002 (SOUZA; LIMA, 2006).

Esta dissertação busca estudar como o uso do treinamento de pais, pode contribuir para uma diminuição da violência, em um grupo de pais participantes do grupo, partindo do princípio de que há uma relação existente entre comportamentos estereotipados e reprodução da violência intergeracional. É preciso para esta análise tentar entender a expressão simbólica do conflito, que nem sempre é consciente, mas que pode se manifestar na forma de crenças implícitas expressas no discurso dos pais.

Também foi realizada uma intervenção por meio do instrumento Treinamento de Pais, acompanhado de uma escuta terapêutica em um grupo operativo psicoeducativo, a fim de mobilizar “estruturas estereotipadas” e prevenir o uso de comportamentos violentos na educação de crianças, uma vez a Psicoeducação é vista como parte do processo cognitivo que leva à reflexão e esta à uma possível revisão de modelos de comportamentos violentos.

Optou-se pelo formato de grupo operativo (criado por Pichon-Riviére, na década de 1940) buscando a compreensão dos “medos básicos” no grupo e a forma de aprendizagem grupal relacionadas às experiências dos participantes.

Pichon-Riviére (1998) define o grupo como um conjunto de pessoas ligadas no tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõem explícita ao implicitamente a uma tarefa, interagindo para isso em uma rede de papéis, com estabelecimento de vínculos entre si. Coerente com esta definição, sua teoria sobre o grupo dá grande importância aos vínculos sociais, que são a base para os processos de comunicação e aprendizagem, uma vez que o sujeito – como sujeito social – se constitui na relação com o outro (AFONSO, 2002, p.21).

O instrumento utilizado é aqui abordado como um grupo operativo psicoeducativo, capaz de ampliar a compreensão da dinâmica familiar e facilitar a comunicação e realinhamento de papéis desempenhados pelos membros do grupo familiar, tanto no que concerne a compreensão, avaliação quanto à modificação de situações de violência intrafamiliares.

Na primeira parte deste trabalho foi realizado um levantamento de estudos sobre a violência, dimensionando-a enquanto um problema de saúde pública, tanto no Brasil como no restante do mundo. Após ter sido feito esse levantamento, buscou-se fazer um estudo sobre como a Organização Mundial de Saúde e o Ministério da Saúde costumam definir o tema violência no âmbito da saúde pública, para depois incluir uma revisão bibliográfica sobre importantes fatores de riscos para a maior frequência de emissão de comportamentos violentos pelos atores sociais.

Ao se verificar quais seriam esses fatores de risco foi ficando evidente que a ocorrência de violência entre pais e filhos estava entre os fatores que influenciam na perpetuação da violência, por ocasionar um aprendizado da mesma e uma crença de que a esta é aceitável como prática corretiva e/ou educativa de filhos ou crianças sob os cuidados de outros adultos. O objetivo de longo prazo é a compreensão e a prevenção da perpetuação da violência por teoria e prática psicológica respectivamente.

Apresentou-se um apanhado sobre a teoria da terapia cognitivo comportamental (TCC) e um estudo bibliográfico sobre o método aplicado ao

combate de práticas violentas na família ou educandários. A escolha da terapia cognitiva comportamental se fez necessária, uma vez que o treinamento de pais é orientado por esta abordagem.

A partir dessa revisão bibliográfica poderá ser percebido que o treinamento de pais é um método psicológico objetivo que visa ajudá-los a tentar melhorar o relacionamento com seus filhos, oferecendo recursos para que estes façam uma reflexão sobre a maneira como lidam com o mau comportamento, estimulando os comportamentos pró-sociais e com isso diminuindo os comportamentos violentos.

Será apresentado um estudo piloto realizado em uma escola da rede estadual, localizada na região central do Barreiro - na região metropolitana de Belo Horizonte – e que atende a alunos residentes em sua maioria em aglomerados próximos à escola. A amostra contou com a participação de 10 pais indicados pela escola.

Os encontros semanais aconteceram aos sábados e foram divididos cada qual sempre em três tempos, a saber: a) discussão da tarefa proposta na sessão anterior; b) apresentação do passo a ser trabalhado durante aquele encontro e, c) por fim, era proposta uma tarefa a ser realizada durante a semana seguinte, conforme os moldes da TCC.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Tornar os pais e cuidadores mais conscientes de seus comportamentos e crenças aplicadas à educação de seus filhos, melhorando o relacionamento entre pais e filhos.

2.2 Objetivos específicos

- a. Criar um modelo educativo
- b. Diminuir práticas de violência entre pais e filhos
- c. Evitar a aceitação de comportamentos violentos entre as gerações deixando de considerar que ser violento é algo aceitável.
- d. Melhorar o relacionamento entre pais e filhos.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 Entendendo a violência

A violência atualmente é um problema que atinge a todos de forma direta ou indiretamente, causando inúmeras lesões e incapacidades, atingindo diariamente a vida de milhares de brasileiros e pessoas em todos os países do mundo. (SOUZA; LIMA, 2006)

Segundo dados do Ministério da Saúde, no ano de 2002 morreram 126.657 pessoas no Brasil devido aos acidentes e violências, constituindo 12,6% dos óbitos por todas as causas, a taxa de mortalidade por causas externas foi de 71,6 por 100 mil habitantes. Houve um crescimento do risco de morrer por causas externas de 17% em relação à década de 1980 e de 3,3% em relação à década de 1990 (BRASIL, 2005).

Dentre as causas externas específicas, as agressões (homicídios) e os acidentes de trânsito apresentaram, no ano de 2003, as mais elevadas taxas: 28,9 e 19,0 respectivamente por 100 mil habitantes, respectivamente. Esses dois subgrupos concentram 66,8% de todas as mortes por causas externas o que os torna problemas prioritários para intervenção e justifica um olhar mais aprofundado sobre eles (WAISELFISZ, 2011).

O mapa da violência de 2012 mostra que, em um histórico de 30 anos, o Brasil passou de 13.910 homicídios em 1980 para 49.932 em 2010, tendo um aumento de 259% que equivale a 4,4% de crescimento ao ano. Segundo esse documento, os homicídios passaram de 11,7 homicídios em 100 mil habitantes em 1980 para 26,2 em 2010 tendo um aumento real de 124% no período (WAISELFISZ, 2011).

Nos 30 anos de observação das taxas, o país já ultrapassou a casa de um milhão de vítimas de homicídio. Os números são de tal magnitude que fica difícil construir uma imagem mental para assimilar ou entender a sua significação (WAISELFISZ, 2011).

A violência vem sendo vista atualmente como um dos maiores problemas de saúde no Brasil e no mundo. Segundo dados do Ministério da Saúde (2010) mais de 1.6 milhão de mortes/ ano e mais de 16 milhões de internações hospitalares / ano são causadas pela violência, milhares de pessoas morrem, todos os dias, por homicídios e suicídios. Segundo mostram os dados no ano de 2005 foram registrados 48.032 homicídios e, no período de 1991 a 2007, morreram 665.199 por homicídios e 111.311 por suicídios. No período de 1998-2009, foram 8.962.470 internações hospitalares por causas externas (MELO, 2010, p.1).

Esses números, na maioria das vezes, correspondem a muitos outros que não são notificados por não demandarem cuidados de saúde, como ocorre frequentemente nos casos de violência psicológica que são difíceis de medir, e até mesmo de perceber e nas violências domésticas que não são denunciadas devido ao medo e/ou podendo também estar atreladas aos padrões culturais e aos vínculos existentes entre vítimas e agressores. (MELO, 2010)

De acordo com as pesquisas de Souza e Lima (2006), no panorama da violência brasileira está ocorrendo um processo, uma disseminação dos homicídios para outros municípios das regiões metropolitanas e do interior dos Estados, na maioria das vezes, associados ao tráfico de drogas e outras mercadorias ilícitas, especialmente em áreas de ocupação e desenvolvimento recente. (SOUZA; LIMA, 2006)

O mapa da violência de 2012 faz uma comparação onde se pode observar a existência de três grandes períodos claramente delimitados:

- a. **1980/1995.** Nesse primeiro período foi observado um acelerado crescimento da morte por homicídios das capitais mais regiões metropolitanas, que passam de 17,9 para 40,1 homicídios em cada 100 mil habitantes, representando um aumento de 123,8% nesses 15 anos, ou 5,5% ao ano. No mesmo período, o interior do país passou de 7,5 para 11,7 homicídios em 100 mil: crescimento bem menor que o das capitais – 55,9% no total do período ou 3% ano. Fica evidente que o comando do crescimento no período ficou por conta das

capitais mais regiões metropolitanas, responsáveis pela forte elevação das taxas nacionais.

- b. **1995/2003.** O crescimento das capitais mais regiões metropolitanas, cujo incremento nos oito anos foi de 9,8%, o que representa um incremento anual de 1,2%. Já as taxas do Interior neste período pulam para 4,4% ao ano, ao crescer 41,4% no período. De toda forma, ambas as áreas ainda contribuem para o incremento da violência nacional, agora com maior peso para o interior.
- c. **2003/2010.** Neste último período as taxas das capitais mais as regiões metropolitanas caem de forma clara, passando de 44,1 homicídios em 100 mil para 33,6, o que representa uma queda de 23,8% nos sete anos, ou uma taxa negativa de 3,8% ao ano. Já os índices do interior continuam crescendo, mas com um ritmo menor. Crescem 21,4% no período, ou 2,8% ao ano. Dessa forma o Interior assume, claramente, o papel de polo dinâmico, motor da violência homicida, ao impedir quedas substantivas nos níveis da violência nacional que as capitais mais regiões metropolitanas estariam conseguindo (WAISELFISZ, 2011).

O mapa da violência de 2012 mostra ainda que em 1982 as taxas das capitais mais as regiões metropolitanas eram 93,3% superiores às do interior. Em 1995 essa diferença atinge sua máxima expressão: 242,2%, quando começa a diminuir o crescimento nos centros urbanos. Em 2010 a diferença se encurta, e muito: caindo para 67%, menor ainda que em 1982 (WAISELFISZ, 2011).

De acordo com o Ministério da Saúde, por meio da Portaria nº 737/GM/MS, de 16 de maio de 2001 que trata da Política de Redução de Mortalidade por Acidentes e Violências a violência é definida como “*qualquer ação ou omissão realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam danos físicos, emocionais, morais, espirituais a si próprios ou aos outros* (BRASIL, 2001, p.7).

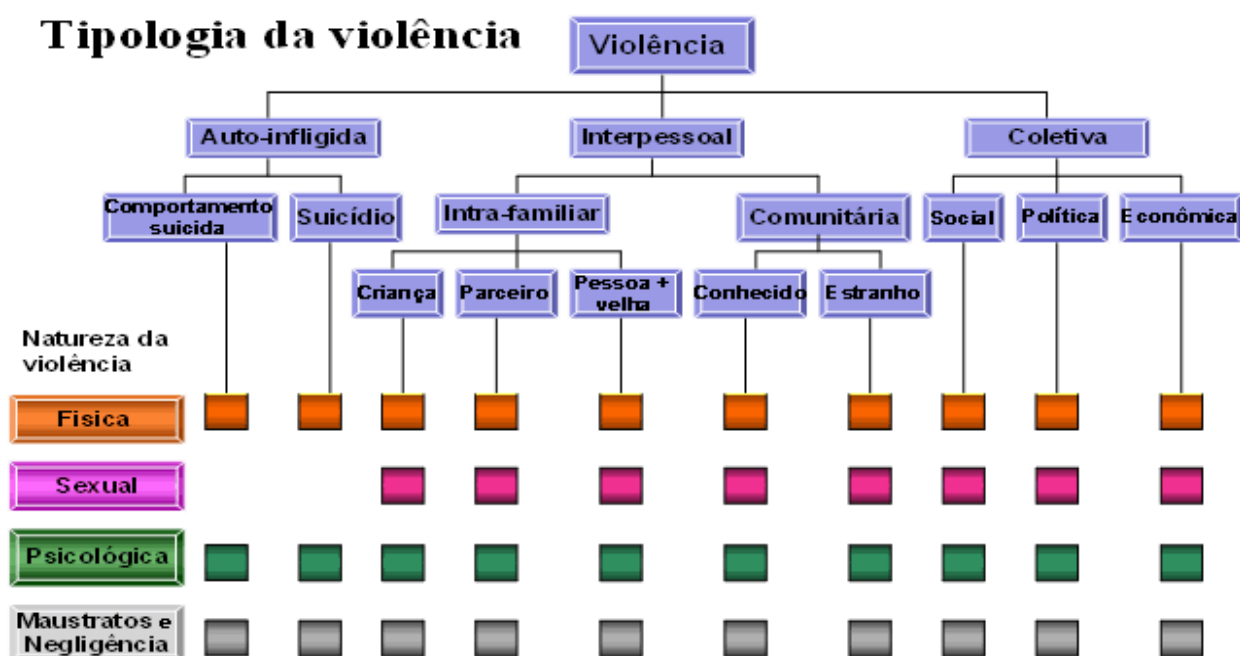
A Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2002 no Relatório Mundial sobre a Violência e Saúde definiu a violência como *uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou*

uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002).

O Relatório Mundial da OMS (2002), sobre a violência e saúde destaca as seguintes tipologias de violências:

- Violência auto infligida (auto provocada): Tentativas de suicídio, suicídio, autoflagelação, autopunição, automutilação.
- Violência interpessoal: Intrafamiliar e comunitária. A violência comunitária também é denominada de violência urbana.
- Violência intrafamiliar: Ocorre entre os membros da própria família, entre pessoas que têm grau de parentesco, ou entre pessoas que possuem vínculos afetivos. Também denominada de violência doméstica por alguns teóricos, embora outros estudiosos desse tema façam uma distinção entre a violência doméstica e a violência intrafamiliar.
- Violência coletiva: Presente nos âmbitos sociais, políticos e econômicos, caracterizada pela subjugação/dominação de grupos e do estado.
- Violência estrutural: Ocorre em diferentes formas onde há manutenção das desigualdades sociais, econômicas, culturais, de gênero, etárias, étnicas. É a violência que mantém a miséria de uma determinada população (FIG. 1).

FIGURA 1 – Tipologia da violência segundo a OMS (2002)



Fonte: World Health Organization. Preventing Violence: a guide to implementing the recommendations of the World Report on Violence. 2004.

A figura acima expressa os vários tipos de violência, demonstrando que a violência pode ser autoinfligida que é aquela em que os sujeitos praticam contra si mesmos através de comportamentos suicidas ou o próprio suicídio. Pode ser

também interpessoal que é aquela praticada entre os membros da família ou da própria comunidade. Pode ser também de origem coletiva, expressa pela violência social, política e/ou econômica. Mostra também que as origens da violência podem ser: física, sexual, psicológica, podendo ser também praticada através de maus tratos e negligência.

3.2 Fatores de risco relacionados à violência

Um fator de risco pode ser considerado como aquele que aumenta a possibilidade de ocorrência de um fenômeno. Conforme o Instituto Nacional do Câncer (INCA) do Ministério da Saúde brasileiro, o termo risco é usado para:

[...] definir a chance de uma pessoa sadia, exposta a determinados fatores, ambientais ou hereditários, adquirir uma doença. Os fatores associados ao aumento do risco de se desenvolver uma doença são chamados fatores de risco. Em contrapartida, há fatores que dão ao organismo a capacidade de se proteger contra determinada doença, daí serem chamados fatores de proteção (BRASIL, 2013).

A relação entre a exposição a um ou mais fatores de risco e o desenvolvimento de uma doença física ou mental não segue necessariamente um padrão de causa e efeito ou é fruto de uma relação discreta e lógica, podendo não ser reconhecível facilmente. O Ministério da Saúde (2013) alerta que a relação entre fatores de risco e adoecimento deve ser considerada com cuidado:

[...] especialmente quando se presume que a relação se dê com comportamentos sociais comuns (o tipo de alimentação, por exemplo). Nas doenças crônicas, as primeiras manifestações podem surgir após muitos anos de exposição única (radiações ionizantes, por exemplo) ou contínua (radiação solar ou tabagismo, por exemplo) aos fatores de risco. Por isso, é importante considerar o conceito de período de latência, isto é, o tempo decorrido entre a exposição ao fator de risco e o surgimento da doença. Os fatores de risco podem ser encontrados no ambiente físico, ser herdados ou representar hábitos ou costumes próprios de um determinado ambiente social e cultural (BRASIL, 2013).

A importação de conceitos da saúde orgânica para os da saúde mental pode ser feita, desde que considerada como uma aproximação, sendo esta uma

forma facilitadora e necessária para a comunicação entre estudiosos de áreas fronteiriças do conhecimento, mas não suficiente para abarcar todas as particularidades de cada uma. Assim, ao se abordar os fatores de risco para o desenvolvimento de comportamentos violentos deve-se levar em conta a sociedade, a cultura, o momento histórico, a subjetividade, as representações sociais, a modelagem de condutas, a aprendizagem, a subjetividade e a linguagem entre outros fatores que, conforme os temas de estudo se fizerem necessários. Estando essa dissertação em campo multidisciplinar, buscará sempre que possível aproximar conceitos e métodos em busca de uma compreensão ampla do fenômeno violência.

Uma das formas aparentes e de violência são os crimes. Para Farrington (1998), os crimes têm origem nas interações entre os agressores e as vítimas, em determinadas situações, podendo ser os chamados fatores familiares, os principais indicadores de violências futuras. Maccord (1979 apud ALVES, 2008) acompanhou 250 meninos em um estudo chamado Cambridge-Somerville, em Boston e verificou que *“os possíveis indicadores de futuras condenações por atos violentos (até a idade de 45 anos) eram: supervisão parental deficiente, pais agressivos (incluindo disciplina severa e punitiva) e conflitos entre pais”* (FARRINGTON, 1998 apud ALVES, 2008). Nessa dissertação, serão considerados os fatores familiares derivados de comportamentos violentos apontados como fatores de risco para a ocorrência de violência futura, muitas vezes praticada pelos mesmos atores que, na infância, foram as vítimas.(ALVES, 2008)

Alves (2008) se refere em sua pesquisa a estudos longitudinais, como o do **Desenvolvimento Juvenil de Chicago** (GORMAN-SMITH et al., 1996), que acompanhou 400 meninos das áreas centrais da cidade, a partir dos 11-13 anos. Segundo a autora este estudo apontou que a deficiência do monitoramento por parte dos pais e a baixa coesão familiar são pontos que propiciavam autodepoimento de delitos violentos.(ALVES, 2008)

Alves (2008) relata ainda que os fatores de risco são os determinantes na trajetória dos indivíduos envolvidos com a criminalidade, devido ao fato de que o crime pode ser compreendido como resultado de fatores e condições que estão interligados, associando fatores individuais e coletivos, havendo ainda os fatores psicológicos, como hiperatividade, impulsividade e problemas de atenção e baixo

autocontrole, que são apontados como correlacionados à violência, demonstrando associação entre as dimensões da personalidade e da violência. (ALVES, 2008)

Os fatores individuais citados por Rolim (2006 apud ALVES, 2008) seriam os fatores que condicionam e contribuem para as circunstâncias em que os indivíduos estarão mais propícios a algum tipo de agressão, enquanto que os coletivos seriam uma variedade de fatores e condições que se interconectam (MOORE, 1998).

Os principais fatores de risco associados à situação de infrator, segundo Minayo (2005), são: consumo de drogas, círculo de amigos, tipos de lazer violentos, baixa autoestima, falta de reconhecimento de limites entre certo e errado, fraco vínculo afetivo com a família e com a escola e sofrer ou ter sofrido violência por parte dos pais (grifo nosso).

Do ponto de vista das diferenças individuais o trabalho empírico realizado por Assis (1999), analisando os mais profundos aspectos biopsicossociais e as mais sutis diferenças entre jovens infratores e seus irmãos não infratores de duas cidades brasileiras, Rio de Janeiro e Recife, revelaram características comuns entre os infratores, tais como: comportamento imediatista, nervoso, valente e aventureiro; rebeldia em relação aos problemas da vida; dificuldade de controlar a agressividade; dificuldade de empatia com o outro e baixa autoestima, na caracterização desses jovens. (MINAYO, 2005)

Estudos feitos pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2005) apontam que as características de personalidade de pessoas com tendências a comportamentos violentos são: o egocentrismo, a falta de controle emocional, a propensão a ser explosiva, a imaturidade e a incapacidade de estabelecer contatos sociais duradouros, pouca sensibilidade para com os outros e a forte necessidade de gratificação imediata de seus impulsos. (MINAYO, 2005)

Reine e Liu (1998 apud BRASIL, 2005) identificaram uma combinação explosiva para a emergência de comportamentos violentos tais como: fragilidades biológicas, presença de problemas neurológicos, atraso no desenvolvimento psicomotor e complicações de parto; ambiente familiar inadequado; história familiar positiva para a criminalidade. (MINAYO, 2005)

Para conseguir compreender o impacto da violência sobre a saúde física, mental e social é imprescindíveis realizar estudos interdisciplinares que trabalhem com métodos que incluam uma visão quantitativa e qualitativa do fenômeno. (MINAYO, 2005)

De acordo com o relatório da OMS (2002) a violência se relaciona a vários fatores: fatores biológicos e pessoais, fatores relacionais, fatores comunitários e fatores sociais mais amplos. O relatório mundial da OMS (2002) categoriza o fenômeno a partir de suas manifestações empíricas e estabelece que:

As violências interpessoais são classificadas em dois âmbitos, o intrafamiliar que acontece entre os parceiros íntimos e membros da família e a violência comunitária: que acontece em ambiente social em geral, expressadas de várias formas: violência juvenil, agressões físicas, estupros, ataques sexuais e violência institucional;

Segundo Minayo (2005), as teorias biológicas argumentam que a violência resulta da interconexão de fatores biológicos e sociais, enquanto que as teorias Sociais elegem a violência e a criminalidade como problemas sociais a serem estudados, de forma que para estas teorias não há um consenso relacionados às causas gerais da violência e do crime ou às motivações gerais que leva seu agente a desenvolvê-las. As teorias do aprendizado social, segundo essa autora, enfatizam o aspecto processual sobre como os indivíduos passam a cometer o comportamento criminoso, propondo que o mesmo é apreendido e não determinado pela genética, mas ocorrido a partir das experiências e interações pessoais do indivíduo, podendo ser apreendido em um processo de interações simbólicas com outras pessoas a partir da comunicação, ocorrendo o mesmo em outras aprendizagens, dando-se entre os grupos de relacionamentos próximos (familiares e amigos) e uma das maneiras de tentar explicar este fenômeno é estudando a transmissão intergeracional deste evento, através da análise de como uma família experiência a violência ao longo das gerações. (MINAYO, 2005)

Durand (2007) cita que estudos a respeito da dinâmica da violência têm constatado que testemunhar violência entre os pais ou ser vítima de violência quando criança são fatores que podem levar a pessoa a se envolver em situações de violência na vida adulta, como vítima ou mesmo como agressor. Pode ser constatado, com frequência, que atitudes violentas se reproduzem de uma geração

a outra, criando cadeias que se repetem entre as gerações e criando uma espécie de destino. Essa transmissão transgeracional da violência ocorre quando o que é transmitido não pode ser elaborado pelos sujeitos que transmitem e pelos que recebem a herança, como é o caso dos eventos traumáticos, que carregam uma carga excessiva de culpa e vergonha e são transmitidos junto com os mecanismos de defesa e interditos que estes suscitam para evitar que sejam conhecidos, sabidos ou ditos. (DURAND, 2007)

De acordo com Grajon (2000), o que é transmitido de uma geração a outra são os acontecimentos que irromperam por destruição das para-excitações psíquicas individuais e grupais fazendo fracassar as formações e os processos capazes de metabolizá-los, de torná-los pensáveis e de integrá-los em uma *psique* e em uma história, sendo assim, a violência que ocorre no interior das famílias pode ser encarada como um evento traumático que se inscreve na cadeia de transmissão familiar, fazendo com que seja transmitido entre as gerações, levando à reprodução da violência nas gerações seguintes (DURAND, 2007)..

A gestão da herança traumática da vergonha está diante de um impasse. O risco constante, quando há um traumatismo psíquico não metabolizado, é a repetição da cena da violência, mesmo depois de várias gerações. A vítima se torna carrasco. Ele é encontrado nas terapias de família com relações incestuosas e com violência intrafamiliar (BENGHOZI, 2000, p.97).

De acordo com Guimarães et al. (2010), o aprendizado das crianças acerca de seus papéis é um fator de risco importante para a violência, no qual há uma tendência natural de uma criança a responder às situações vividas de acordo com seus modelos aprendidos. Ou seja, se as mesmas possuírem um modelo de interação violenta também irão aprender a serem violentas, após internalizados estes aprendizados serão incorporados na escala de valores do indivíduo determinando sua forma de enfrentar as situações sociais. Em situações de violência familiar produzem-se circuitos de repetição de padrões nos quais participam pelo menos três diferentes instâncias: o abusador, a pessoa abusada e o contexto reforçador. Cada uma destas instâncias possui uma lógica de pensar e agir que muitas vezes contribui para que a violência passe a ser vista como uma coisa natural. (GUIMARÃES, 2010)

Ainda de acordo com Guimarães et al. (2010), é o funcionamento complementar entre abusador e abusado que sustenta a violência intrafamiliar,

permitindo que esta situação se repita e, como consequência, os filhos vivem e aprendem que a violência faz parte de uma rotina aceitável, levando-os a repetir este mesmo padrão quando adultos em suas próprias famílias e como a violência intrafamiliar é em grande parte uma conduta aprendida, sua existência constitui um fator de risco para atos violentos no espaço social. A partir do momento que crescem os níveis de violência na família de origem, aumenta a probabilidade de que uma criança desta família também se envolva com comportamentos abusivos quando adulto, podendo ser tanto como vítima ou mesmo como agressor. (GUIMARÃES, 2010)

Almeida (2010) apresenta algumas ideias sobre a transgeracionalidade. Segundo a autora o absoluto designa certas representações sobreinvestidas por afetos que tendem a deter “a cadeia associativa”, levando às dificuldades na mudança psíquica, que revela traumas repassados dos pais para o filho, “oriundos de uma linhagem arcaica”. A análise de um casal fornece material clínico para as reflexões da autora. Em suas origens clínicas e em seus desdobramentos teórico-clínicos, esse construto hipotético, oriundo de uma experiência clínica, articula-se a vários conceitos psicanalíticos. Esse operador tem sido útil à autora para entender o intenso sofrimento de alguns pacientes severamente traumatizados na trama das gerações da família. (ALMEIDA, 2010)

3.3 Psicologia cognitiva como fundamentação

Com base nos estudos de Cordioli (1998) pode-se dizer que a terapia cognitiva é um sistema psicoterapêutico fundamentado no modelo cognitivo, segundo o qual a emoção e o comportamento são determinados pela forma como o indivíduo vê e interpreta o mundo. Este modelo de abordagem foi desenvolvida por Beck no início da década de 60, buscando uma base empírica para a teoria da melancolia de Freud e, aos poucos, foi estruturado enquanto um modelo cognitivo da depressão Beck observou que havia um padrão típico de pensamentos depressivos em pacientes com transtornos de humor e, ao contrário do paradigma de sua época, considerou que estes não eram apenas parte de um quadro sintomático da doença mental, mas que esse padrão de pensamentos que se mostravam consistentemente negativos, distorcidos e rígidos eram, sim, a própria

doença. Naquela ocasião, propôs um tratamento ou modelo psicoterapêutico que consistia na modificação dos pensamentos disfuncionais dos pacientes depressivos através de técnicas como a reflexão socrática, a busca de evidências, o teste de crenças, entre outros. Esta modalidade de terapia foi aplicada a pacientes de diversas idades e de diferentes níveis educacionais, econômicos ou culturais, sendo realizada individualmente e em grupo. O que permanece como ponto comum deste método no tratamento dos transtornos mentais é a identificação e a modificação dos pensamentos e crenças disfuncionais, que determinam o estado de humor, o afeto e o comportamento dos indivíduos. Embora este enfoque possa ser aplicado a diferentes grupos os que mais se beneficiariam, de acordo com este autor, são os que apresentam relativa capacidade analítica, os que realizam “tarefas de casa” e os que generalizam o uso dos novos recursos terapêuticos aprendidos na terapia em situações de sua vida cotidiana. (CORDIOLI, 1998)

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é uma forma empiricamente validada de psicoterapia que já demonstrou ser efetiva em mais de 350 estudos de desfecho relativos à grande quantidade de transtornos psiquiátricos, desde a depressão até os transtornos de ansiedade e, mais recentemente, até transtornos psicóticos e de personalidade (BECK; WEISHAAR, 2000 apud BIELING et al., 2008, p.15).

3.4 Características básicas da psicologia cognitiva segundo Cordioli (1998)

As características abaixo tornam a psicoterapia cognitiva de fácil aplicação, aprendizagem e aceitação em programas de saúde mental pública.

- a. **Ativa:** pacientes e terapeutas agem de maneira cooperativa tentando solucionar problemas, de modo a permitir que o próprio paciente aprenda a identificar e modificar seus pensamentos.
- b. **Diretiva:** é dirigida aos problemas apresentados no “aqui e agora”, trabalhando pensamentos, sentimentos e comportamentos atuais, usando os dados da história passada apenas quando contribuem para maior compreensão de suas crenças.
- c. **Educativa:** o terapeuta ensina o paciente o modelo cognitivo, a natureza do seu problema, o processo terapêutico e a prevenção de recaída.
- d. **Estruturada:** tem uma sequência de sessões previamente estabelecida.

- e. **De prazo limitado:** são necessárias apenas de 16 a 20 sessões.
- f. **Utiliza tarefas de casa,** como atividade integrada ao processo terapêutico, com o objetivo de aumentar efetividade e a generalização dos efeitos da terapia.
- g. **Utiliza técnicas cognitivas e/ou comportamentais** para a modificação das crenças do paciente.

3.5 O que é o instrumento utilizado

Educar sem usar de violência, para muitos pais, pode se tornar uma tarefa complexa e difícil, principalmente para aqueles que trazem consigo uma experiência de educação violenta e têm que enfrentar problemas de comportamento de seus filhos. Para evitar a repetição desses padrões educativos, existem métodos pacíficos de educação que podem ser ensinados, como o Treinamento de Pais (TP), que utiliza técnicas de modificação comportamentais próprias, visando oferecer recursos para que pais e cuidadores lidem melhor com questões práticas de relacionamento, procurando levar à reflexão sobre as crenças e atitudes, promovendo novas iniciativas, oferecendo recursos psicopedagógicos para ajudar a descobrir novos repertórios. O TP pode ser útil para o manejo e melhora dos sintomas de transtornos mentais e problemas de comportamento de crianças e jovens, favorecendo com que o contexto familiar seja mediador da saúde mental ao minimizar as práticas educativas violentas no ambiente doméstico, na qual os pais atuam como co-terapeutas, desenvolvendo habilidades, participando ativamente do processo, implementando mudanças em casa e observando diretamente os seus efeitos. (VELASQUEZ, 2010)

O treinamento de pais pode ser conceituado no contexto clínico e da saúde como um enfoque para o tratamento dos problemas de comportamento que utiliza estratégias por meio das quais os pais são treinados a modificar a interação pais-filhos, com a finalidade de estimular o comportamento pró-social e diminuir/eliminar os comportamentos desadaptativos (OLIVARES et al., 1997 apud VELÁSQUEZ et al., 2010, p.183).

O treinamento de pais é um método que visa ajudar os pais a modificar o comportamento dos filhos por meio de técnicas auxiliadas por um terapeuta que busca ensinar uma série de procedimentos específicos com a finalidade de diminuir o comportamento desviado dos filhos, e tem sido aplicado a vários problemas

infantis, sendo empregado principalmente nos casos de crianças com problemas de comportamento, sendo esta a intervenção que mais obteve êxito com este público (CABALLO, 1996, p.399).

Segundo os estudos de Stern (2003), o principal foco do grupo de treinamento de pais é propiciar o aumento da motivação dos pais para mudar suas práticas educativas, ajudando-os a abandonar certos comportamentos negativos na criação dos filhos, muitos ligados à imagem pessoal que os pais têm e a modelação de comportamentos pelo modo como foram criados. Segundo este autor, isso envolve uma atenção concentrada nos pensamentos e sentimentos estabelecidos ao longo do tempo como crenças na necessidade de castigos físicos, vergonha, raiva e autopiedade, que podem atrapalhar os pais em melhorar a forma de criar seus filhos. (STERN, 2003).

Oliveira et al. (2002 citado por VELÁSQUEZ et al. 2010) e Papalia e Olds (2006 citado por VELÁSQUEZ et al. 2010) relatam que os filhos tendem a reproduzir parâmetros educativos aprendidos no ambiente familiar, quando estabelecem uma nova família.

Stern (2003) demonstrou através de seus estudos que filhos que apanham de seus pais são mais agressivos, uma vez que aprendem por meio do modelo de seus pais a valorizar a força e o poder nos relacionamentos para expressar sentimento e resolver problemas em vez de manifestar-se verbalmente, reproduzindo dessa forma o comportamento agressivo de seus pais. (STERN, 2003)

3.5.1 Como funciona

O treinamento de pais é um programa psicoeducativo em que os pais atuam como co-terapeutas de seus filhos. Estes pais fazem reuniões semanais com um facilitador para conhecerem técnicas educativas eficazes no combate a comportamentos danosos e indesejáveis de seus filhos. Frequentemente, são membros da comunidade, convidados a participar normalmente por um profissional da psicologia que também pode funcionar como facilitador. As reuniões ocorrem semanalmente durante cerca de noventa minutos em sala com cadeiras em número suficiente para comportar confortavelmente os participantes. A duração total de um

Programa de Treinamento de Pais é de doze encontros conforme cita Stern (2003), porém essa informação diverge um pouco da encontrada em Caballo (1996) que diz que o número de sessões tem sido de dez, ocorrendo de 5 a 10 sessões, sendo realizadas uma ou duas vezes com duração de 60 a 90 minutos.

O Programa de Treinamento de Pais é um trabalho estruturado, podendo ocorrer em grupos com um número de encontros pré-estabelecido, sendo focalizado em uma questão central, que gira em torno do relacionamento pais e filhos, não se restringindo apenas a uma reflexão racional, mas envolvendo os sujeitos em suas formas de pensar, sentir e agir, como também ocorre nas oficinas, tal como define Afonso (2002, p.11):

A “oficina” é um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolvem os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir (AFONSO, 2002 p.11).

A principal diferença entre o Programa de Treinamento de Pais e as Oficinas se dá pelo fato de que o primeiro é uma espécie de grupoterapia formal, com número e conteúdos pré-definidos, buscando uma análise psíquica profunda de seus participantes quanto ao tema da educação parental, diferentemente das oficinas cujo foco é definido pelo grupo. No TP é de grande importância que se tenha como um facilitador um psicólogo, para compreender os fenômenos de grupo, escutar e intervir de modo respaldado por uma teoria e adequado tecnicamente.

A grupoterapia é um método de psicoterapia que tem como objetivo promover o crescimento pessoal e grupal tendo como fundamento os conhecimentos produzidos no campo amplo mais da psicologia social. (OSÓRIO, 2003)

O objetivo do estudo dos grupos envolve considera-los como: *microgrupos humanos, entendendo-se por tal todos aqueles nos quais os indivíduos podem reconhecer-se em sua singularidade (ou perceberem uns aos outros como seres distintos e com suas respectivas identidades psicológicas), mantendo ações interativas na busca de objetivos compartilhados* (OSÓRIO, 2003, p.11).

As grupoterapias lançam mão de técnicas de diversas abordagens, técnicas, teorias e métodos como a psicanalítica, psicodramática, gestalt terapia, dinâmica de grupo, grupo operativo, cognitivo comportamental, dentre outros para alcançar seus objetivos (OSÓRIO, 2003) tendo em comum o trabalho com os vínculos e as relações interpessoais no grupo.

Uma das vantagens da grupoterapia está relacionada ao fato de que, nessa forma de abordagem, um maior número de pessoas pode ser tratado em um mesmo período de tempo, diferentemente do que ocorre nas psicoterapias individuais. Segundo alguns estudos, como por exemplo, os de Bieling et al. (2008), quando o formato grupal é utilizado, e comparado ao tratamento individual, ele oferece uma eficácia superior em até 50%, além de poder poupar recursos financeiros e humanos. (BIELING, 2008) devido a esse fato podemos dizer que as grupoterapias são de grande valia na saúde pública uma vez que possibilita que um numero maior de pessoas sejam atendidas, desafogando os centro de saúdes e economizando recursos financeiros e humanos.

Bieling et al. (2008, p.16) afirmam que há um subconjunto de problemas clínicos que seriam melhores tratados quando se utiliza a abordagem em grupo, como é o caso da fobia social, uma vez que “o medo focalizado em outras pessoas, na avaliação social e na preocupação quanto ao modo como se é percebido pelos demais são prontamente testados no ambiente de grupo” (HEIMBERG et al., 1993 apud BIELING et al., 2008).

O sucesso aparente da abordagem grupal na TCC com base na eficácia e na relação custo-efetividade sugere que, ao longo do tempo, mais e mais transtornos. “Todas essas interações não são apenas casuais; envolvem oportunidades de aprendizado significativas e troca de informações, e claramente inclui um componente inerente “relacional” que é abordado com raridade nos protocolos tradicionais de TCC. A abordagem de grupo tradicional da TCC de modo geral não reconhece nem tira vantagem do fato de que o grupo em si pode criar um ambiente que apoie ou prejudique as metas gerais de aprendizado e utilização das estratégias cognitivas e comportamentais (BIELING et al., 2008, p.16).

Bieling et al. (2008) afirmam, ainda, que alguns autores reconhecem que as modalidades em grupo oferecem oportunidades “terapêuticas únicas” enfatizando que os pacientes podem reconhecer os erros cometidos por outros com mais prontidão do que o cometido por si próprio e que o grupo é capaz de produzir muitos

mais exemplos de conexão entre os pensamentos e sentimentos do que aconteceria possivelmente na psicoterapia individual. Afirmam que:

Por sorte, numerosos protocolos da TCC estão agora disponíveis na literatura, muitos deles baseados em estudos de eficácia cuidadosamente planejados. Várias abordagens para transtornos específicos, incluindo depressão, pânico, obesidade, transtornos alimentares, e Trabalhos com populações específicas também foram publicados (por exemplo, White e Freeman, 2000). Portanto, a literatura acerca da prática da TCC em grupo continua a crescer, com um número maior de recursos se tornando disponíveis (BIELING et al., 2008, p.16).

3.5.2 O Programa

O Programa foi estruturado no formato de passo a passo, sendo que os indivíduos só avançam para o passo seguinte quando conseguirem apreender ou por em prática o passo anterior. Os passos adotados nesta dissertação serão explicados abaixo.

Passo 1: *Por que as crianças se comportam de maneira inadequada?*

O objetivo deste passo é desenvolver a compreensão dos pais a respeito dos fatores que influenciam o comportamento da criança e realça a importância da observação das consequências de comportamentos desadaptativos e pró-sociais na família.

Passo 2: *Prestando atenção no comportamento do seu filho – Faça um recreio especial.*

Este passo tem como objetivo treinar os pais para diminuir a atenção sobre certos comportamentos e aumentar o uso de uma forma mais efetiva de atendimento e apreciação do comportamento. O esperado nesse passo é que os pais passem a prestar mais atenção no comportamento assertivo do filho, elogiando-o e valorizando-o. São utilizadas para esse encontro técnicas do “recreio especial”, que contribuem para descontrair o ambiente e aumentar o envolvimento dos pais com a criança motivando-as a cooperar com eles.

Passo 3: *Aumentando a brincadeira independente.*

Com este passo os pais são incentivados a participar de ensaios comportamentais, visando observar as atividades independentes da criança. Neste encontro são

criadas situações de desempenho de papéis, em que os pais aprendem a elogiar as crianças quando ela brinca independentemente.

Passo 4: *Prestando atenção no comportamento de seguir instruções.*

O objetivo deste encontro é orientar os pais a dar instruções corretas aos filhos, valorizando o comportamento obediente. Para isso, eles devem apresentar instruções curtas e de fácil execução e, em seguida, apreciar o desempenho da criança, observando como ela se comporta.

Passo 5: *Ensinando a ler o ambiente.*

O objetivo central desse passo é a aprendizagem de leitura do ambiente social, complementando o treino de observação do passo anterior, com outras habilidades. Os pais descrevem os desempenhos de maneira a identificar antecedentes e são frequentemente presentes em episódios de interação, depois são criados exercícios que possibilitam a identificação, interpretação dos comportamentos não verbais, permitindo inferir possíveis normas presentes nas situações sociais.

Passo 6: *Facilitando a empatia e dando ordens eficientes.*

Nesse passo as atividades estão relacionadas com a aprendizagem do conceito de empatia e a compreensão da importância do manejo comportamental dos filhos. Os pais são orientados para: a) prestar atenção aos sinais que a criança emite quando está vivenciando algum problema; b) ouvir de maneira atenta o que a criança tem a dizer colocando-se no lugar da criança oferecendo um modelo empático; c) expressar verbalmente compreensão e apoio; d) consequenciar positivamente as manifestações empáticas da criança; e) oferecer modelo de comportamento empático no ambiente doméstico. São também desenvolvida junto dos pais a capacidade de promover nos filhos algumas ordens que deverão ser cumpridas, sendo trabalhadas habilidades para dar ordens de forma adequada favorecendo seu cumprimento.

Passo 7: *Melhorando o comportamento na escola.*

Nesta etapa do treinamento explicita-se a importância do trabalho colaborativo entre pais e professores. Os pais são orientados a monitorar as tarefas escolares, sendo instruídos a comunicar esse monitoramento aos professores, aumentando a

probabilidade de maior atenção dispensada à criança na sala de aula, o que pode fortalecer a parceria entre a família e a escola.

Passo 8: *Representação de papéis.*

Este passo apresenta o modelo da teoria de papéis, segundo o qual o comportamento social depende da compreensão do próprio papel e do papel do outro na relação social. A situação de vivência permite que sejam exercitadas outras habilidades como as de *feedback*, elogio, observação e descrição de desempenho, comunicação empática etc.

Passo 9: *Desenvolvendo a capacidade de se expressar.*

Nesse passo são introduzidas informações sobre assertividade com ênfase no exercício dos próprios direitos e na expressão de pensamentos, sentimentos e crenças. As orientações são desenvolvidas no sentido de utilizarem ou promoverem contingências ambientais favorecedoras para a aquisição de comportamentos assertivos, discutindo com os participantes as vantagens e desvantagens da assertividade no contexto familiar (PINHEIRO, 2006).

3.6 O treinamento de pais como um instrumento de diminuição da violência

A ideia de usar o treinamento de pais, como instrumento de diminuição da violência, surgiu após essa técnica ter sido utilizada pela autora desta dissertação no Ambulatório de Trauma (AMTRA) que funciona no Serviço de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da UFMG, em Belo Horizonte, e que atende crianças, adolescentes e adultos vítimas de violência física e/ou psicológica, moral, *bullying*, negligência, abuso sexual, ou que passaram por situações extremas envolvendo riscos e muito medo ou até mesmo terror, tendo, além de dor crônica, desenvolvido um quadro de sofrimento mental denominado transtorno de estresse pós-traumático.

O Ambulatório de Trauma (AMTRA) foi inaugurado em dezembro de 2007, em cerimônia solene no salão nobre da faculdade de medicina da UFMG, contando com a presença do reitor, da professora convidada Elza, dos fundadores: professor Dr. José Carlos Cavalheiro da Silveira, Dr. José Belisário Filho e

professora Dra. Rute Velasquez, com a proposta de oferecer atendimento psicoterapêutico a pessoas com o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT, DSM-IV) pelo Sistema Único de Saúde (SUS). O modelo adotado privilegiava o atendimento em grupos sob a perspectiva da psicologia cognitiva, e acompanhamento psiquiátrico, se necessário. O ambulatório permanece atuando, sendo sua equipe multidisciplinar, formada por professores, clínicos de psicologia além de estudantes de psicologia e de medicina, coordenada pela professora doutora Rute Maria Velásquez Santos, psicóloga, e pelo professor doutor José Carlos Cavalheiro da Silveira, médico psiquiatra. O primeiro Treinamento de Pais foi conduzido pelas psicólogas Sandra das Dores Souza e Fernanda Junco Ruas Alves e o estudante de medicina Daniel Mota, sob a supervisão da professora Rute Velásquez.

As habilidades que este programa procura desenvolver se relacionam aos objetivos de possibilitar uma mediação produtiva nas relações pais-filhos:

- a. prestar atenção no comportamento positivo dos filhos;
- b. observar e analisar o comportamento das crianças em termos de seus antecedentes e consequentes;
- c. desenvolver um trabalho cooperativo com a escola, que possibilite controlar o comportamento da criança na escola a partir de contingências estabelecidas em casa;
- d. ignorar o comportamento negativo;
- e. relaxar e brincar com a criança, aprendendo a valorizar seus aspectos positivos;
- f. dar ordens eficientes;
- g. estimular a brincadeira independente, a autonomia e a iniciativa da criança;
- h. antecipar e precaver-se contra situações problemáticas;
- i. lidar com o comportamento problemático em locais públicos;
- j. estimular o desenvolvimento de habilidades sociais.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este estudo foi qualitativo, pois não trabalhou com dados estatísticos e buscou identificar e analisar em profundidade dados que são considerados de difícil mensuração, uma vez que tratam de sentimentos, sensações, percepções, pensamentos, intenções, comportamentos passados, entendimento de razões, significados e motivações que os pais têm e tinham em relação aos seus próprios comportamentos e com relação ao comportamento de seus filhos.

A metodologia de pesquisa qualitativa foi escolhida porque pode proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto do problema, uma vez que é um método indutivo que procura entender porque os indivíduos agem da maneira como agem, pensam como pensam e sentem da maneira como sentem.

Para entender melhor o contexto em que os indivíduos estão inseridos a pesquisa qualitativa lança mão de diversos métodos que podem ser empregados de acordo com o problema de pesquisa a ser estudado, sendo usada dentro de uma perspectiva exploratória, com o objetivo de definir um problema, gerar hipóteses e identificar variáveis importantes no contexto desse determinado problema. Os métodos utilizados são: grupos focais, entrevistas em profundidade, etnografia e observação participativa (Pólis Pesquisa/Belo Horizonte/2011).

Esses dados foram obtidos por meio da observação descrita pelos participantes do grupo, a partir de suas falas a respeito do que os pais percebiam em relação aos seus sentimentos, sensações, percepções, pensamentos, intenções, comportamentos passados, entendimento de razões, significados e motivações que os levavam a agirem da forma como agiam antes em relação aos comportamentos de seus filhos, buscando compreender mais a fundo suas vivências e as representações que os pais têm dessa experiência de vida.

Foi realizada uma intervenção na forma de oficina, em que foi possível avaliar os resultados desta intervenção através de entrevistas, testes, observação participante e grupo focal por meio da análise de conteúdo da fala dos participantes.

Foi adotado nesse estudo o método treinamento de pais, um programa objetivo e estruturado de intervenção psicossocial utilizado em comunidade com a finalidade de educar de forma que se buscou prevenir a prática de violência por pais na correção de comportamento indesejável de seus filhos. Os resultados foram obtidos a partir de anotações das falas dos participantes do grupo piloto (denominado Grupo 1) durante as sessões do Programa de Treinamento de Pais realizado por uma pesquisadora psicóloga (coordenadora do Grupo 1) e seus auxiliares de pesquisa (acadêmicos de medicina).

4.1 Instrumentos

Nesta dissertação foram utilizados, como instrumento de pesquisa, formulários que tiveram como objetivo colher dados e informações sobre a família e sobre os participantes do grupo de treinamento de pais que participaram desta pesquisa (ANEXO A), assim como o Inventário de Habilidades Sociais que avaliou o repertório de habilidades sociais dos participantes (ANEXO B).

Foi utilizada a observação participante com o objetivo de coleta de dados, informações e conhecimentos, favorecendo a compreensão do contexto cultural em que os participantes estão inseridos, a fim de inferir hipóteses, apontar tendências e criar possibilidade para se propor as ações possibilitadas pelo treinamento de pais. Os testes utilizados durante essa pesquisas são inventários aprovados pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia).

Foi utilizada também como ferramenta de análise a análise de discurso e análise de conteúdo da fala dos participantes com o objetivo de entender e interpretar os sentidos contidos nas falas dos participantes deste grupo de treinamento de pais, possibilitando uma maior objetividade para a interpretação.

Foi empregado também nesta pesquisa como instrumento de análise o grupo focal, que é uma técnica de coleta de dados capaz de promover uma ampla problematização sobre o tema estudado e possibilitar uma maior avaliação sobre a percepção dos pais participantes desta pesquisa.

4.1.1 Formulários e questionários

Foram aplicados coletivamente, pela pesquisadora e um auxiliar de pesquisa (estudante de medicina, previamente treinado), inventários e questionários sendo descritos a seguir.

- a. **Informações sobre a família e a criança.** Este questionário coleta, junto aos pais, informações sobre a família (ANEXO A).
- b. **Inventário de Habilidades Sociais** (IHS – Dell Prett e Dell Prett, 2001). É um instrumento de autorrelato que avalia o repertório de habilidades sociais com base na estimativa que o respondente faz sobre a frequência com que reage na forma indicada em cada item. As respostas do IHS são apresentadas em formato de escala (do tipo Likert que é um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários e pesquisas de opinião). Ao responderem a um questionário baseado nesta escala, os perguntados especificam seu nível de concordância com uma afirmação. Esta escala tem seu nome devido à publicação de um relatório explicando seu uso por Rensis Likert com cinco pontos que variam de nunca ou raramente a sempre ou quase sempre. (ANEXO B)

A aplicação dos questionários e inventários ocorreu de forma tranquila sem ocorrências que desqualificassem de alguma forma o procedimento técnico de aplicação de testes conforme descreve Cunha (2000) no manual de psicodiagnóstico.

Segundo Cunha (2000), a contribuição da psicometria (ciência que estuda os testes psicológicos) é essencial para garantir a cientificidade dos instrumentos do psicólogo. O psicometrista valoriza os aspectos técnicos da testagem, faz uso dos testes para obter dados e em sua abordagem o produto final costuma ser uma série de traços ou descrições de capacidades. (CUNHA, 2000)

Os testes são utilizados para fornecer subsídios que permitam confirmar ou infirmar as hipóteses iniciais, atendendo o objetivo da avaliação. O emprego de uma série de testes envolve a tentativa de uma validação intertestes dos dados obtidos, a partir de cada instrumento em particular, diminuindo, dessa maneira, a

margem de erro e fornecendo melhor fundamento para se chegar a inferências clínicas. (CUNHA, 2000)

É necessário esclarecer que o foco da testagem deve ser o sujeito e não os testes. Entretanto, para a melhor concentração junto ao paciente, o psicólogo deve estar seguro quanto à adequabilidade do instrumento para o caso em questão, saber manejar o material e ter foco nos objetivos a que se propõe para a administração de cada instrumento. Importante também revisar certas particularidades referentes aos instrumentos e às características do paciente, se a opção feita é a mais apropriada. (CUNHA, 2000)

Além disso, deve haver familiaridade do psicólogo junto ao teste a ser aplicado, jamais utilizando uma técnica em que não se sinta seguro e esteja suficientemente treinado. Outro fator de extrema importância é a organização do material antes que o paciente adentre a sala, de forma que fique acessível e o manejo seja facilitado. Deve, ainda, ter em mãos o cronômetro e outros materiais necessários, como protocolo do teste, lápis, borracha, apontador, papel em branco, entre outros (CUNHA, 2000).

É importante que o psicólogo esteja atento a qualquer indício sugestivo e consiga introduzir perguntas adequadas durante a colheita de subsídios na testagem de hipóteses. Antes da administração de qualquer teste ou técnicas, é preciso o estabelecimento de um bom *rapport*. Um clima descontraído de confiança e entendimento é necessário não somente para assegurar o desempenho do paciente durante a aplicação do teste, mas também para eliciar o surgimento de material projetivo, de forma a obter amostras diversas de comportamento que podem conduzir a um diagnóstico mais preciso. (CUNHA, 2000)

O momento da testagem deve ser manejado de modo a levá-lo a uma atitude de cooperação e amenizar a ansiedade natural, o ambiente deve ser iluminado e com condições de privacidade, aeração e silêncio. O profissional deve ser capaz de esclarecer as dúvidas do paciente, não apenas durante o *rapport*, mas também antes da introdução de um instrumento específico (CUNHA, 2000).

Na maioria das vezes, não há dificuldades quanto à manutenção de uma situação padronizada quando a administração de testes é realizada no consultório

do psicólogo. Entretanto, quando a testagem é realizada em outro ambiente como hospital ou escola, torna-se mais difícil manter as condições ideais, sobretudo evitar ruídos e interrupções, por isso a necessidade das providências cabíveis para evitar, ao máximo, as possíveis interferências. (CUNHA, 2000)

“A situação padronizada na aplicação de um teste garante, em parte, a fidedignidade de seus resultados” (CUNHA, 2000, p. 115). Mas para isso, é necessário seguir as instruções cuidadosamente. É recomendado memorizá-las ou mantê-las ao alcance dos olhos para não deixar que o examinador omita ou substitua enganosamente alguma palavra ou expressão.

Após serem explicitadas as instruções, normalmente, não é permitida uma ajuda extra, exceto por meio de estímulos neutros de forma a assegurar o entendimento do paciente. “É preciso o máximo de cautela para que tais ‘estímulos neutros’ não se transformem em indícios que podem ser percebidos como sugestões sobre a maneira de agir” (CUNHA, 2000, p.115).

A administração de testes pressupõe uma interação clínica e por isso pode suscitar respostas inconscientes do psicólogo sobre aspectos do comportamento do paciente, por isso se o psicólogo perceber em si algumas reações afetivas como intolerância, enfado, ansiedade, raiva ou outros sentimentos diante do comportamento do examinando, deve utilizá-las de forma sutil, de modo que não interfira no contexto da testagem, como fonte de informação para um melhor entendimento dinâmico do caso (CUNHA, 2000).

É preciso que o psicólogo esteja bem cômico dos aspectos estruturais e dinâmicos da situação de testagem para que possa fazer do paciente o foco principal de sua atenção. As respostas deste devem estar anotadas em sua íntegra, isto é, não apenas especificamente as respostas ao teste, mas também todas as suas reações, verbais ou não. Isto vale dizer que todos os indícios comportamentais explícitos ou implícitos devem ser cuidadosamente observados e registrados durante a administração de teste e técnicas (CUNHA, 2000, p.116).

Apesar de existir uma situação padronizada de testagem, o psicólogo não deve lidar com ela como se fosse meramente um testólogo, mas deve estar atento, de uma maneira clínica, ao sujeito que reage no aqui e agora da interação de maneira personalizada (CUNHA, 2000).

4.1.2 Observação participante

Neste estudo foi utilizada também como uma das ferramentas de coleta de dados a observação participante uma vez que essa técnica possibilita levantar dados, informações e conhecimentos, favorecendo a compreensão do contexto cultural para que seja possível inferir hipóteses, apontar tendências e então criar possibilidade de se propor ações.

Segundo Magalhães e Pinto (2010), a observação participante consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. No entanto, de acordo com as autoras acima citadas a sua utilização não exclui o emprego de outros métodos de coleta de dados, informações e conhecimentos igualmente válidos nos trabalhos de pesquisa, sendo também possível a utilização de questionários e entrevistas, técnicas projetivas e análise de registros anteriores envolvendo a mesma temática da pesquisa. (MAGALHÃES; PINTO, 2010)

4.1.3 Análise do discurso

De acordo com Rocha e Deusdará (2005), pode ser situada de forma bem sintética o surgimento da análise do discurso no final dos anos de 1960, sendo decorrente de uma insuficiência de uma análise de texto, que se pautava prioritariamente por uma visão conteudista.

Neste contexto, segundo os autores citados, imperava de um lado as ciências humanas e sociais em um contexto que era marcado pela orientação de uma psicologia social em uma versão behaviorista (perspectiva desenvolvida nos Estados Unidos a partir da primeira metade do século XX), e de outro lado havia um predomínio de uma concepção de linguagem que era influenciada pelos sistemas “informacionais” de comunicação (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005).

Para Rocha e Deusdará (2005), a análise do discurso propõe o entendimento de um plano discursivo que procura articular a linguagem e a sociedade, sendo estas entremeadas pelo contexto ideológico, pretendendo

consolidar uma alternativa de análise mesmo que esta esteja de certa forma à margem da tradicional, se tornando um alargamento teórico, originado de um olhar diferente que é lançado sobre as práticas de linguagem:

A análise do Discurso, portanto, pretende não instituir uma “nova linguística”, mas consolidar uma alternativa de análise, mesmo que marginal, à perspectiva “tradicional”. Um alargamento teórico, uma possibilidade outra, originada de um olhar diferenciado que se lança sobre as práticas linguageiras (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p.308).

Existem muitos estilos diferentes de análise de discurso, com enfoques variados, a partir de diversas tradições teóricas, tendo em comum a tomada do discurso como objeto (MUTTI, 2004).

De acordo com os estudos de Mutti (2004), a análise de discurso não é uma metodologia, seria então uma disciplina de interpretação fundada pela intersecção de epistemologias distintas que pertencem a áreas da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise. Essa contribuição se deu da seguinte forma: a linguística deslocou a noção de fala para o discurso, o materialismo histórico contribuiu com a emergência da teoria da ideologia e a psicanálise por sua vez contribuiu com a noção de inconsciente, fazendo com que a análise do discurso trabalhe com o decentramento do sujeito (MUTTI, 2004).

O processo de análise do discurso pretende, então, interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção que podem ser verbais e não verbais, sendo suficientes que sua materialidade produza sentido para a interpretação, podendo também ser intercruzadas com séries textuais, de origem orais ou escritas, imagens ou linguagens corporais (MUTTI, 2004).

A análise do discurso trabalha com o sentido e não apenas com o conteúdo do texto, sendo este um sentido que não é traduzido, mas produzido, podendo então afirmar que o “corpus” da análise do discurso é constituído do seguinte modo: ideologia + história + linguagem. Segundo esse enfoque pode então ser entendido que a ideologia é tida como um posicionamento do sujeito, quando esse se filia a um discurso, sendo um processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, gerando pistas do sentido que o sujeito pretende dar (MUTTI, 2004).

[...] na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-constituídos que são ecos da memória do dizer. Entende-se como memória do dizer o interdiscurso, ou seja, a memória coletiva constituída socialmente; o sujeito tem a ilusão de ser dono de seu discurso e ter controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, porque todo discurso já foi dito antes (MUTTI, 2004, p.681).

A linguagem é, por sua vez, considerada opaca e heterogênea, não sendo nem transparente e homogênea como muitas vezes apresenta ser, fazendo com que muitas vezes seja capaz de equívocos e falhas. O equívoco se dá contra a ideia do sentido único do enunciado, uma vez que permite muitas outras leituras, e o sentido não está inerente à palavra, sendo este um elemento simbólico, podendo escapar, por não estar fechado e nem ser exato, sendo muitas vezes incompletos, e por isso o analista deve então buscar os efeitos do sentido, uma vez que o enunciado não diz tudo que deseja dizer, precisando então sair do enunciado para se chegar ao enunciável através da interpretação (MUTTI, 2004).

Na interpretação o analista é um interprete que faz uma leitura que também é discursiva e por sua vez vem influenciada por seu afeto, sua posição e crenças, embasadas também em suas experiências e vivências; devido a esse fato sua interpretação nunca será absoluta e única, uma vez que também produzirá seu próprio sentido. A interpretação, então, deverá ser feita sempre entre o interdiscurso e o intradiscurso, de forma que se chegue às posições representadas pelo sujeito através das marcas linguísticas, uma vez que a análise do discurso não vai trabalhar com a forma e o conteúdo, mas irá buscar os efeitos e os sentidos que poderão ser apreendidos através da interpretação (MUTTI, 2004).

4.1.4 Grupo focal

O grupo focal surgiu na década de 1950, por Robert Merton com o intuito de avaliar o treinamento e filmes morais, resultando na publicação de um livro sobre a técnica. Os grupos focais utilizam a interação grupal para produzir dados e *insights*, que dificilmente seriam conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos no grupo focal levam em conta o processo grupal que são tomados como maior do que a soma de opiniões e pontos de vista individuais (KIND, 2004) .

Conserva o caráter de técnica de coleta de dados, sendo muito adequado nas pesquisas qualitativas. Pode ser considerado como um instrumento de coleta de dados em que o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de poder observar as interações características do processo grupal, tendo como objetivo obter uma variedade de informações, sentimentos, experiências acerca de um determinado tema (KIND, 2004).

Tomemos, então, o grupo focal como um procedimento de coleta de dados no qual o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de observar as interações características do processo grupal. Tem como objetivo obter uma variedade de informações, sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um tema determinado (KIND, 2004, p.126).

O grupo focal é uma técnica de coleta de dados que promove uma ampla problematização sobre um tema específico a partir da interação grupal. Teve sua origem no cenário da pesquisa social, sendo utilizado nas áreas da antropologia, ciências sociais, mercadologia e educação em saúde. Embora tenha se originado da pesquisa social ficou à margem dos estudos dessa área, em virtude do predomínio da observação participante e da entrevista semiestruturada (BAKES et al., 2011).

É uma técnica que vem sendo retomada a partir do final da década de 80, sendo utilizada como principal técnica de coleta de dados, podendo ser caracterizada por ser uma entrevista em grupo na qual a interação é configurada como parte integrante do método (BAKES et al., 2011).

Os encontros grupais proporcionam aos participantes a possibilidade de explorarem seus pontos de vista, a partir de reflexões sobre um determinado fenômeno social, gerando suas próprias perguntas e buscando respostas pertinentes à questão que está sendo investigada, podendo desse modo atingir um nível reflexivo que outras técnicas não conseguem alcançar, proporcionando dimensões de entendimento que frequentemente permanecem inexploradas por outras técnicas convencionais de coletas de dados (BAKES et al., 2011).

O grupo focal se organiza em torno de uma tarefa específica, que busca fornecer informações acerca de um tema anteriormente determinado. Deve ser muito mais diretivo do que os grupos operativos, cabendo ao mediador intervir sempre que tema for extrapolado, diferentemente do grupo operativo que cabe ao moderador acompanhar o movimento do grupo (KIND, 2004).

Segundo Kind (2004), o ponto em comum entre os autores é a importância do grupo focal como técnica que visa a produção de conhecimento ligados à prática de pesquisa. Segundo essa autora os grupos focais devem ser utilizados quando:

1) a interação pode fomentar respostas mais interessantes ou novas e ideias originais; 2) a pressão de participantes homogêneos facilita suas reflexões, ao mesmo tempo que incita opiniões contrárias; 3) o tema não é tão delicado a ponto de dificultar as respostas; 4) o tema tem a possibilidade de ser discutido por todos os participantes (KIND, 2004, p.127).

Todos os critérios de constituição de grupos focais devem ser baseados na coerência dos objetivos de pesquisa previamente definidos, cabendo ao pesquisador delinear os grupos de forma coerente visando o que se quer investigar. (KIND, 2004)

Não há um consenso quanto ao número de participantes para um grupo focal, porém alguns autores dizem que deve ser de 6 a 15 pessoas. Deve-se levar em conta a garantia de que o grupo tenha um número de participantes que possibilite a todos a oportunidade de falar sem que a discussão se torne excessivamente diretiva (KIND, 2004).

Quanto à duração média do grupo focal, a bibliografia sugere que seja de 90 a 120 minutos, não devendo ultrapassar muito o tempo proposto no contato inicial com o grupo. O ambiente ideal para a realização do grupo deve propiciar privacidade, ser confortável, estar livre de interferências e ser de fácil acesso para os participantes (KIND, 2004).

As etapas previstas para o funcionamento do grupo focal são: abertura, preparação, debate, encerramento, discussão, ação posterior. O procedimento de análise dos grupos focais envolve tanto uma análise temática como também uma análise das interações interligadas (KIND, 2004).

Todo procedimento de coleta de informações foi norteado por princípios da ética na pesquisa, respeitando igualmente todos os direitos dos participantes, que assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para análise das falas dos pais foi utilizada a análise de conteúdo.

4.1.5 Análise de conteúdo

O método de análise de conteúdo é constituído por um conjunto de técnicas utilizadas na análise de dados qualitativos. Foi sistematizado na primeira metade do século XX, sendo a princípio uma importante ferramenta na busca dos sentidos dos artigos e propagandas da imprensa escrita nos Estados Unidos. Atualmente a análise de conteúdo é um método amplamente utilizado em pesquisas científicas no campo da saúde (CAMPOS, 2004).

A primeira tentativa para responder à indagação do significado da mensagem surgiu com a decodificação de símbolos, sinais e mensagens por meio de uma avaliação minuciosa dos textos bíblicos conhecida como exegese, para uma possível interpretação de metáforas e parábolas contidas nesse documento (CAMPOS, 2004).

Posteriormente, no século XVII, na Suécia em 1964, análises de conteúdo são citadas em referência à pesquisa de autenticidade de hinos religiosos e os efeitos que poderiam ter sobre os luteranos (CAMPOS, 2004). No período entre 1888-1892, o francês B. Bourbon tentou captar a expressão das emoções e tendências da linguagem, utilizando estudos bíblicos numa perspectiva temática e quantitativa.

Um exemplo clássico sobre a utilização da análise de conteúdo é a utilização na interpretação dos artigos da imprensa, sobre tudo nos Estados Unidos no início do século XX, onde há uma maior desenvolvimento dessa técnica, para medir o impacto sensacionalista dos artigos. Com o advento da 1ª guerra mundial o interesse se voltou para o estudo da propaganda (CAMPOS, 2004).

De acordo com os estudos de Mutti (2004), a análise de conteúdo surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos para analisar o material jornalístico, ocorrendo um impulso entre os anos de 1940 e 1959, quando os cientistas começaram a se interessar pelos símbolos políticos. (MUTTI, 2004)

Esta técnica, segundo a autora, já existe há mais de meio século em diversos setores das ciências humanas, podendo ser tanto qualitativa quanto quantitativa, porém existe uma diferença entre essas duas abordagens, uma vez que

na abordagem quantitativa se traça uma frequência das características que se repetem no conteúdo do texto, enquanto que na abordagem qualitativa se considera a presença ou ausência de características de conteúdo ou conjunto de características num determinado fragmento de mensagem (MUTTI, 2004).

A maioria dos autores, segundo as pesquisas de Mutti (2004), consideram a análise de conteúdo como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo produzir interferências do conteúdo da comunicação de um texto relacionadas com seu contexto social. Na análise de conteúdos o texto é um meio pelo qual o sujeito se expressa, e o analista deve buscar categorizar as unidades de texto que se repetem, inferindo expressões que as representem. (MUTTI, 2004)

Para Bardin (1994 citada por MUTTI, 2004), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações que visa obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição de conteúdos das mensagens que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens.(MUTTI, 2004)

A análise de conteúdo costuma ser feita por meio do método de dedução frequencial ou análise por categorias temáticas, segundo o qual a dedução frequencial consiste em enumerar a ocorrência de uma mesma palavra (signo linguístico) que se repete com frequência, não se preocupando com o sentido contido no texto e nem com a diferença de sentido existente entre um texto e outro, culminando então em descrições numéricas e tratamento estatístico, enquanto que a análise por categorias temáticas busca encontrar uma série de significados que o codificador detecta através de indicadores que lhes estão ligados, ou seja, codificar ou caracterizar um seguimento significa colocá-lo em uma das classes de equivalências definidas a partir de significações em função do julgamento do codificador para aprender o que importa (MUTTI, 2004).

A análise categorial é o tipo de análise mais utilizada na prática, sendo também a mais antiga. Funciona por operações de desmembramentos do texto em categorias segundo reagrupamentos analógicos e essa análise poderá ser temática sendo construídas a partir da construção de categorias conforme os temas emergidos do texto, sendo que para se classificar os elementos em categorias é

necessário identificar o que tais elementos têm em comum, para então ser possível seu agrupamento (MUTTI, 2004).

Mutti (2004) cita em seu artigo que a análise de conteúdo é composta por três etapas: a pré-análise; a exploração do material e por fim o tratamento dos resultados e a interpretação, sendo descrito por Bardin (1994) que a primeira etapa é tida como a fase de organização, que podem ser utilizados vários procedimentos. Estes procedimentos podem ser: leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaborações de indicadores que servem como base para fundamentar a interpretação. (MUTTI, 2004)

Na segunda etapa os dados passam a ser codificados a partir das unidades de registro. Na última etapa é feita então a categorização que consiste em classificar os elementos segundo semelhanças e por diferenciação com um posterior reagrupamento em função das características comuns (MUTTI, 2004).

Berelson (1984 apud CAMPOS, 2004) na década de 40 apresentava uma definição para a análise de conteúdo baseada no modelo cartesiano de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa. Bardin configura a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens, porém essa autora afirma que este conceito não é suficiente para definir a especificidade da técnica; acrescenta que a intenção é a inferência de conhecimentos relativa às condições de produção (CAMPOS, 2004).

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicação, sendo destacada nesse campo a importância da semântica para o desenvolvimento do método. A semântica aqui é entendida como a pesquisa do sentido de um texto. Pode-se então dizer que o método de análise do conteúdo é balizado por duas fronteiras, de um lado a linguística tradicional e de outro o território da interpretação do sentido das palavras.(CAMPOS, 2004).

Se for escolhido o caminho da linguística tradicional, a análise de conteúdo abarcará os métodos lógicos estéticos no qual são buscados os aspectos

formais típicos do autor ou texto. Nesse campo, o estudo dos efeitos do sentido da retórica, da língua e da palavra, evolui para a análise do discurso (CAMPOS, 2004).

Sob a fronteira da hermenêutica, os métodos são puramente semânticos sendo subdivididos em métodos psicológicos semânticos que procuram pesquisar as conotações que formam o campo semântico de uma imagem ou um enunciado e em método semânticos estruturais que se aplicam a universos psico-semânticos mais ampliados (CAMPOS, 2004).

Entre essas duas fronteiras localiza-se o grupo dos métodos lógico-semânticos, lógicos, pois se o alcance da análise de conteúdo é de um classificador, a classificação é lógica e segue parâmetros mais ou menos definidos e o analista se vale de definições que são problemas de lógica (CAMPOS, 2004).

Silva (2004) afirma que qualquer comunicação que seja vinculada por um conjunto de significações de um emissor para um receptor pode ser traduzida pelas técnicas de análise de conteúdo, partindo do pressuposto de que, por trás do discurso aparente, existe um sentido oculto que convém descobrir. Segundo essa autora, a análise de conteúdo sofreu influência da busca de cientificidade e da objetividade, recorrendo então a um enfoque quantitativo que pudesse oferecer um alcance meramente descritivo. (SILVA, 2004)

Nesse contexto a análise das mensagens se fazia pelo cálculo de frequências. Essa deficiência então cedeu lugar à análise qualitativa, de forma que possibilitou a interpretação dos dados, possibilitando ao pesquisador compreender características, estruturas e modelos que estão por trás das mensagens (SILVA et al., 2004).

A análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa quanto na qualitativa, porém com aplicações diferentes, sendo que na quantitativa o que serve de informações é a frequência com que surgem certas características do conteúdo, enquanto que na pesquisa qualitativa o que é observado é a presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento da mensagem que é levado em consideração (BARDIN, 1994).

Segundo Rocha e Deusdará (2005), a análise de conteúdo aposta no rigor do método como uma forma para não se perder na heterogeneidade de seu objeto, tratando-se de uma sistematização, de uma tentativa de conferir maior objetividade a uma atitude que conta com exemplos dispersos de pesquisa com textos. (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005)

Para esses autores, embora a inovação da análise de conteúdo tenha consistido em contribuir com procedimentos “científicos” de uma técnica de leitura, há algo que permaneceu ao longo do tempo, sendo o objetivo de atingir uma “significação profunda” dos textos. Segundo esses autores, essa significação só pode surgir depois de uma observação cuidadosa ou de uma “intuição carismática” (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005).

Ainda segundo Rocha e Deusdará (2005), a análise de conteúdo se funda em um modelo duro, rígido, de corrente positivista, herdeiro de um ideal preconizado pelo iluminismo, centrando-se na crença de que a “neutralidade” do método seria a garantia para se obter resultados mais precisos.

Segundo esses autores, essa busca então caracterizar-se-ia inicialmente pelo equívoco de associar análise quantitativa e “objetividade”, havendo sempre um “patrulhamento” no sentido não só de preservar a objetividade, mas também no sentido de afastar qualquer “indício de subjetividade” que venha invalidar a análise. Para esses autores, aproximar-se da neutralidade, seria então, sustentar a análise de conteúdo como ciência, no qual o analista seria um detetive munido de instrumentos de precisão que busca atingir a significação profunda dos textos. (ROCHA; DEUSDARA, 2005)

O rigor, portanto, é o fundamento das contribuições oferecidas pela Análise de Conteúdo, uma vez que, por intermédio dessa característica, afirma-se a possibilidade de ultrapassar as “aparências”, os níveis mais superficiais do texto, residindo nesse processo de descoberta a desconfiança em relação aos planos subjetivo e ideológico, considerados elementos de deturpação da técnica. A explicitação de um ponto de vista, qualquer que seja a ótica explicitada, desvirtua os rumos da análise, ou seja, a ideologia é vista como o descaminho da descoberta científica. ‘Estes dois polos, desejo de rigor e necessidade de descobrir, de adivinhar, de ir além das aparências, expressam as linhas de força do seu desenvolvimento histórico e o aperfeiçoamento que atualmente, ainda a faz oscilar entre duas tendências (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p.309-310).

Rocha e Deusdará (2005) concluem que o texto se configura como uma estratégia de encobrimento de uma “significação profunda”. Para esses autores a principal pretensão da análise de conteúdo seria vislumbrada na possibilidade de fornecer técnicas precisas e objetivas de forma que sejam suficientes para garantir a “descoberta do ‘verdadeiro’ significado”, sendo então importante reafirmar a certeza de que haveria um sentido a ser resgatado e de que o texto seria então o “esconderijo” e ao analista, “encaminhado” pela ciência caberia, então, descobri-lo. (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005)

4.2 A experiência da Escola Estadual Alberto Del Pino

Esta pesquisa foi implementada em uma escola da rede estadual de Belo Horizonte, que está localizada na região central do Barreiro e atende alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental e alunos do 1º e 2º ano do ensino médio. A grande maioria dos alunos reside em aglomerados próximos à escola, que frequentemente procuravam a diretora da escola, por apresentarem dificuldades em lidar com os filhos.

4.3 Público alvo

Este estudo contou com a participação de 10 pais selecionados a partir da referência dos filhos indicados pela própria escola. As habilidades sociais e os estilos parentais foram avaliados por meio de inventários e questionários sobre o comportamento das crianças, aplicados junto aos pais antes e depois da intervenção, e por depoimento dos mesmos durante os encontros semanais.

O contato com o grupo de pais e o convite foi realizado pela diretora da escola na própria escola por meio de bilhetes enviados aos pais pelos próprios alunos. Foi realizada então uma reunião para apresentação do Treinamento de Pais para os pais da escola e logo em seguida aplicados os questionários e inventários, a partir daí os pais interessados se inscreveram para o programa.

Vinte pais compareceram à primeira reunião, porém desses vinte, apenas onze deram continuidade ao treinamento, sendo que uma das mães se distanciou a partir do terceiro passo do programa, totalizando uma amostra de dez pais.

4.4 Etapas do trabalho

O Programa de Treinamento de Pais foi desenvolvido nas seguintes etapas:

- a. **Etapa 1:** divulgação e composição do grupo. Inicialmente houve divulgação do programa e elaboração da lista de pais interessados em participar deste experimento por meio da própria escola. O grupo iniciou os trabalhos no mês de agosto de 2012.
- b. **Etapa 2:** avaliação pré-treinamento. Para avaliação pré-treinamento, iniciada após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO C), os pais foram convidados a participar respondendo os seguintes questionários: informações sobre a família e a criança e Inventário de Habilidades Sociais (IHS – DELL PRETT; DELL PRET, 2001) com o auxílio da pesquisadora.
- c. **Etapa 3:** intervenção: a intervenção conduzida pela pesquisadora contou com a colaboração de um auxiliar de pesquisa. O programa foi composto por nove sessões com duração de aproximadamente 90 minutos cada uma. O auxiliar de pesquisa (acadêmico de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG) foi devidamente orientado quanto ao roteiro de observação participante. O programa, previamente adaptado pela pesquisadora, utilizou o formato de passos. Cada passo destacou uma habilidade específica.
- d. **Etapa 4:** grupo focal que contou com a participação dos pais que participaram no primeiro momento do Grupo de Treinamento de Pais.
- e. **Etapa 5:** avaliação pós-treinamento: foi feita por meio dos questionários: Informações sobre a criança, Inventário de Habilidades Sociais (IHS) já citados anteriormente e aplicados no início do treinamento e depoimentos escritos pelos pais para avaliação qualitativa.

4.5 Análise e apresentação dos encontros

Os encontros semanais aconteceram aos sábados em uma sala disponibilizada pela escola, com início às 15h30min, tendo uma duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos. O primeiro encontro foi destinado à apresentação dos participantes, da pesquisadora e do auxiliar de pesquisa, bem como para informes, combinados e diagnósticos pré-treinamento.

Cada encontro foi organizado em três tempos. No primeiro tempo eram realizadas discussões sobre as tarefas propostas na semana anterior. Nesse momento os sucessos, as dificuldades, as dúvidas e as falhas foram analisados pelo grupo mediado pela pesquisadora. No segundo tempo apresentou-se o “passo” correspondente àquela sessão conforme a sequência pré-estabelecida. Os pais foram incentivados frequentemente a falarem de suas experiências, incluindo dificuldades e acertos. No último tempo, foram apresentadas pela pesquisadora as tarefas de casa a serem realizadas no decorrer da semana.

A partir do segundo encontro, foram realizadas as etapas de intervenção propriamente ditas, cuja temática foi organizada nos nove “passos” da etapa 3, citada acima, um a cada encontro, com exceção dos passos 5 e 6 que foram aplicados juntos.

4.5.1 Primeiro encontro

A apresentação dos encontros se deu em 25/08/2012 e o programa iniciou com um grupo de 11 pais sendo que uma das participantes se afastou a partir do terceiro passo. Foi realizada em uma sala da escola que fica na região do Barreiro, bairro que pertence à região metropolitana de Belo Horizonte. A sala era ampla, bem arejada, com carteiras e cadeiras individuais, onde foi feita uma apresentação detalhada do Programa de Treinamento de Pais pela pesquisadora que utilizou um retroprojetor para a apresentação.

Todos os pais se apresentaram falando seus nomes, quem eram e os nomes de seus filhos, uma professora da escola também participou do encontro, uma

afirmação desta professora de que “arte não pode ser vista como entretenimento”, gerou alguma polêmica, mas, em geral, os pais concordaram com a professora.

Demorou-se algum tempo nesse tópico, que apesar de não se relacionar diretamente com o objetivo do presente trabalho, atraiu a atenção dos pais. Os pais, então, passaram a falar sobre suas principais dificuldades, aquelas que consideravam piores ou mais difíceis de lidar no convívio com os filhos, sendo o problema mais relevante, segundo eles, o comportamento desobediente.

Durante as falas dos pais foi observado que houve interação entre os membros do grupo, sendo que enquanto um falava outros concordavam e davam exemplos de dificuldades semelhantes pelas quais passavam com seus filhos. Nestes momentos de interação o “clima” do grupo era de tranquilidade uma vez que não houve elevação das vozes, gesticulações exageradas ou interrupções bruscas da fala de outro participante.

A pesquisadora e seu auxiliar estiveram presentes todo o tempo da sessão. A pesquisadora fez intervenções esclarecedoras quanto a dúvidas levantadas e promoveu reflexões sobre as crenças do grupo quanto ao papel dos pais na educação de seus filhos. Neste primeiro momento foi observado que os pais se queixavam da desobediência de seus filhos, mas não se perguntavam sobre o porquê que os filhos os desobedeciam e nem se questionavam sobre a sua atuação diante da desobediência de seus filhos. Ficou patente que os pais acreditavam que o problema era dos filhos. Durante todo este passo o auxiliar de pesquisa fez anotações do que era dito e do que acontecia no grupo.

Após esse primeiro momento foi feita uma pausa nas atividades para que fosse servido um lanche, momento no qual os pais puderam interagir em um momento de descontração com os outros pais e com os pesquisadores.

Após o lanche foi apresentada aos participantes do grupo a necessidade ética do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para este estudo e após os esclarecimentos compatíveis os termos foram assinados por todos os membros. Nesse momento uma das participantes disse que não poderia participar do Programa de Treinamento de Pais por falta de disponibilidade de tempo aos sábados, quando ocorreriam os encontros, embora desejasse participar. Esta

participante não assinou o TCLE. A seguir foram aplicados os seguintes questionários:

- a. Informações sobre a criança;
- b. Inventário de Habilidades Sociais (IHS).

4.5.2 Segundo encontro

Neste segundo encontro, em 01/09/2012, abordando as regras e limites do Grupo 1 de treinamento de pais, houve a presença de três pais que não estavam presentes no primeiro. Foi então feita uma nova apresentação do Programa de Treinamento de Pais para que esses tivessem acesso às informações e para tirar as possíveis dúvidas dos pais que estavam presentes no primeiro. Para este encontro compareceram 10 pais e foi firmado os “combinados” do grupo estipulados pelos próprios pais, que decidiram que seriam: respeito, esportividade, maturidade, responsabilidade, comprometimento, sigilo, confiança, pontualidade, tolerância, entusiasmo e paciência.

A temática principal deste encontro foram os valores e as qualidades que os pais participantes deste grupo levantaram como importantes para a qualidade nas relações para este grupo de trabalho. Os pais falaram da importância do respeito de um para com os outros, de ser ter responsabilidade em participar dos encontros e colocar as tarefas em dia, de se comprometerem com o trabalho que estava sendo efetuado, do compromisso com o sigilo do conteúdo das sessões, da importância de serem pontuais aos encontros, da necessidade de tolerância e paciência de uns com os outros e do entusiasmo em participar do grupo.

4.5.3 Terceiro encontro

Realizado em 08/09/2012, abordou a percepção do comportamento violento na relação entre pais e filhos e mobilização dos pais para conseguir um local onde o encontro pudesse se realizar.

No terceiro encontro foi desenvolvido o primeiro passo, intitulado: “*Por que as crianças se comportam de maneira inadequada?*”. Neste encontro começou

efetivamente o Programa de Treinamento de Pais, com a presença de 10 pais, todos chegaram antes do horário previsto demonstrando envolvimento com o trabalho e vontade de participar. Um dos pais que não pode comparecer enviou mensagem de celular avisando que não poderia estar presente naquele dia.

Houve um imprevisto com relação à escola, posto que não apareceu ninguém para abrir o portão para a entrada do grupo no local; sendo sábado a escola estava fechada e não sendo possível acontecer o encontro no lugar de costume, os próprios pais se mobilizaram para que o treinamento não deixasse de acontecer.

Uma das mães forneceu à pesquisadora o telefone da vice-diretora da escola. Após o contato, a vice-diretora disse que não seria possível que alguém pudesse comparecer à escola para abri-la. Deste modo, os próprios pais se mobilizaram para conseguir um local onde o encontro pudesse se realizar. Uma das mães conseguiu uma quadra de futebol e todos se dispuseram a ir.

O encontro foi realizado e os pais demonstraram muito envolvimento com as atividades e com bastante desejo de colocar seus pontos de vista, alguns pais relataram suas experiências em relação aos filhos e todos os membros participavam escutando e se posicionando frente ao assunto. A pesquisadora fazia suas pontuações que eram bem acolhidas por todo o grupo.

Neste encontro as atividades estavam previstas para terminar às 17 horas, porém pelo envolvimento do grupo se estendeu até às 17h40min. Ao final do encontro a pesquisadora pediu que manifestassem sobre o que tinham aprendido com o grupo naquele dia e todos informaram que tinha sido muito bom, sinalizando alguns aspectos que julgavam importantes.

Um dos pais que tinha aprofundado no relato da experiência com uma das filhas e relatou uma experiência de violência com a filha, ao final do grupo disse que se sentiu muito à vontade para falar deste assunto no grupo e que tentaria fazer diferente “daqui pra frente” demonstrando muita motivação em voltar para os próximos encontros.

O fato de o encontro ter acontecido em um local diferente do lugar de costume e o fato de ter sido realizado em uma quadra de futebol não alterou as atividades e nem interferiu nos resultados esperados para aquela sessão. Neste encontro pode ser percebido como temática principal o comprometimento dos participantes e a motivação para participar das atividades do grupo.

4.5.4 Quarto encontro

O quarto encontro aconteceu em 29/09/2012 e abordou o limite entre a rigidez e a negociação das regras e diálogo /a forma como falar/a comunicação com o filho.

No encontro destinado ao passo intitulado: *“Prestando atenção no bom comportamento de seu filho – faça um recreio especial”* os pais compareceram ao encontro, porém em virtude de uma feira de cultura que estava acontecendo na escola os pais demonstraram-se divididos em relação à participação na feira ou no treinamento de pais.

Como o treinamento tem como um dos objetivos melhorar o relacionamento dos pais com os filhos, a participação dos pais na feira seria de grande importância, razão pela qual foi decidido suspender o treinamento e tornar ativa a participação da pesquisadora e auxiliares prestigiando o evento.

No encontro seguinte estiveram presentes no treinamento sete pais. O grupo iniciou com o relato deles sobre a participação dos mesmos na feira de cultura organizada pela escola e o que eles acharam do evento. A maioria classificou a iniciativa como boa e que o evento favorece a interação entre pais e filhos.

Depois foi iniciada uma discussão sobre quais atitudes os pais tomam diante de comportamentos adequados e inadequados, uma das tarefas propostas. Uma das mães destacou a importância da dedicação e mobilização para contribuir com a feira de ciências e as atividades do filho na escola. Apontou o problema de organização da escola: *“o evento começou atrasado, crianças menores apresentaram por último”*, mas também relatou os pontos positivos, como as salas ambientes ricamente decoradas.

Com relação ao comportamento do filho, esta mãe disse que ele apresentou algumas mudanças de hábitos. Assim que chegava da escola ele já ia tomar banho e que agora estava se alimentando melhor. Contudo, depois de uma semana, voltou a fazer chantagem para comer. Disse que diante de seu comportamento positivo, fazia elogios ao filho, mas depois que o mesmo voltou a fazer chantagem e birra, ela cedeu às suas vontades. Relatou dificuldade em lidar com a situação. Insiste para o filho comer, mas é vencida pelo cansaço e acredita que, às vezes, cede às vontades do filho. Reclama dos maus hábitos alimentares do filho.

Os outros pais que participantes do encontro fizeram algumas observações com relação à situação: *“eu não abriria mão, regras devem existir”*; *“se todo mundo parar de ceder, ele come”*, disse outra mãe. *“Pulso firme, mas com amor”*; *“É preciso despertar o prazer no filho em comer”*, disse, outra mãe. Diante dos comentários, a mãe que levantou o assunto disse: *“é uma peleja, uma insistência constante, quase imploro para ele comer”*. *“Você está se culpando e se cobrando demais”*, disse uma terceira mãe. *“Tenho muita dificuldade com meus filhos, minha filha mais velha, por exemplo, além de carente é manipuladora”*, concluiu a mãe que iniciou o assunto.

Um dos pais afirmou que sua filha come de tudo, mas que é desorganizada e preguiçosa. Informou que o filho é mais organizado e tem problema com alimentação, mas não insiste muito para ele comer. Questionado sobre qual seria sua reação diante de comportamentos esperados e não esperados disse: *“eu sou muito seco, mas eu elogio”*; *“eu não tenho muita paciência, xingo e esbravejo”*. Frente a suas observações foi questionado pela pesquisadora: *“Quem você ouve mais, uma pessoa que fala com você gritando ou uma pessoa que fala calmamente?”* O pai então respondeu que era a que falava calmamente.

Uma das mães destacou como comportamentos adequados que seu filho é atencioso e carinhoso e como inadequados a desconcentração, que ele é muito questionador, insistente e desorganizado. Sua reação diante desses comportamentos é sempre a mesma - questionar o filho e explicar a ele as razões para ele mudar. Outros pais afirmaram que o filho faz muito muita *“pirraça”*. Apesar de passarem praticamente o dia inteiro com os filhos, informaram que nem sempre é

possível estar presente. O pai que relatou a experiência de violência com a filha, no terceiro encontro, relatou uma melhora na relação com a filha, que está mais próxima da família e mais carinhosa.

Neste encontro pode-se destacar alguns comportamentos: os pais relataram comportamentos de seus filhos como, por exemplo: voltou a fazer birra e chantagem para comer, *“se todo mundo parar de ceder, ele come”* *“é uma peleja, uma insistência constante, quase imploro para ele comer”*. Expressando as dificuldades em lidar com a situação de conflito *“Você está se culpando e se cobrando demais”* *“É preciso despertar o prazer no filho em comer”* *“Pulso firme, mas com amor”*; os pais demonstraram as dificuldades que enfrentam entre os limites e negociações das regras. Surgiram também as formas de diálogos e as dificuldades na comunicação com os filhos *“eu sou muito seco, mas eu elogio”*; *“eu não tenho muita paciência, xingo e esbravejo”* Comentários: *“Quem você ouve mais, uma pessoa que fala com você gritando ou calmamente?”*

Durante esse encontro puderam ser observadas algumas dificuldades dos pais para com os filhos como, por exemplo: a) dificuldade em lidar com situações de conflitos; b) dificuldade em expressar carinho; c) falta de paciência.

4.5.5 Quinto encontro

Realizado em 16/10/2012, tratou da dificuldade em lidar e conversar com os filhos, dificuldades durante a gravidez (gravidez conturbada), castigo e punição inclusive físicas, autoridade e reforço.

No quinto encontro, destinado ao terceiro passo intitulado: *“Aumentando a brincadeira independente”* compareceram nove pais. Esse encontro iniciou, mais uma vez, pautado na discussão dos comportamentos adequados e inadequados. Uma das mães destacou que os encontros têm sido importantes para tentar ajudar a todos e especialmente a uma das mães participantes do grupo na sua relação com os filhos. Uma segunda mãe também destacou que essa dificuldade de lidar e conversar com o filho é comum em vários pais, e que ela não precisaria sentir-se mal por isso.

Outra mãe relatou os comportamentos adequados do filho mais velho, mas disse que não é muito de elogiá-los. Relatou dificuldade durante a gravidez, que foi conturbada. Diante de comportamentos inadequados, ela disse que às vezes coloca os filhos de castigo, mas relatou que não gosta e não se sente bem. Além disso, não deixa o marido bater nos filhos. Quando o filho pede desculpas, ela tira o filho do castigo. *“Tenho coração mole”*, afirmou. Contou que trabalhou desde os sete anos e que morou na casa da patroa. Trabalhava e estudava ao mesmo tempo e uma vez levou um tapa na cara como castigo da patroa. No final, concluiu: *“quero aprender a ter pulso firme, a cumprir minha palavra”*.

Outra mãe falou sobre bater nos filhos como uma forma de castigo, manifestando sua indignação: *“não suporto isso, falar que não pode bater”*; *“uma chinelada não mata ninguém”*; *“às vezes é necessário”*; *“sempre converso antes e explico, mas depois de três vezes...”* outra mãe pontua: *“a pessoa bate porque perdeu o controle e as estribeiras”*; *“acho péssimo não ter um diálogo, esse negócio de eu sou seu pai e eu que mando não está com nada”* Outra mãe disse ainda: ***“o bater é só uma forma de expressar sua raiva”***.

Um dos pais afirmou ter dificuldade em castigar as crianças e que, muitas vezes, recorre ao bater. Relatou que um filho atrapalha o castigo do outro e que eles reclamam que os castigos são diferentes. Outro pai disse: *“a gente entende o coração de pai e mãe, mas o castigo é importante”*; *“se perdoar sempre o castigo, o seu filho sempre repetirá aquele comportamento de novo”*. Afirmou que costuma elogiar sua filha diante de comportamentos adequados, mas que a filha não dá muita importância. Uma avó que também fazia parte do grupo destacou os comportamentos do neto: *“tem hora que ele teima, tem hora que ele obedece”*; *“às vezes ele pede desculpa, mas nem por isso eu passo a mão na cabeça”*.

Outra mãe chamou a atenção mais uma vez para a importância do elogio. *“Às vezes elogiamos alguém de fora, mas na nossa família não fazemos isso porque é nosso. Temos que elogiar nossos filhos”*; *“Meu filho, minhas regras”*.

Outra mãe relatou que sofre com as críticas que recebe constantemente da sua irmã com relação à criação dos filhos. *“Eu perco minha autoridade”*, diz. *“Eu não crio filho para mim, mas para o mundo”* outra mãe: *“às vezes eu vejo que dou*

mais atenção para um do que para outro”; “eu fico sufocada por ser superprotetora com meus filhos”.

Neste encontro vários temas foram suscitados como é o caso das dificuldades em lidar e conversar com os filhos, dificuldades durante a gravidez (gravidez conturbada), castigo e punição inclusive físicas, autoridade e reforço.

Várias outras falas também apareceram como, por exemplo: *“não suporto isso, falar que não pode bater” “uma chinelada não mata ninguém”; “às vezes é necessário”; “sempre converso antes e explico, mas depois de três vezes...” “acho péssimo não ter um diálogo, esse negócio de eu sou seu pai e eu que mando não está com nada” “se perdoar sempre o castigo, o seu filho sempre repetirá aquele comportamento de novo” o bater é só uma forma de expressar sua raiva “castigo é importante” “a pessoa bate porque perdeu o controle e as estribeiras” “se perdoar sempre o castigo, o seu filho sempre repetirá aquele comportamento de novo”* aparecendo aqui castigos e punição inclusive física.

“Eu não crio filho para mim, mas para o mundo”, “às vezes eu vejo que dou mais atenção para um do que para outro”; “eu fico sufocada por ser superprotetora com meus filhos” “Meu filho, minhas regras” ficando aqui evidente nessas falas a forma de autoridade dos pais.

Uma avó que também fazia parte do grupo destaca os comportamentos do neto: *“tem hora que ele teima, tem hora que ele obedece”; “às vezes ele pede desculpa, mas nem por isso eu passo a mão na cabeça”. “Às vezes elogiamos alguém de fora, mas na nossa família não fazemos isso porque é nosso. Temos que elogiar nossos filhos”;* nestas falas o elemento de análise encontrado foi o reforço.

Durante esse encontro pôde ser observado que havia uma crença implícita na fala dos pais de que *“bater é necessário na educação dos filhos”,* essa crença implícita pôde ser observada nas seguintes falas: *“não suporto isso, falar que não pode bater” “uma chinelada não mata ninguém”; “às vezes é necessário”; “sempre converso antes e explico, mas depois de três vezes...”*

4.5.6 Sexto encontro

Momento lúdico, reconhecimento e superação das dificuldades fez parte do sexto encontro realizado em 20/10/2012.

No sexto encontro destinado ao quarto passo intitulado: *“Prestando atenção no comportamento de seguir instruções”* compareceram oito pais. A discussão deste encontro teve início pautada sobre a coincidência de feriados com os dias dos encontros da oficina. Alguns pais estavam faltando muito e são pouco assíduos.

Além disso, houve dificuldade em conciliar o horário de todos, já que alguns pais trabalham e têm alguns compromissos esporádicos aos finais de semana. Diante disso, vários pais expressaram o medo do grupo acabar porque o achavam muito bom e que, nesse pouco tempo, eles já haviam experimentado várias mudanças no comportamento dos filhos.

Os pais falaram sobre a tarefa de brincar com os filhos por, no mínimo, 15 minutos. Uma das mães contou ter jogado futebol com os filhos e brincado de quebra cabeça. *“Vi que os dois estavam brincando mais juntos”*. Passeou com os filhos e jogou vídeo game também. Apesar de alguns comportamentos inadequados durante a brincadeira, disse ter ignorado todos.

O filho de 10 anos (mais velho) chegou a dizer: *“você é a melhor mãe do mundo”* e, inclusive, deixou de dormir com na casa do avô para passar mais tempo com a mãe. Os filhos também deram a ideia de imprimir um lembrete lembrando que os 15 minutos de brincadeira são sagrados e o colocou pregado na geladeira. Feliz e satisfeita, ainda afirmou: *“antes não gostava de sair com os meninos na rua porque tinha vergonha do mau comportamento deles, agora eles estão me dando o retorno que eu queria”* e completou ainda *“de mãe bruxa passei a ser a melhor mãe do mundo”*.

Outra mãe relatou o seguinte: *“eu sempre brinquei com meus filhos, mas dessa vez foi diferente porque minha filha quem escolheu a brincadeira”*; *“minha maior dificuldade foi com meu filho mais velho, que já é adolescente e passa a maior parte do tempo no computador”*.

Outra mãe: *“meu filho gostou de saber que tinha um dia só para ele; ele quis brincar de quebra cabeça, no jogo do computador e de lutinha”* Relatou dificuldade em ignorar os comportamentos inadequados do filho durante a brincadeira e que sempre chamava a atenção do filho. Mas, no final das contas, acredita que a experiência foi válida: *“aproximou mais, valeu a pena”; “moro num apartamento pequeno com meu filho e, sempre estando próximo ao meu filho, achei difícil passar realmente um tempo junto a ele”; “se nós brincássemos sempre, eles não achariam o máximo e não ficariam tão impressionados assim”*.

Um dos pais relatou que brincou quatro dias e ficou próximo aos filhos, tocando violão com eles. Também relatou que não conseguiu ignorar os comportamentos inadequados durante o momento lúdico, mas completou: *“agora eles querem brincar o tempo todo”; “parece que aproximou mais, mas nem sempre sobra tempo para brincar com eles”*.

Outro pai afirmou que não teve a mesma felicidade que os outros pais e que sua filha já é adolescente. Além do mais, disse que ele e a mulher nunca foram de brincar muito. Entretanto, disse que precisa arranjar um meio de se aproximar da filha que percebeu através do relato dos outros pais a importância dessa tarefa.

Os outros pais presentes deram algumas sugestões como: *“explique a sua filha que não precisa necessariamente brincar, mas passar um tempo junto assistindo a um filme ou tocando violão, por exemplo,”*. Os pais demonstram-se muito solidários uns com os outros, um querendo ajudar os outros.

Neste encontro os elementos de análise foram: momento lúdico, reconhecimento e superação de dificuldades. As falas que apareceram referentes ao momento lúdico foram: *“Vi que os dois estavam brincando mais juntos”, “eu sempre brinquei com meus filhos, mas dessa vez foi diferente porque foi minha filha quem escolheu a brincadeira”, “você é a melhor mãe do mundo” “Os filhos também deram a ideia de imprimir um lembrete lembrando que os 15 minutos de brincadeira são sagrados e o colocou pregado na geladeira”*.

Como expressão de reconhecimento essa mesma mãe citou: *“antes não gostava de sair com os meninos na rua porque tinha vergonha do mau comportamento deles, agora eles estão me dando o retorno que eu queria” e*

completou ainda “de mãe bruxa passei a ser a melhor mãe do mundo” demonstrando-se muito satisfeita com os resultados que está obtendo através dos encontros.

Surgiram também superações de dificuldades, como pode ser observada na fala de outra mãe: *“moro num apartamento pequeno com meu filho e, sempre estando próximo ao meu filho, achei difícil passar realmente um tempo junto a ele”*; Nesse momento a diretora interferiu no grupo dizendo: *explique a sua filha que não precisa necessariamente brincar, mas passar um tempo junto assistindo a um filme ou tocando violão, por exemplo”*

As temáticas principais neste encontro foram: a) a mudança na representação do papel de pai e mãe, que de punidores passaram a companheiros de brincadeiras; uma vez que os pais demonstraram em suas falas que passaram a ter mais interesse e prazer em ficar mais tempo com seus filhos, brincando mais, tendo mais disposição em estarem mais próximos, passando a lidar melhor com os comportamentos dos filhos, não vendo suas funções maternas e paternas apenas como repressoras como eram visto antes. Os pais demonstraram que passaram a perceber que uma maior aproximação entre pais e filhos possibilitava aos filhos desenvolverem o desejo de se comportarem melhor, não sendo preciso para isso lançar mão de atitudes autoritárias e talvez em alguns momentos até mesmo violentas para com seus filhos; b) reforçamento positivo da paternidade e maternidade, uma vez que os comentários positivos dos filhos sobre o atual comportamento dos pais aparentemente funcionou como uma contingência reforçadora, podendo ser exemplificado principalmente através da fala de uma das mães o seguinte: *“você é a melhor mãe do mundo”* e, inclusive, deixou de dormir na casa do avô para passar mais tempo com a mãe, despertando nos pais o desejo de continuar seu processo de mudanças.

4.5.7 Sétimo encontro

No sétimo encontro, em 27/10/2012 - aproximação, foi acordado entre a pesquisadora e os pais que seriam realizados dois passos no mesmo encontro; o passo cinco, intitulado *“Ensinando a ler o ambiente”* e o sexto passo intitulado:

“Facilitando a empatia e dando ordens eficientes”. Nesse encontro, assim que se chegou à escola, percebeu-se tudo fechado. Como não havia local para a realização do encontro, ele ocorreu na garagem da casa de uma das mães.

Antes do início do treinamento de pais, então, achou-se pertinente discutir sobre o descaso e a falta de respeito por parte da escola em relação aos encontros. Uma das mães diz o seguinte: *“a escola tem papel ativo e dedicação exclusiva para educação dos filhos e também tem responsabilidade em melhorar a relação dos pais com os filhos”*.

Outra mãe: *“trata-se de um desgaste desnecessário, nós temos que exigir uma postura da escola”; “nós notamos que é importante para nós, mas e a escola, será que ela notou que é importante para a gente?”*

Uma vez discutida a postura da escola frente aos encontros e ao trabalho desenvolvido pelo grupo, iniciou-se o treinamento de pais.

Uma das mães disse que, com relação a tarefa de 15 minutos com o filho, ele não respeitou as regras e que foi difícil ignorar tal comportamento. Depois contou um ocorrido em que foi chamada pela direção da escola em função do comportamento do filho. Na reunião foi informada de que o filho havia pegado o brinquedo do colega. Questionado por ela sobre o ocorrido, ele mentiu para ela e para a supervisora da escola. A diretora interferiu na situação pedindo que o menino refletisse sobre as consequências do mentir e a mãe relatou que após este acontecimento o filho mudou completamente de comportamento. A relação mãe e filho mudaram muito.

Também destacou que se ela batesse no filho, não ia adiantar de nada: *“se eu batesse, não seria para corrigir o comportamento dele, seria para descontar a decepção” “quando eu disse que fiquei decepcionada, ele percebeu o que tinha feito e começou a mudar”*.

Outra disse: *“seu filho percebeu que o seu tempo na reunião dele era o tempo exclusivo para ele. Eu, por exemplo, por mais junto que sempre estive perto do meu filho, vi que existem faltas e falhas minhas”*

Outra mãe: *“O tempo para brincar com meus filhos é muito corrido, chego cansada e sem ânimo para fazer qualquer coisa”.*

Um dos pais: *“Também não tenho muito tempo, mas tenho que tirar um tempinho para isso”.* Além disso, disse que a filha passa muito tempo no computador ou televisão. Neste encontro compareceram oito pais, e uma das mães por motivo de trabalho só conseguiu chegar ao final das atividades, mas pegou a cartilha do dia e se comprometeu a ler em casa e a cumprir as tarefas estabelecidas.

Foi percebido neste encontro que houve uma maior aproximação entre os pais e seus filhos que pode ser percebida a partir das seguintes falas: *“quando eu disse que fiquei decepcionada, ele percebeu o que tinha feito e começou a mudar”* *“seu filho percebeu que o seu tempo na reunião dele era o tempo exclusivo para ele”.* *“Eu, por exemplo, por mais junto que sempre estive perto do meu filho, vi que existem faltas e falhas minhas”.*

A temática principal deste encontro foi a percepção dos pais de uma maior aproximação destes com seus filhos.

4.5.8 Oitavo encontro

O oitavo encontro, realizado em 10/11/2012 abordando leitura do ambiente, das expressões, das emoções, diferenças, conflitos interpessoais, críticas, mudanças, foi destinado ao passo sete intitulado: *“Melhorando o comportamento na escola”*, nesse encontro a vice-diretora também participou da reunião do grupo como uma forma de minimizar o desencontro ocorrido no encontro anterior.

Participaram deste encontro oito pais. O encontro começou abordando a tarefa de identificar os sentimentos esboçados pelas carinhas da cartilha entregue aos pais e relembrando que o treinamento de pais já estava chegando ao fim.

Uma das mães disse que mostrou as carinhas para o filho e pediu para que ele falasse o que cada uma significava. Disse que ele começou a fazer o dever sozinho enquanto ela vai para a academia. Um dia, porém, ele descumpriu o combinado e acabou ficando muito nervosa e deu uma chinelada no filho.

Questionada pelos membros do grupo sobre sua postura, disse *“não sou muito de bater, sou mais de ameaçar, acabo não fazendo”*.

Relatou que as dicas dos encontros a tem ajudado e que parou de fazer o para casa do filho no trabalho porque ele dispersava muito. Disse que, depois que começou a fazer os deveres com ele em casa, o filho está mais concentrado e produtivo.

Outra mãe disse ter discutido com o filho a tarefa de identificar os sentimentos que as carinhas da cartilha estão demonstrando e que ele foi, inclusive, capaz de apontar pessoas na rua que estavam tristes, com raiva ou felizes.

Outra mãe relatou: *“Meus filhos reconhecem quando estou com raiva ou chateada, mas, muitas vezes, eles aproveitam dessa percepção e fazem chantagem emocional”*.

Um dos pais relatou que seus filhos nem sempre se dão bem com todos os colegas de escola e se queixam principalmente daqueles que ficam criticando.

Outra mãe *“sempre ensinei o meu filho a aceitar as diferenças e mostrei a ele o lado positivo das coisas para que ele valorize suas qualidades”*; *“quando tem um desentendimento, ele não sofre e fica remoendo o conflito, tenta resolver os problemas por si só”*. *“Ele tem a sensibilidade de perceber o que ocorre a sua volta”*.

Outra mãe: *“meus filhos são bastante autoconfiantes e não sofrem com os conflitos que enfrentam, praticam o respeito mútuo e não tem problemas de convivência”*.

Outra mãe relatou que o filho mais velho brigava sempre na escola quando se sentia discriminado. O mais novo, no entanto, não rebate as ofensas e sofre com o preconceito contra a cor da pele na escola. *“Eu ensino eles a fugirem das confusões, mas também a enfrentar a situação de frente, eu não posso tirar essa agressividade deles”*.

Destacou também que precisa aceitar melhor as críticas que recebe sobre o modo como educa seus filhos. *“Eu preciso melhorar e mudar em mim para ser capaz de mudar neles”*. Outra mãe chamou a atenção para a importância de

acompanhar a vida escolar dos filhos: *“procurar saber da vida escolar dos nossos filhos é uma autoavaliação do trabalho que temos desenvolvido nos nossos encontros”*

O elemento de análise desse passo foi a Leitura do ambiente: das expressões, das emoções, diferenças. *“Meus filhos reconhecem quando estou com raiva ou chateada, mas, muitas vezes, eles aproveitam dessa percepção e fazem chantagem emocional” “sempre ensinei o meu filho a aceitar as diferenças e mostrei a ele o lado positivo das coisas para que ele valorize suas qualidades” “não sou muito de bater, sou mais de ameaçar, acabo não fazendo”*.

Surgiram também alguns conflitos interpessoais, críticas e mudanças: *“meus filhos são bastante autoconfiantes e não sofrem com os conflitos que enfrentam, praticam o respeito mútuo e não tem problemas de convivência”*. *“Eu ensino eles a fugirem das confusões, mas também a enfrentar a situação de frente, eu não posso tirar essa agressividade deles” “eu preciso melhorar e mudar em mim para ser capaz de mudar neles”*.

As temáticas principais desse encontro foram: a) recaída de uma das mães que bateu no filho; b) conflitos interpessoais; c) reconhecimento de necessidade de mudanças; d) mudança de hábitos.

4.5.9 Nono encontro

A partir desse encontro foi necessário suspender as atividades do grupo devido ao período de férias escolares e impossibilidades dos pais a comparecerem aos encontros.

5 Discussão dos resultados

5.1 Conteúdo dos encontros do Programa de Treinamento de Pais

Primeiro encontro: Apresentação do treinamento de pais e aplicação dos questionários;

Segundo encontro: Valores para a formação do grupo;

Terceiro encontro: Percepção do comportamento violento na relação entre pais e filhos, Mobilização dos pais para conseguir um local onde o encontro pudesse se realizar;

Quarto encontro: Limite entre a rigidez e a negociação das regras; diálogo/a forma como falar/a comunicação com os filhos;

Quinto encontro: Dificuldade de lidar e conversar com os filhos; Dificuldade durante a gravidez conturbada; Castigo e punição inclusive física; Autoridade; Reforço;

Sexto encontro: Momento lúdico, reconhecimento, superação de dificuldades;

Sétimo encontro: Aproximação;

Oitavo encontro: Leitura do ambiente: das expressões, das emoções, diferenças, Leitura do ambiente: das expressões, das emoções, diferenças, Conflitos interpessoais, críticas, mudanças.

5.2 Análise de conteúdo e de discurso dos encontros

Através da análise da fala dos pais nos encontros, pode-se perceber que existiam valores que eram reproduzidos nos comportamentos estereotipados dos pais em relação aos seus filhos, uma vez que as falas muitas vezes apresentavam-se como persecutória, sendo traduzidas através de castigos físicos violentos e dificuldades dos pais em exercer seus papéis de educadores.

Os pais, muitas vezes, falava sobre suas dificuldades por meio de correções violentas exercidas por eles demonstravam dificuldades em lidar com a situação de conflitos, culpas, cobranças exageradas, dificuldades de diálogos e

comunicação entre pais e filhos, apresentando também, algumas vezes dificuldade em estabelecer um limite entre a rigidez e negociação de regras.

Apresentavam ainda dificuldade em lidar com o comportamento desadaptativo dos filhos, dificuldade em lidar com os próprios filhos, uso de castigos e punições inclusive físicas como forma de correção, usavam o bater expressando a perda de controle em corrigir os filhos, dificuldade em manter as regras estabelecidas, uso de comportamentos autoritários, dificuldade em fazer elogios, dificuldade em usar o elogio como reforçador do comportamento positivo, e outros comportamentos.

Na medida em que os encontros foram ocorrendo algumas mudanças foram também acontecendo, podendo ser percebidas no próprio comportamento dos pais em relação à convivência com seus filhos; essas mudanças podem ser destacadas, principalmente, por meio dos seguintes exemplos: os pais começaram a perceber a importância em dar mais atenção aos filhos passando a dedicar mais tempo e atenção a eles, e com isso conseguiram obter melhoras no comportamento dos filhos, essas mudanças puderam ser percebidas através das falas dos próprios pais que demonstram desejo em sair mais com os filhos dedicando mais tempo a eles, superação de dificuldades, maior aproximação, valorização das qualidades dos filhos, melhora na convivência, maior autoconfiança e busca de respeito mútuo.

Os pais demonstraram também uma maior facilidade em identificar conflitos interpessoais, demonstrando atitudes mais críticas, sendo capazes de identificar e de produzir mudanças no relacionamento pais e filhos.

Houve também um reconhecimento por parte dos pais de que é preciso melhorar seus comportamentos, para então ser capaz de mudar o comportamento dos filhos.

Os filhos, segundo o discurso dos pais, conseguiram aprender a fazer uma melhor leitura do ambiente, das expressões, das emoções e das diferenças, apresentando melhoras no comportamento e na forma de lidar com as situações adversas, apresentando comportamentos mais assertivos diante de tais situações.

Através dessas análises realizadas, pôde-se então pensar que o Treinamento de Pais ajudou os participantes a terem uma melhor percepção das situações de conflitos entre os pais e seus filhos, desenvolvendo atitudes mais assertivas que geraram nos filhos uma melhora no comportamento desadaptivo, melhorando suas convivências e construindo com isso um relacionamento mais harmonioso, diminuindo assim comportamentos violentos que os pais tinham com seus filhos, possibilitando com isso um rompimento na cadeia de transmissão intergeracional da violência.

Pode-se então dizer que essa melhora na convivência entre pais e filhos se deu devido à melhora que houve entre a comunicação dos pais para com seus filhos, uma vez que as mensagens que os pais queriam passar foram melhores compreendidas pelos filhos e melhor expressadas pelos pais. Essa mudança na comunicação entre os pais e os filhos gerou uma melhora na convivência por que os filhos passaram a entender melhor as expectativas que os pais tinham para com eles e por isso passaram a corresponder melhor aos desejos dos pais, gerando assim uma melhor convivência que, por sua vez, contribuiu para que houvesse uma diminuição nos comportamentos violentos dos pais para com seus filhos.

5.3 Relato da experiência com o grupo focal

Um grupo focal foi formado pelos pais que participaram do estudo realizado com o Treinamento de Pais, com o objetivo de avaliar como foi a experiência desses pais em participarem do treinamento, se o grupo foi produtivo, o que puderam aprender com os encontros, suas percepções e o que conseguiram aprender com o grupo.

Este grupo focal durou em torno de aproximadamente 90 minutos. A formação do grupo contou com algumas dificuldades de entrar em contato com os pais para a participação e realização.

No primeiro encontro só compareceu uma das mães que se disponibilizou a tentar entrar em contato com os outros pais e tentar mobilizá-los a comparecerem no próximo encontro. Essa mãe demonstrou-se bastante engajada se disponibilizando a ir à escola em vários horários para que pudesse encontrar os

pais, disponibilizando também sua casa para que o encontro pudesse acontecer caso lá não aparecesse ninguém para abrir a escola como já havia acontecido em encontros anteriores.

Essa mãe contou também sobre sua experiência com o Grupo de Treinamento de Pais, relatando os resultados que conseguiu com seus filhos, os meninos demonstraram-se muito mais tranquilos e carinhosos com a mãe, demonstrando muita obediência e respeito para com a mesma, ela nem precisava mais se preocupar com o comportamento dos mesmos.

Conseguimos então, por meio do auxílio desta mãe e contato da pesquisadora que os pais comparecem à escola na semana seguinte. Ficou combinado encontrarem todos no portão para seguirem juntos até a casa da mãe acima citada. Enquanto se esperava a chegada dos outros pais o zelador da escola esteve lá e se propôs a abrir a escola, mas os próprios pais acharam melhor irem à casa da mãe que disponibilizou a residência, conforme já havia sido combinado.

Os pais presentes aguardaram um bom tempo para que todos pudessem chegar, mas infelizmente compareceram apenas cinco pais à escola e mais uma mãe que chegou depois que o grupo já se encontrava na casa onde o encontro se realizou, totalizando seis pais. O filho mais velho da mãe que recebeu os pais (menino de 10 anos) que antes dava muito trabalho ficou com o grupo esperando pelos outros pais e a pesquisadora seguiu com a mãe para a casa onde o encontro se realizaria, para que pudessem preparar o ambiente para o encontro.

O encontro aconteceu na sala de visitas da casa, em um ambiente muito acolhedor, onde a dona da casa disponibilizou cadeiras suficientes para que todos se acomodassem de forma confortável; era um ambiente muito arejado e todos se sentiram muito a vontade.

O grupo começou com a pesquisadora pedindo que todos falassem um pouco sobre sua experiência com o Treinamento de Pais, para que pudesse ser feita uma avaliação de como foi o processo. Perguntou-se o que significava o Treinamento de Pais para eles, como foi a experiência de participar do grupo, o que eles aprenderam através do grupo. Foi perguntado também se eles conseguiram perceber alguma mudança no próprio comportamento por meio do grupo de

Treinamento de Pais e se conseguiram perceber alguma mudança no relacionamento deles com os filhos e que mudanças foram essas.

A mãe que chegou por último começou dizendo que gostou muito de participar, que conseguiu por meio do grupo enxergar falhas que ela estava apresentando com relação à criação do filho e que antes nem se dava conta, como por exemplo, ela disse que achava que dava toda a atenção que o filho necessitava, que o filho era um menino muito bom e que não apresentava mau comportamento. Porém, ficou muito surpresa, quando foi solicitado a ela, durante as tarefas dos encontros, que ela tirasse 15 minutos para brincar com seu filho e ficou muito espantada com a alegria do filho, podendo então perceber que para ele aquilo era uma coisa “extraordinária”, que por mais que ela estivesse presente o tempo todo com ele, não estava dando a atenção necessária e disse ainda que a partir daí começou a dedicar mais tempo “de verdade” ao filho. Acrescentou, ainda, que percebeu que o grupo para ela funcionou como uma forma preventiva, evitando que algum mau comportamento do filho pudesse gerar problemas no futuro.

Todos os pais do grupo se manifestaram e todos deixaram bem claro, uma mudança de percepção de como era importante ter mais tempo para os filhos, dar mais atenção, tirar um momento que fosse destinado verdadeiramente a eles, brincar com eles e falaram também da importância de aprender a “dar ordens” eficientes aos mesmos.

Outra mãe disse que o grupo possibilitou a ela uma oportunidade de compreender melhor os filhos, disse que o grupo contribuiu muito para ela e que agora os filhos não estavam tendo tanta necessidade de “aprontar” para chamar a atenção dela, porém que eles ainda continuavam aprontando. Frisou ainda, que agora eles demonstram mais confiança em contar as coisas para ela e ela também adquiriu mais confiança nos filhos. Os filhos estão mais colaborativos, mantendo os brinquedos mais organizados, não mexem na bolsa dela como mexiam antes, a mãe percebeu também, que havia falta de intimidade dela com os filhos.

Um dos pais disse que gostou muito de participar dos encontros, que a dificuldade dele com o filho tinha melhorado muito, conseguiu melhorar o relacionamento através da tarefa de casa de passar mais tempo com os filhos e

brincar mais com eles e que agora consegue observar que o filho está mais obediente, faz mais o que ele pede e com isso conseguiu perceber uma maior aproximação.

Uma das mães disse que gostou muito de participar. Observou que o comportamento dela com o filho melhorou muito, percebeu mais tranquilidade, aprendeu a conduzir melhor o próprio comportamento e o comportamento do filho.

Um dos pais disse que observou muita mudança no comportamento dos filhos, que estão mais próximos, que o filho aprendeu a respeitar mais e ainda completou: "*Hoje ele está uma seda*". Disse ainda que as regras do treinamento são coisas simples que nem sempre davam valor e que hoje percebe o quanto são importantes.

A mãe que abriu a casa para o grupo explicou como conseguiu agir com os filhos dizendo que o grupo foi muito importante para ela, que ela "ganhou" o filho que era antes tão distante. Falou sobre a troca de experiências com os outros pais e da experiência de colocar em prática os ensinamentos do treinamento de pais e de fazer as tarefas de casa.

Contou que percebeu uma grande mudança no comportamento dos filhos e no comportamento dela para com eles também, disse que antes não tinha coragem e nem vontade de sair com os filhos, que eles a faziam "passar vergonha", que não obedeciam, que ficavam entrando na conversa dela com os adultos, que não a deixava conversar, ficavam o tempo todo tentando chamar a atenção dela e que agora ela tem o maior prazer em sair com os meninos, que eles a obedecem, a deixam conversar tranquilamente e que estão muito mais tranquilos.

Esse comportamento pôde ser observado, uma vez que o encontro aconteceu na casa desta mãe; os meninos ficaram o tempo todo dentro do quarto brincando sozinhos e quando precisavam passar na sala, o faziam na ponta dos pés, falando baixinho para não atrapalhar o grupo. Essa mãe disse ainda que hoje antes de sair de casa ela conversa com eles e faz os combinados e que eles cumprem direitinho e que hoje tem "prazer em estar com eles".

Outro pai relatou a experiência com a filha adolescente e disse que o passo de ter mais tempo para a filha ajudou muito porque os aproximou mais e disse que, ao ver o resultado dos outros pais que colocavam as tarefas de casa em dia, percebia o quanto era importante e que isso o motivou a querer fazer também.

Após o encontro, foi pedido que os pais preenchessem o IHS (Inventário de Habilidades Sociais) que já havia sido aplicado no primeiro encontro. Após este momento foi servido um lanche como forma de confraternização e finalização do grupo. Todos se demonstraram muito satisfeitos e solicitaram que fossem feitos novos encontros sempre que possível.

5.4 Análise do grupo focal

O grupo começou com a fala de uma das mães que falou sobre o que aprendeu com o grupo. Segundo esta mãe, ela aprendeu a perceber o próprio comportamento e o comportamento do filho que antes não era percebido e que ela nunca tinha parado para observar, porque para ela o filho era um menino tranquilo e não tinha grandes problemas. A partir do grupo ela pôde então perceber algumas necessidades dela para com o filho, no sentido de dedicar mais tempo de qualidade ao mesmo.

Segundo esta mãe, o marcante para ela foi a tarefa de brincar com o filho 15 minutos todos os dias, pois nesse momento ela conseguiu perceber a necessidade do filho de tê-la por perto só para ele.

Na fala desta mãe pode ser percebido que houve uma percepção do próprio comportamento e percepção do comportamento do filho, percepção de necessidades dela para com o filho e do filho para com ela, necessidade de dedicar mais tempo de qualidade ao filho, descoberta da importância de brincar com o filho.

Um dos pais relatou que tinha muita dificuldade com o filho adolescente e o grupo ajudou muito no relacionamento deles. Segundo este pai, o relacionamento destes era muito difícil, relatando então que após ter participado dos encontros e seguir as técnicas sugeridas, o filho tinha virado “uma seda”. Disse que houve uma

maior aproximação dele com seu filho, e que a partir daí o filho aprendeu a respeitá-lo mais, completou ainda que essa aproximação se deu devido ao fato dele ter aprendido através do grupo a ouvir e observar mais o filho. Concluiu então sua fala dizendo que o grupo significou muito para ele, pois possibilitou uma troca de experiência e que, com isso, aprendeu a colocar em prática coisas pequenas do dia a dia que antes não valorizava tanto e aprendeu também a dar mais importância a coisas que antes não valorizava.

Através da fala desse pai pode ser percebido que houve uma maior aproximação entre o pai e o filho, aumento do respeito, melhora na comunicação entre pai e filho; este pai aprendeu a ouvir e observar mais o filho e a trocar experiências com o grupo.

Outra mãe disse que o grupo foi muito bom, que foi um momento em que ela tirou para estudar e compreender melhor os filhos. Disse que o grupo contribuiu muito. Uma das tarefas interessantes para esta mãe foi a de brincar com os filhos, descrevendo todas as brincadeiras e os detalhes das mesmas, com isso ela adquiriu mais confiança dos filhos para com ela, fazendo com que eles perdessem o medo de contar-lhe as coisas, conseguindo uma maior colaboração dos filhos, que vêm mantendo os brinquedos mais organizados e com as tarefas domésticas do dia a dia. O grupo para ela significou reorganizar atitudes e conseguiu perceber que havia uma falta de intimidade entre ela e os filhos.

Pode ser percebido através da fala dessa mãe que o grupo serviu como instrumento de melhora no relacionamento entre mãe e filhos, sendo fonte de estudo e compreensão dos filhos, o “*brincar*” como importante na aproximação entre pais e filhos, aumento de confiança, aumento da colaboração dos filhos, percepção que havia falta de intimidade entre mãe e filhos, o grupo como momento de reorganizar atitudes.

Outro pai disse que o grupo o ajudou a querer tirar um tempo para a filha; relatou que o momento que ele achou mais importante durante o treinamento foi a tarefa de tirar 15 minutos todos os dias para brincar com os filhos. Segundo o relato deste pai a importância do grupo se deu pela troca de experiência entre os pais supervisionados pela pesquisadora. Relatou que no grupo era: “*um aprendendo com*

o outro” completando ainda: *“A gente acha que só a gente que tem problema em casa e com o grupo pode perceber que todo mundo tem problemas com os filhos e não é só a gente.”* Este pai disse ainda que o grupo foi muito importante para ele, significando grandes melhorias para a sua vida.

Esse pai demonstrou através de sua fala um desejo de “tirar mais tempo para a filha”, ressaltando troca de experiência entre os pais e supervisão da pesquisadora; demonstrou reconhecimento de que não era apenas esse pai que tinha problemas em casa, o grupo como fonte de melhorias para a vida por meio do aprendizado.

Outra mãe começou sua fala explicando como conseguiu se aproximar mais dos filhos, explicou como está agindo com os filhos agora. Para esta mãe, um dos momentos mais marcantes foi o momento de observar os comportamentos dos filhos, adequados e inadequados, as brincadeiras e a troca de experiência com os outros participantes. Percebeu uma grande mudança nela, adquirindo, a partir dos encontros com o grupo, uma maior autoconfiança; disse que perdeu o medo de sair com os filhos, que aprendeu a ser mãe e adquiriu o respeito dos filhos.

Para esta mãe o grupo significou a reconquista dos filhos, troca de experiência com a facilitadora e com os próprios colegas do grupo, disse também que essa troca de experiência foi muito proveitosa porque ela pôde perceber que muitos têm problemas com os filhos.

Elementos de análise: aproximação entre mãe e filhos, melhora na observação do comportamento dos filhos, as brincadeiras entre pais e filhos, troca de experiências com os outros participantes do grupo, mudança de atitudes, aumento da autoconfiança, perda do medo de sair com os filhos, “aprendeu a ser mãe”, aumento do respeito e reconquista dos filhos, percepção de que muitos têm problemas com os filhos.

Segundo a fala dos pais houve uma descoberta da importância de brincar com o filho e dedicar a ele mais tempo, aproximação entre pais e filhos, aumento do respeito, melhora na comunicação entre pais e filhos, melhora na observação dos filhos, troca de experiência com os outros participantes do grupo, o grupo como

instrumento de melhora no relacionamento entre pais e filhos, sendo fonte de estudo e compreensão dos filhos.

A importância do brincar com os filhos, foi um dos elementos que mais se destacou como importante na aproximação entre pais e filhos na fala dos pais participantes desta pesquisa, aparecendo também alguns outros elementos como, por exemplo: aumento de confiança, aumento da colaboração dos filhos, percepção que havia falta de intimidade entre pais e filhos, o grupo como momento de reorganização de atitudes.

Aumento do desejo de dedicar mais tempo para os filhos, reconhecimento de que não era diferente dos outros pais no sentido de ter problemas em casa, o grupo funcionou também como fonte de melhorias para a vida por meio do aprendizado, mudança de atitudes, aumento da autoconfiança, perda do medo de sair com os filhos, aumento do respeito e reconquista dos filhos.

5.4.1 Comportamentos observados durante o grupo focal

Uma das mães chegou atrasada, agitada, um pouco impaciente talvez devido à correria dela com o próprio tempo. Começou a falar apresentando risos discretos, gesticulando discretamente com mãos e dedos e atendeu o telefone durante o grupo duas vezes, se retirando, na última ligação, da sala onde estava ocorrendo o encontro.

Um dos pais observado começou a falar, se ajeitou no sofá, abria e fechava o caderno, uma mão sobre a outra, gesticulava com os dedos e depois braços cruzados.

Outra mãe começou gesticulando muito, com pernas cruzadas, punha as mãos na bolsa, colocava a mão no queixo, voltava para a bolsa, as vezes colocava uma mão sobre a outra, abriu os braços e saía muito do contexto, sendo até mesmo um pouco prolixa, demonstrando um pouco de resistência e ansiedade.

Outra mãe começou a expor com a aparência de satisfação, sempre gesticulando muito, olhando de um lado para o outro, sempre direcionava o olhar para uma das participantes que era como se fosse um exemplo para ele, sempre

tirava as costas do sofá, teve um momento que colocava e tirava as mãos das pernas e depois cruzou as pernas, gesticulava, segurou o pulso no momento em que falou que conseguiu aproximar dos filhos, tirou o sapato, sempre apontava em direção aos filhos, colocou o filho mais novo no colo. (Os meninos estavam na casa porque o encontro aconteceu na casa desta participante.) Os gestos dessa participante expressava tranquilidade.

Os comportamentos observados nos pais traduzem, ao mesmo tempo, ansiedade e necessidade de falar da sua experiência no grupo. Por isso, eles se colocam como protagonistas também no processo, posto que, reforçam sempre o sentido de mudanças, demonstrando que eles mudaram o comportamento, estão mais abertos, se colocando como sujeitos no processo e objetos passíveis de um “treinamento”.

Em relação aos filhos, a maioria dos comportamentos relatados pelos pais, é demonstrada como sendo passíveis de mudanças, dizendo respeito ao que eles esperam dos filhos, como por exemplo: poder passear com eles sem serem incomodados, os filhos acatarem ordens com maior facilidade, respeito e organização que são vistos como valores fundamentais para uma boa convivência entre pais e filhos.

5.5 Análise do Inventário de Habilidades Sociais (IHS)

5.5.1 Análise do Inventário de Habilidades Sociais aplicadas no pré-teste

Nesta etapa do trabalho serão apresentadas as análises dos Inventários de Habilidades Sociais que foram aplicados nos pais antes que estes iniciassem o treinamento, apresentando a seguir o quadro que expressam esses resultados e mais adiante serão apresentados também os resultados do pós-teste para que possam ser comparados com os resultados do Inventário de Habilidades Sociais que foram aplicados após o Treinamento de Pais de forma que seja feita uma comparação entre o pré e o pós-teste, possibilitando assim uma avaliação para se constatar se houve ou não mudanças no repertório de habilidades sociais dos pais participantes dessa pesquisa.

A partir da análise realizada por meio dos resultados do pré-teste foi constatado que no quesito escore total apenas um dos pais apresentou bom repertório de habilidades sociais, com resultados acima da média para parte dos fatores e itens, indicativo de recursos interpessoais satisfatórios.

Quatro pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens, indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.

Dois apresentaram repertório médio inferior de habilidades sociais, com resultados abaixo da média em grande parte dos fatores e itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional e três apresentaram repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

No quesito *Enfrentamento e autoafirmação* com riscos pôde ser constatado através das análises do pré-teste que três dos pais apresentaram bom repertório de habilidades sociais neste quesito, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.

Três dos pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens, indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator. Quatro apresentaram repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

No quesito autoafirmação na expressão de sentimentos positivos foi constatado que dois dos pais apresentaram bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.

Três dos pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens, indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.

Dois pais apresentaram repertório médio inferior de habilidades sociais no fator, com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional e três dos pais apresentaram repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

No quesito conversação e desenvoltura social pôde ser observado que cinco dos pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.

Um dos pais apresentou repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens, indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios.

Dois pais apresentaram bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para parte dos itens, indicativo de recursos interpessoais satisfatórios e dois apresentaram repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

No quesito autoexposição a desconhecidos e situações novas foi obtido os seguintes resultados: quatro pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.

Dois pais apresentaram bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.

Um dos pais apresentou repertório médio inferior de habilidades sociais no fator, com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional e três apresentaram repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

No quesito autocontrole da agressividade os seguintes resultados foram encontrados: dois pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator, apenas um dos pais apresentou repertório bastante elaborado de habilidades sociais, com resultados acima da média para a maior parte dos itens, indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios.

Cinco apresentaram bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator e dois apresentaram repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

A partir das análises dos resultados encontrados no pré-teste, pôde então ser constatado que este grupo de estudos que iniciou o treinamento de pais era bastante heterogêneo, uma vez que alguns pais apresentaram resultados altamente elaborados, enquanto outros apresentaram resultados abaixo da média para habilidades sociais e necessidades de treinamento conforme a análise acima apresentada.

5.5.2 Apresentação dos resultados do Inventário de Habilidades Sociais aplicadas no pós-teste

A seguir serão apresentados os resultados do Inventário de Habilidades Sociais (IHS) aplicado após o término do estudo do grupo participante do Programa de Treinamento de Pais e logo a seguir o Quadro 3 com os resultados do pós-teste.

A partir da análise realizada através dos resultados do pós-teste foi constatado que no quesito escore total três dos pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens. Este resultado tem o indicativo de que esses pais possuem recursos interpessoais altamente satisfatórios.

Dois pais apresentaram repertório bastante elaborado de habilidades sociais, com resultados acima da média para a maior parte dos fatores ou itens, indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios.

Três apresentaram bom repertório de habilidades sociais, com resultados dentro da média para a maior parte dos fatores e itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nesses itens ou fatores e dois apresentaram repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais. Tal resultado é indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

No quesito enfrentamento e autoafirmação com riscos pôde ser constatado por meio das análises do pós-teste que quatro dos pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens, indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.

Três apresentaram bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator e três apresentaram repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Tal resultado é indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

No quesito autoafirmação na expressão de sentimentos positivos após a análise do pós-teste foi constatado que quatro pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens, o que é indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.

Três apresentaram bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.

Um apresentou repertório médio inferior de habilidades sociais no fator, com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Tal resultado é indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional. Dois apresentaram repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator, .indicando necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

No quesito conversação e desenvoltura social foram observados os seguintes resultados: seis pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens o que é indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.

Um dos pais apresentou repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens, também indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios.

Dois apresentaram bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para parte dos itens, indicativo de recursos interpessoais satisfatórios nesse fator; e apenas um apresentou repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator, o que indica a necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

No quesito autoexposição a desconhecidos e situações novas foi obtido os seguintes resultados: cinco pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens, indicando recursos interpessoais altamente satisfatórios.

Um dos pais apresentou repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens, indicando recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator; dois apresentaram bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator e dois apresentaram repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Tais resultados são indicativos de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator considerados mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

No quesito autocontrole da agressividade os seguintes resultados foram encontrados: três pais apresentaram repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens, indicando recursos interpessoais altamente satisfatórios.

Dois pais apresentaram repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens, indicando recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator; e cinco apresentaram bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.

Concluiu-se então que houve uma melhora significativa nos resultados do pós-teste, que apresentou um aumento na frequência de repertórios altamente elaborados, bastante satisfatórios e acima da média. Porém, alguns pais ainda apresentaram resultados médio inferiores e resultados abaixo da média.

5.5.3 Comparação dos resultados encontrados no pré-teste e no pós-teste

A partir da análise do quadro comparativo entre os resultados encontrados no pré-teste e os encontrados no pós-teste pode-se dizer que no quesito escore total foi observada uma melhora no repertório de alguns pais, uma vez que dois deles apresentaram resultados bastante elaborados de habilidades sociais no pós-teste, enquanto que esse resultado não apareceu no pré-teste. Houve também um aumento significativo na frequência de bons repertórios de habilidades sociais, uma vez que apenas um dos pais apresentou esse resultado no pré-teste, enquanto que três apresentaram esse resultado no pós-teste.

No pós-teste não foi encontrado nenhum pai com resultado médio inferior de habilidades sociais, enquanto que no pré-teste dois pais apresentaram esse resultado. Pode também ser percebida uma queda nos repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais, uma vez que três pais apresentaram esse repertório no pré-teste enquanto apenas dois apresentaram esse repertório no pós-teste.

No quesito enfrentamento e autoafirmação com risco as seguintes mudanças foram observadas: houve um aumento na frequência de repertórios altamente elaborados de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Pode-se observar que apenas três pais apresentaram essa frequência no pré-teste enquanto que quatro apresentaram no pós-teste.

A frequência de bons repertórios de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator, permaneceu a mesma com resultados de três pais tanto no pré-teste quanto no pós-teste.

Neste quesito também pode ser observada uma queda nos repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator, uma vez que o pré-teste apresentou um resultado de quatro pais com este repertório, enquanto que no pós-teste foram encontrados apenas três.

Quanto ao quesito autoafirmação na expressão de sentimentos positivos foram encontrados os seguintes resultados: no pré-teste três pais com esse repertório, havendo um aumento para quatro pais no pós-teste, houve também um

aumento na frequência de bons repertórios para habilidades sociais, uma vez que o pré-teste apresentou dois resultados e o pós-teste apresentou três.

Foi observada também uma queda na frequência de resultado médio inferior para habilidades sociais nesse quesito, em que o pré-teste apresentou dois pais, enquanto o pós-teste apresentou apenas um.

Este quesito também apresentou queda nos comportamentos abaixo da média para habilidades sociais, sendo encontrados três pais no pré-teste e apenas dois no pós-teste.

Quanto à conversação e desenvoltura social, foram observados os seguintes resultados: aumento na frequência de repertórios altamente qualificados para habilidades sociais, sendo observado que cinco pais apresentaram esse resultado no pré-teste, tendo um aumento de um pai no pós-teste que passou para seis.

A frequência se manteve inalterada tanto na ocorrência de repertórios bastante elaborados para habilidades sociais, quanto na frequência para bons repertórios de habilidades sociais, sendo observado o seguinte: um pai apresentou resultado bastante elaborado tanto no pré, quanto no pós-teste e dois apresentaram bons resultados igualmente no pré e pós-teste.

Houve uma queda na frequência de comportamentos abaixo da média para habilidades sociais também nesse quesito, uma vez que o pré-teste apresentou dois pais e o pós-teste apresentou apenas um.

No quesito conversação e desenvoltura social, foram observados os seguintes resultados: aumento na frequência de comportamentos altamente elaborados para habilidades sociais, sendo encontrado cinco pais no pré-teste, passando para seis no pós-teste.

Não houve alterações na frequência para resultados bastante elaborados e bons resultados para habilidades sociais neste quesito em que um pai apresentou repertório bastante elaborado e dois apresentaram bons resultados tanto no pré, quanto no pós-teste.

Os comportamentos abaixo da média para habilidades sociais também sofreram uma queda neste quesito que passou para uma frequência de dois pais para um.

Relativo à autoexposição a desconhecidos e situações novas, foi observada as seguintes frequências: aumento no número de pais que apresentaram resultados altamente elaborados para habilidades sociais no pós-teste, que passou de quatro no pré-teste para cinco no pós-teste.

Houve melhora nos resultados bastante elaborados para habilidades sociais, uma vez que foi encontrado um pai com resultado bastante elaborado no pós-teste enquanto nenhum pai apresentou esse repertório no pré-teste.

A frequência de bons resultados se manteve inalterada, sendo encontrados dois pais com esse resultado, tanto no pré quanto no pós-teste.

Houve uma queda na frequência de repertório médio inferior para habilidades sociais, uma vez que esse repertório foi encontrado uma vez no pré-teste e nenhuma vez no pós. Essa queda apareceu também nos repertórios abaixo da média em que o pré-teste apresentou uma frequência de três pais enquanto que o pós-teste apresentou apenas dois.

A respeito do autocontrole da agressividade, pode-se dizer que esse foi o quesito que mais se destacou com relação a melhoras de repertórios, uma vez que houve uma alteração significativa nos resultados apresentados, podendo ser observado o seguinte: aumento na frequência de comportamentos altamente elaborados para habilidades sociais, que passou de dois pais no pré-teste para três no pós-teste, aumento também na frequência de comportamentos bastante elaborados que passou de um pai no pré-teste para dois no pós e queda na frequência de repertórios abaixo da média que passou de dois no pré-teste para nenhum no pós.

Os bons repertórios para habilidades sociais se mantiveram inalterados mantendo uma frequência de cinco pais, tanto no pré quanto no pós-teste.

Após serem comparados os resultados obtidos através do pré-teste com os do pós-teste, pode ser constatado que houve uma melhora significativa no

repertório de habilidades sociais desenvolvidas pelos pais participantes do programa em todos os quesitos que compõem o Inventário de Habilidades Sociais (IHS), uma vez que houve um aumento da frequência de repertórios acima da média e uma queda de comportamentos abaixo da média para habilidades sociais em quase todos os quesitos deste inventário.

5.6 Registros feitos pelos pais participantes do Grupo

A seguir serão transcritos fielmente os registros escritos pelos pais a partir das experiências pessoais deles, em participar do Programa de Treinamento de Pais, demonstrando suas percepções e como o programa pôde contribuir para melhorar a relação entre eles e seus filhos. Logo após, será feita uma análise dos registros apresentados.

M.4: Esta primeira mãe tem dois filhos um de 10 anos estudante da escola onde foi realizado o estudo e um de cinco anos estudante em outra escola. O relato desta mãe segue fielmente abaixo.

Quando fiquei sabendo do programa da escola com uma psicóloga, fiquei muito interessada, pois eu estava muito, desesperada, desiludida e me sentindo a pior mãe do mundo e falha na disciplina dos meus filhos principalmente com meu mais velho, por quem tinha um afastamento tão grande que para mim não existia finais de semana entre eu e ele, pois ele só queria saber de ficar com o avô. Ele saía do colégio na sexta-feira com o avô e voltava na segunda de manhã, o avô dava tudo para ele do bom e do melhor e isso me deixava muito frustrada como mãe.

Não conseguia dar um abraço no meu filho pois me sentia mãe batalhadora que sabia o que queria e era incapaz de chegar perto do meu filho e dar um abraço e ele nunca me deixava aproximar pois para ele o avô e o pai eram tudo.

No primeiro encontro eu cheguei tão desesperada doida para arregaçar as mangas e colocar em prática tudo que a psicóloga e seus auxiliares de pesquisa tinham nos ensinado.

Lembro que nos não só abrimos nossos corações para falar dos nossos problemas como também ouvir as opiniões das outras pessoas que sempre tinham um conselho ou dica para nos orientar. Tinha também as tarefas de casa que eram muito boa e você via que eram coisas simples mas que na prática faz toda a diferença, se não estou enganada a primeira era para fazermos uma coluna de atos adequados e atos inadequados e me lembro que eu havia colocado que eles tinham mania de entrar e ficar ouvindo conversas dos adultos.

Quando íamos passear em qualquer lugar eles saíam correndo na frente, gritando e brigando e eu não tinha vontade de passear com eles pois eles me envergonhavam, não sabiam se comportar em público. Os

comportamentos adequados eram: agradeciam quando ganhavam algo e dividiam seus brinquedos.

Quando tivemos o primeiro encontro a psicóloga conversou sobre a tarefa de casa. Eu me lembro que a psicóloga pediu que pegássemos os adequados e com eles agente passasse a elogiá-los cada vez que eles apresentasse esse tipo de comportamento e trabalhar em cima dos inadequados. Comecei a sair com meus filhos e era firme quando era necessário. Quando íamos ao shopping para mim era um horror, preferia faxinar 10 casas do que levá-los para passear.

A psicóloga me deu o método do diálogo e do elogio, conversar com eles antes de sair de casa, eu então antes de sair de casa sentava com eles e falava: “nós vamos ao shopping ver um filme, vocês vão me dar as mãos, vamos caminhar um ao lado do outro, assistir o filme e ir embora, pausa para o lanche e vamos para casa” se eles se comportassem eu teria que dar parabéns e dar um abraço e um beijo pelo comportamento.

Na semana da tarefa coloquei em prática, nos três primeiros dias eles levaram na brincadeira, mas como me mantive firme no segundo dia eu já estava indo no sacolão com eles de mãos dadas comigo e tudo que eu falava eles me obedeciam e eu os elogiava sempre que eles se comportavam conforme os combinados.

Foi sugerido no encontro também que quando eles se comportassem de maneira inadequada que eu os levasse a refletir sobre o que tinham feito e eu mergulhei fundo e peguei todas as dicas e usei com meus filhos e tive um resultado surpreendente. Não desanimei nunca e eles queriam me mostrar como eles queriam me ver feliz e serem bons filhos.

No segundo encontro falamos sobre tirar um tempo para brincarmos com nossos filhos e graças a essa tarefa meu filho mais velho que eu já havia desistido de competir sua atenção com o avô me surpreendeu, pois no mesmo sábado que ela passou a tarefa eu liguei pra ele e falei que a psicóloga tinha passado uma tarefa que era brincar com eles 15 minutos e que a brincadeira era eles que escolhiam e eu não deveria nesse momento da brincadeira dar atenção para outras coisas, a atenção seria toda para eles, nada de telefone, nem nada mais.

Para minha grande surpresa no mesmo sábado ele pediu ao avô que trouxesse ele para casa pois ele queria dormir comigo, pois nós íamos brincar juntos. Eu fiquei tão feliz que nossa brincadeira durou 2 horas. Eu nunca havia jogado bola no gol, joguei, levei bolada na cara, no domingo fiquei toda dolorida, mas valeu cada bola e chute na canela que eu levei.

No decorrer da semana brincamos de bola, vídeo game, piscina, quebra-cabeça e os dois brincavam juntos e sem brigar e para minha surpresa, na quinta-feira, meu filho mais velho me olhou e sem rodeios me disse: “mamãe você é a melhor mãe do mundo, te amo, amanhã não vou para a casa do meu avô, vou dormir aqui e nos vamos brincar.” No início do encontro a falta do abraço ficou para trás, aquele abraço e beijo que eu só dava quando ele estava dormindo, começamos a dar no decorrer do dia, mas isso aconteceu bem devagar, os abraços e os beijos e só de ter tido isso eu já havia ganhado um tesouro.

Falei com a psicóloga e ela me incentivou a continuar dia após dia e infelizmente no início de novembro vim à reunião mas com tudo preparado para parar pois meu pai se encontrava doente e as veias das pernas dele estava tão entupida que só os remédios não estavam resolvendo, estávamos correndo atrás de cirurgias para ele e eu não tive cabeça para cumprir a tarefa daquela semana e acabei até perdendo a folha dada no encontro, fiquei arrasada e sem vontade de nada naquele momento, eu só queria ir para o interior cuidar de meu pai. Graças a Deus não precisou de ir para lá, porque ele veio para cá, ficou uma semana e foi embora.

Hoje ele já está melhor de saúde, e as tarefas que eu havia aplicado antes do último encontro que vim e graças a Deus entre as perdas que tive no decorrer do encontro não me deixaram nem um pouco triste, pois perdi algo que para mim se tornou insignificante e ganhei um amigo e um filho maravilhoso, meu filho hoje chega pra mim onde eu estiver e diz: “mamãe eu te amo, me abraça perto de todo mundo e não tem mais vergonha de mim, e além de tudo isso ele me ajuda a cuidar do mais novo, ensina coisas certas para o irmão, brinca com ele e foi esse meu eterno amigo e filho que me tirou de uma depressão profunda que tive a dois meses e meio atrás.

Ele olhou nos meus olhos e disse: “Mãe sai dessa cama, procura um médico e deixa eu te ajudar”, foi comigo ao médico, ficou do meu lado e olhando o comportamento dele no ano passado, antes do encontro era muito diferente, era distante de mim, só ficava com o avô e nunca havia me abraçado e dito te amo comigo.

Esse programa não é brinquedo pois o objetivo é nos dar ferramentas de trabalho, cabe a nós pegarmos e aproveitarmos cada encontro e cada palavra e troca de experiências de outros pais.

Hoje sou uma pessoa mais equilibrada em relação aos meus filhos, hoje é domingo e eu já fui ao shopping com eles, brincamos, lanchamos e quando eu falei vamos embora, eles vieram brincando e contando histórias, sem brigas, gritarias e choradeiras, muito diferente do que acontecia antes.

Quando saio na rua com eles, eles se comportam, na casa dos outros também. Hoje meus filhos dormem só ao meu lado, o papel dos avós, tios e outros, cada um sabe e não ficam interferindo mais, estou muito feliz com os resultados que tive com os encontros, eu tirei proveito de cada encontro e mergulhei firme nos ensinamentos. Eu queria mudar a harmonia da minha relação com meus filhos e em especial meu filho mais velho e eu continuo com as tarefas e continuo cada dia mais colhendo os frutos desse lindo trabalho que foi feito.

Muito obrigado por modificar e harmonizar minha convivência com meus filhos, eu só tenho a agradecer se eu for falar da alegria que estou sentindo por ter feito parte desse programa, eu ficaria escrevendo até o caderno acabar.

Não sou muito boa com a escrita, mas agradeço por ter participado deste programa por todos os frutos maravilhosos que eu continuo colhendo graças aos encontros. Você é uma pessoa abençoada por Deus, que com seu jeito todo carinhoso de acolher as pessoas vai conseguir tudo de bom na sua vida, tanto pessoal como profissional. Você foi solidária a ajudar as pessoas que pedem socorro como no meu caso e eu só tenho a te agradecer. Muito obrigada por tudo. Obrigada por tudo! Esse programa tem futuro, pois ajuda mesmo quem tá disposto a ser ajudado lutando no dia a dia.

Elementos de análise dos registros desta mãe: “fiquei muito interessada, pois eu estava muito, desesperada, desiludida e me sentindo a pior mãe do mundo e falha na disciplina dos meus filhos [...] ele só queria saber de ficar com o avô. [...] muito frustrada como mãe.

Não conseguia dar um abraço no meu filho pois me sentia mãe batalhadora que sabia o que queria e era incapaz de chegar perto do meu filho e dar um abraço e ele nunca me deixava aproximar pois para ele o avô e o pai eram tudo. [...] desesperada doida para arregaçar as mangas e colocar em prática tudo [...] abrimos nossos corações para falar dos nossos problemas como também ouvir as opiniões das outras pessoas que sempre tinham um conselho ou dica para nos orientar [...] tarefas de casa que eram muito boa e você via que eram coisas simples mas que na prática faz toda a diferença [...] eles me envergonhavam, não sabiam se comportar em público.

Os comportamentos adequados [...] passasse a elogiá-los cada vez que eles apresentasse esse tipo de comportamento e trabalhar em cima dos

inadequados [...] era firme quando era necessário [...] método do diálogo e do elogio, conversar com eles antes de sair de casa [...] antes de sair de casa sentava com eles e falava [...] se eles se comportassem eu teria que dar parabéns e dar um abraço e um beijo pelo comportamento. [...] coloquei em prática [...] me mantive firme, tudo que eu falava eles me obedeciam e eu os elogiava sempre que eles se comportavam conforme os combinados. [...] quando eles se comportassem de maneira inadequada que eu os levasse a refletir sobre o que tinham feito, mergulhei fundo e peguei todas as dicas e usei com meus filhos e tive um resultado surpreendente.

Não desanimei nunca e eles queriam me mostrar como eles queriam me ver feliz e serem bons filhos. [...] tirar um tempo para brincarmos com nossos filhos e graças a essa tarefa meu filho mais velho que eu já havia desistido de competir sua atenção com o avô me surpreendeu [...] a atenção seria toda para eles [...] Para minha grande surpresa no mesmo sábado ele pediu ao avô que trouxesse ele para casa pois ele queria dormir comigo [...] Eu fiquei tão feliz que nossa brincadeira durou 2 horas.

Eu nunca havia jogado bola no gol, joguei, levei bolada na cara, no domingo fiquei toda dolorida, mas valeu cada bola e chute na canela que eu levei. [...] para minha surpresa, na quinta-feira, meu filho mais velho me olhou e sem rodeios me disse: “mamãe você é a melhor mãe do mundo, te amo, amanhã não vou para a casa do meu avô, vou dormir aqui e nos vamos brincar. [...] falta do abraço ficou para trás [...] só de ter tido isso eu já havia ganhado um tesouro [...] a continuar dia após dia. [...] as perdas que tive no decorrer do encontro não me deixaram nem um pouco triste [...] ganhei um amigo e um filho maravilhoso, meu filho hoje chega pra mim onde eu estiver e diz: “mamãe eu te amo, me abraça perto de todo mundo e não tem mais vergonha de mim, e além de tudo isso ele me ajuda a cuidar do mais novo, ensina coisas certas para o irmão, brinca com ele e foi esse meu eterno amigo e filho que me tirou de uma depressão profunda que tive a dois meses e meio atrás.

Ele olhou nos meus olhos e disse: “Mãe sai dessa cama, procura um médico e deixa eu te ajudar”, foi comigo ao médico, ficou do meu lado e olhando o comportamento dele no ano passado, antes do encontro era muito diferente, era distante de mim, só ficava com o avô e nunca havia me abraçado e dito te amo comigo. Esse programa não é brinquedo, cabe a nós pegarmos e aproveitarmos cada encontro e cada palavra e troca de experiências de outros pais.”.

Hoje sou uma pessoa mais equilibrada em relação aos meus filhos [...] Quando saio na rua com eles, eles se comportam, na casa dos outros também. [...] o papel dos avós, tios e outros, cada um sabe e não ficam interferindo mais, estou muito feliz com os resultados que tive com os encontros, eu tirei proveito de cada encontro e mergulhei firme nos ensinamentos. [...] Muito obrigado por modificar e harmonizar minha convivência com meus filhos, eu só tenho a agradecer se eu for falar da alegria que estou sentindo por ter feito parte desse programa, eu ficaria escrevendo até o caderno acabar. [...] mas agradeço por ter participado deste programa por todos os frutos maravilhosos que eu continuo colhendo graças aos encontros. [...] eu só tenho a te agradecer. Muito obrigada por tudo. Obrigada por tudo!

Principais elementos do conteúdo deste registro: interesse em participar do grupo, se encontrava muito desesperada, desiludida, se sentindo a pior mãe do mundo, dificuldade na disciplina dos filhos, distanciamento entre ela e o filho,

sentimento de frustração, dificuldade em demonstrar carinho ao filho, ciúme do filho com o pai e o avô como demonstração de insegurança.

Desejo de mudança, desabafo, confiança em falar de suas dificuldades com os outros membros do grupo, abertura em mudar o comportamento, disponibilidade em aprender com a experiência dos outros membros do grupo e orientações da pesquisadora, reconhecimento da importância de colocar a tarefa de casa em prática, vergonha da indisciplina dos filhos, reconhecimento de que os filhos também possuíam comportamentos adequados e não apenas inadequados, importância em reforçar os comportamentos adequados, trabalhar em cima dos inadequados, percepção da necessidade em estabelecer um limite entre a rigidez e negociação de regras, estabelecimento de combinados, reforço em cumprir os combinados.

Perseverança, reflexão sobre os comportamentos inadequados, realização em obter os resultados esperados, aproximação entre a mãe e os filhos, passou a dar mais atenção aos filhos, melhora das relações entre mãe e filho, mudança de comportamento, resultados alcançados, superação de limites em demonstrar carinho aos filhos, fortalecimento de atitudes, melhora no comportamento do filho, maior aproximação, superação de limites, o filho se tornou um amigo que deu força à mãe para superar suas dificuldades nos momentos difíceis.

Reconhecimento da importância de tentar aproveitar ao máximo as atividades propostas pelo treinamento de pais, autoconfiança, mudança de comportamento dos filhos, redefinição de papéis nas relações parentais, sentimento de realização, sentimento de gratidão e reconhecimento da importância do treinamento de pais.

P.3: Eu pai participante do encontro de pais com a psicóloga tenho muito a dizer que foi muito importante e produtivo a minha participação deste trabalho, tivemos uma ótima explicação e orientação com a psicóloga, para nós pais e filhos, para que tenhamos um bom relacionamento. Eu digo que não o tinha um bom relacionamento com minha filha, mas através deste trabalho, temos melhorado o nosso relacionamento, a partir do primeiro passo até onde paramos.

Digo eu tenho tido sucesso e vamos ter ainda mais com a orientação deste trabalho. Principalmente no passo que era pra tirar um tempo para ficar com os filhos, foi muito boa e todos os pais gostaram porque agente tirando um

tempo vamos ter mais entendimento, procurando entender melhor um ao outro para melhorar o relacionamento entre pais e filhos.

Gostaria de ter tido mais tempo para dedicar mais as tarefas e conseguir mais resultados. Foi muito bom porque tive oportunidade de conviver com outros pais e também aprender com eles, através das trocas de experiências e dos resultados alcançados pelos outros pais pude ver que dá resultado mesmo e isso me motivou a também querer colocar em prática os ensinamentos deste grupo.

Elementos de análise observados no registro desse pai: tenho muito a dizer que foi muito importante e produtivo a minha participação deste trabalho, tivemos uma ótima explicação e orientação com a psicóloga [...] para nós pais e filhos, para que tenhamos um bom relacionamento [...] Eu digo que não o tinha um bom relacionamento com minha filha, mas através deste trabalho, temos melhorado o nosso relacionamento”.

Principalmente no passo que era pra tirar um tempo para ficar com os filhos, foi muito boa e todos os pais gostaram porque agente tirando um tempo vamos ter mais entendimento, procurando entender melhor um ao outro para melhorar o relacionamento entre pais e filhos. [...] Gostaria de ter tido mais tempo para dedicar mais as tarefas e conseguir mais resultados.

Foi muito bom porque tive oportunidade de conviver com outros pais e também aprender com eles, através das trocas de experiências e dos resultados alcançados pelos outros pais pude ver que dá resultado mesmo e isso me motivou a também querer colocar em prática os ensinamentos deste grupo.

Principais elementos do conteúdo deste registro: reconhecimento da importância do treinamento de pais, busca de um bom relacionamento com a filha, melhora no relacionamento e desejo de continuar melhorando, reconhecimento da importância e necessidade de dedicar mais tempo aos filhos, o treinamento de pais como instrumento de melhora de comunicação e relacionamento entre pais e filhos, desejo de ter mais tempo para colocar as tarefas em prática. Importância da troca de experiências entre os pais participantes do programa de Treinamento de Pais. Motivação para colocar em prática as tarefas do treinamento de pais.

P.2: Participar do Grupo de Treinamento de Pais foi ótimo. Logo no meu primeiro encontro, me vi em uma situação que nunca tinha vivido antes, todos falavam de suas dificuldades abertamente para o grupo, e isso foi fazendo com que fosse criada uma cumplicidade entre os participantes. Todos davam opiniões ou criticavam as atitudes dos outros, mas sempre com muito respeito e com o intuito de ajudar.

No Treinamento de Pais eu não aprendi nada de novo, tudo é coisa comum, corriqueira, mas que não usávamos e com o Treinamento aprendi a colocá-las em prática, aprendendo a usá-las melhor.

Aprendi a ouvir e a observar mais os meus filhos, a agir diante de atitudes adequadas e inadequadas dos mesmos.

A parte do programa que mais me marcou e foi uma experiência e tanto foi quando no segundo passo foi sugerido que nós pais tirássemos 15 minutos todos os dias para brincarmos com nossos filhos. Foi importante porque

pode nos aproximar mais cada dia um do outro, sendo aí que pude perceber que havia uma distância entre nós que eu não percebia antes.

Principais conteúdos das falas deste registro: Participar do Grupo de Treinamento de Pais foi ótimo, me vi em uma situação que nunca tinha vivido antes, [...] todos falavam de suas dificuldades abertamente para o grupo, e isso foi fazendo com que fosse criada uma cumplicidade entre os participantes.

Todos davam opiniões ou criticavam as atitudes dos outros, mas sempre com muito respeito e com o intuito de ajudar. [...] coisa comum, corriqueira, mas que não usávamos e com o Treinamento aprendi a colocá-las em prática, aprendendo a usá-las melhor. [...] Aprendi a ouvir e a observar mais os meus filhos, a agir diante de atitudes adequadas e inadequadas dos mesmos. [...] foi sugerido que nós pais tirássemos 15 minutos todos os dias para brincarmos com nossos filhos. Foi importante porque pode nos aproximar mais cada dia um do outro, sendo aí que pude perceber que havia uma distância entre nós que eu não percebia antes.

Por meio dos registros destes pais pode-se perceber: empolgação dos pais em participar do treinamento de pais, novidade, sentimento de confiança e cordialidade entre os membros do grupo de treinamento de pais. Desejo de participação, respeito e desejo de se ajudarem mutuamente entre os membros do grupo. Altruísmo. Necessidade de colocar em prática coisas corriqueiras que antes sabiam da existência, mas não davam tanta importância. O treinamento de pais como instrumento de mediação entre a teoria e a prática. Desenvolvimento das habilidades de observar e ouvir mais os filhos. Maior habilidade para agir diante do comportamento dos filhos, reforçando os comportamentos adequados e manejando os comportamentos inadequados.

Percepção da importância da necessidade de brincar com os filhos, sentimento de aproximação entre pais e filhos, percepção da distância existente entre pais e filhos que esse pai antes não tinha consciência. Percepção da importância da necessidade de brincar com os filhos, sentimento de aproximação entre pais e filhos.

M.3: Iniciei o treinamento de pais em atenção ao meu filho, que me apresentou o 2º convite para o comparecimento, uma vez que havia perdido o primeiro encontro por ele ter acontecido durante a semana, no meu horário de trabalho.

Ao iniciar o treinamento, estava em um momento muito difícil da minha vida, não conseguindo exercer a maternagem de uma forma que me agradasse, embora meus amigos considerassem que eu estava me saindo muito bem como mãe. Havia cobranças, às vezes cruéis, por parte de minha mãe e de uma irmã, quando tudo o que fazia ou todas as decisões que eu tomava a respeito da educação de meus filhos eram consideradas erradas, inadequadas ou insuficientes. Tentava agir como elas queriam, mas nada

do que eu fazia as contentava. Nesse processo, me perdi e comecei a ficar mais tempo no trabalho, evitando voltar cedo para casa e ter que cuidar dos filhos.

Nos primeiros encontros ainda estava muito ansiosa e agitada, o que transparecia facilmente nas minhas falas, por vezes longas demais, quase um desabafo. Era nos encontros que eu extravasava toda a minha angústia.

Os exercícios propostos eram fáceis, leves e prazerosos, o que muitas vezes me fez refletir por que eu não agia assim antes. Outra reflexão que me acompanhou diz respeito ao fato de, desde a chegada de meu primeiro filho, ter tomado a decisão de dedicar a eles todo o meu tempo e atenção após retornar do trabalho; isso implicava comer e tomar banho somente após eles adormecerem. Nesse tempo, conseguia colocá-los para dormir até no máximo 21h. Era um tempo difícil, pois eu saía de casa às 6h e retornava às 19h.

O meu caçula, deu muito trabalho, pois teve refluxo gástrico com apenas 30 dias. Também após 30 dias passou a não dormir mais uma noite inteira; acordava a cada 02h30minh e só calava com uma mamadeira; desde muito cedo demonstrou não saber lidar com as frustrações, o que demandava atenção redobrada. Passou a dormir uma noite inteira aos 4 anos de idade e mesmo assim porque passou a usar um calmante fitoterápico receitado por uma neurologista.

Apesar disso tudo, desenvolvemos um bom relacionamento, éramos unidos, companheiros e sempre disse que eu não mentia, só enganava quando eles não aceitavam a verdade. Diante de uma indagação cuja resposta não agradava, perguntava-lhes: “Quer a verdade ou ser enganado?” Havia, também, a verdade de olho piscado, uma forma de acalmar meu filho, dando-lhe a resposta que queria no auge de uma crise de gritos e choradeira, para depois ser retomado o assunto quando ele acalmava.

No decorrer dos encontros, os demais participantes foram percebendo que eu estava mais calma, o que também se deve ao fato de ter começado o tratamento para depressão e estar usando medicação. Surpreendentemente obtive melhores resultados com meu filho mais novo. Ele está mais prestativo, mais calmo, apesar de ainda apresentar transtorno opositivo, dizer muitos palavrões principalmente quando quer algo e não obtém e usar de agressão física e verbal quando contrariado em seus interesses (pratica os atos e depois de certo tempo pede desculpas).

Com meu filho mais velho vou caminhando aos poucos: ele ainda faz chantagem emocional, deixando de almoçar e jantar quando contrariado (o que ocorre com muita frequência), mas conseguimos jogar pelo menos três vezes por semana, na parte da manhã. Nós nos entendemos com um simples olhar, embora nem sempre ele esteja disposto a cumprir as regras estabelecidas. Quando ele teve um problema sério na escola, envolvendo mentira e apropriação indébita de um brinquedo, fui chamada à escola para solucionar o caso.

Diante da diretora, da supervisora e da professora da turma, ele assumiu o erro e eu declarei a minha decepção com ele, pois sempre ensinei a dizer a verdade e a não pegar objetos dos outros. A partir deste dia, ele tem procurado sempre dizer a verdade e, às vezes, quando questiono se ele não está mentindo, ele responde: “ué, mãe, você não falou que é para não mentir? Então, estou dizendo a verdade. Sério.”

O único incômodo que tive e que até hoje não superei por completo foi quando os integrantes do grupo disseram que eu não tinha intimidade com meus filhos, pois realizar uma tarefa doméstica enquanto eles brincam ao meu redor não estabelece intimidade, apenas garante que estejamos juntos. Meus filhos conhecem o meu jeito de ser assim como eu conheço os deles;

contam comigo nos momentos mais difíceis e sabem que estarei sempre com eles, quando precisarem. Então, pergunto: O que é ter intimidade com alguém?

O Treinamento de Pais mostrou-me o quanto é fácil saber o que tem que ser feito e não fazer. Quase todos os passos já eram do meu conhecimento, porém eu não os aplicava na educação dos meus filhos. Sempre orientei os pais de meus alunos a serem mais presentes na vida de seus filhos, a dedicar a eles uma atenção especial, mesmo que fossem 15 minutos, apesar do cansaço do dia de trabalho e eu mesma não estava fazendo isso por meus filhos.

Hoje me sinto feliz quando os levo ao meu local de trabalho e as pessoas comentam como eles mudaram, como estão mais calmos e atentos.

Elementos de análise observados nos registros dessa mãe: estava em um momento muito difícil da minha vida, não conseguindo exercer a maternagem de uma forma que me agradasse, cobranças, às vezes cruéis, por parte de minha mãe e de uma irmã, quando tudo o que fazia ou todas as decisões que eu tomava a respeito da educação de meus filhos eram consideradas erradas, inadequadas ou insuficientes.

Tentava agir como elas queriam, mas nada do que eu fazia as contentava. [...] me perdi e comecei a ficar mais tempo no trabalho, evitando voltar cedo para casa e ter que cuidar dos filhos. [...] estava muito ansiosa e agitada, o que transparecia facilmente nas minhas falas, por vezes longas demais, quase um desabafo.

Era nos encontros que eu extravasava toda a minha angústia. Os exercícios propostos eram fáceis, leves e prazerosos, o que muitas vezes me fez refletir por que eu não agia assim antes, ter tomado a decisão de dedicar a eles todo o meu tempo e atenção após retornar do trabalho, Era um tempo difícil, pois eu saía de casa às 6h e retornava às 19h. No decorrer dos encontros, os demais participantes foram percebendo que eu estava mais calma.

Surpreendentemente obtive melhores resultados com meu filho. Ele está mais prestativo, mais calmo, apesar de ainda apresentar transtorno opositivo, dizer muitos palavrões principalmente quando quer algo e não obtém e usar de agressão física e verbal quando contrariado em seus interesses (pratica os atos e depois de certo tempo pede desculpas).

[...] mas conseguimos jogar pelo menos três vezes por semana, na parte da manhã. Nós nos entendemos com um simples olhar, embora nem sempre ele esteja disposto a cumprir as regras estabelecidas. [...] declarei a minha decepção com ele, pois sempre ensinei a dizer a verdade e a não pegar objetos dos outros.

A partir deste dia, ele tem procurado sempre dizer a verdade e, às vezes, quando questiono se ele não está mentindo, ele responde: "ué, mãe, você não falou que é para não mentir? Então, estou dizendo a verdade. Sério. [...] os integrantes do grupo disseram que eu não tinha intimidade com meus filhos, pois realizar uma tarefa doméstica enquanto eles brincam ao meu redor não estabelece intimidade, apenas garante que estejamos juntos.

O Treinamento de Pais mostrou-me o quanto é fácil saber o que tem que ser feito e não fazer. Quase todos os passos já eram do meu conhecimento, porém eu não os aplicava na educação dos meus filhos. [...] Sempre orientei os pais de meus alunos a serem mais presentes na vida de seus filhos, a dedicar a eles uma atenção especial, mesmo que fossem 15 minutos, apesar do cansaço do dia de trabalho e eu mesma não estava fazendo isso por meus filhos. [...] Hoje me sinto feliz quando os levo ao meu local de trabalho e as pessoas comentam como eles mudaram, como estão mais calmos e atentos.

Analisando dos registros desta mãe pode-se perceber: insatisfação com a forma como agia como mãe antes do treinamento de pais. Interferência de outras pessoas na criação dos filhos e dificuldade dessa mãe de se impor diante de tais interferências, sentimento de não saber o que fazer, buscando fuga no trabalho, desorientação e dificuldade em cuidar dos filhos, sentimentos de ansiedade, agitação expressados através das falas longas e prolixas.

Visão do grupo como momento de trabalhar as angústias relacionadas à maternidade, as tarefas de casa do treinamento de pais eram vistas como fáceis, leves e prazerosas. Visão do grupo de treinamento de pais como momento de reflexões sobre as atitudes que esta mãe estava tendo com seus filhos, tomada de decisão em dedicar mais tempo aos filhos.

Dificuldade em administrar melhor o tempo, importância do reconhecimento dos outros membros do grupo de treinamento de pais para essa mãe, reconhecimento de melhoras no comportamento do filho e necessidade de melhorar ainda mais. Dedicção de mais tempo ao filho.

Comunicação através do olhar demonstrando uma melhor sintonia entre mãe e filho. Importância do diálogo da sinceridade e da franqueza e compreensão entre mãe e filho. Desejo dos pais participantes do grupo em ajudar essa mãe a estabelecer maior intimidade com seus filhos e resistência e dificuldade dessa mãe em aceitar o ponto dos outros membros do grupo. Dificuldade em colocar em prática os ensinamentos do Treinamento de Pais devido a características pessoais dessa mãe. Reconhecimento da importância de dedicar mais tempo aos filhos e dificuldade em colocar em prática. Realização em ouvir que os filhos estão mais calmos e atentos.

M.1: Sou uma das mães que participou do Treinamento de Pais c, tenho 30 anos, casada, corretora de imóveis e trabalho em uma construtora na coordenação e vendas de imóveis.

Sou mãe de um aluno da Escola Estadual Alberto Delpino, onde foi realizada a pesquisa sobre o Treinamento para pais, um trabalho muito bom com práticas simples e que levam a um resultado 100%.

Foi enviado um bilhete e comunicado aos alunos da psicóloga que realizaria uma reunião com os pais que se interessassem, meu filho chegou em casa e me disse com muita empolgação que na escola teria uma psicóloga e me perguntou quanto que custava uma consulta com um psicólogo eu achei

muito engraçado a visão dele, que era se caro aqui vai ter de graça você precisa ir mamãe foi o que ele me disse rrsrs.

Bem eu me casei aos 16 anos, e com certeza por diversos fatores dentre eles a falta de maturidade eu tive muitas dificuldades no meu casamento, inclusive separações, tivemos o nosso filho quando tínhamos 4 anos de casados e ele vivenciou muitas brigas, discussões e claro sofreu com a separação, eu sempre tive medo e receio do que estas experiências tristes poderiam causar na vida dele, ou seja qual seria o efeito de toda aquela bagunça na personalidade dele, se pra mim que já era adulta era difícil de filtrar que dirá pra ele...

Este foi o meu interesse em ir conversar com a psicóloga, eu queria saber como detectar alguns traumas e trabalha-los para que meu filho se torne uma pessoa feliz.

Ao participar da introdução do programa percebi que mais que trabalhar supostos traumas, eu tinha a oportunidade de conhecer melhor meu filho, que sempre foi um garoto, obediente, educado, não é agressivo pelo contrário sempre foi amoroso, e nós somos muito amigos sempre compartilhamos tudo. Então na minha visão eu precisava me preocupar mais com o futuro do que com o agora porque eu nunca tive nenhum tipo de problema com a conduta ou comportamento de meu filho.

Fiquei apaixonada pelo programa já passei para algumas amigas e para minha irmã que tem um bebê algumas dicas, isso porque ao realizar os exercícios eu detectei algumas falhas minhas como mãe e algumas do pai, compreendi que praticamente todas as atitudes dos nossos filhos dependem do que passamos a eles e como convivemos com eles.

Eu sempre trabalhei muito, tipo 1 folga a 2 na semana, finais de semana e feriados eu trabalho também e é assim desde sempre. Eu sempre tentei aproveitar ao máximo o tempo das minhas folgas com minha família, porém o tempo em que estou em casa eu e o pai de meu filho, nós não estávamos convivendo como família. Chegava a noite os dois adultos cansados porém com algumas pendências ainda a resolver e aí era cada um em seu computador, e meu filho ali [...] ou na Tv ou no vídeo game, ou no computador também só que pra mim estava tudo normal, afinal de contas eu não tenho problemas com o comportamento do meu filho.

Foi aí que a psicóloga nos passou um exercício de pararmos pelo menos 15 minutos diários para ficar por conta dos filhos realizando a brincadeira de escolha deles.

Gente eu não sabia o quanto essa proximidade é necessária, tivemos várias atividades com os filhos, mas esta foi a que me marcou mais, porque eu percebi o quanto era difícil pra mim tirar um tempo exclusivo para o meu filho, no início eu até ficava impaciente, depois foi super legal, eu entendi o quanto essa cumplicidade era necessária, conheci melhor meu filho e entendi que ele poderia estar sendo uma criança muito boa mas seria um adulto com faltas, falta da companhia da mãe e do pai que estavam fisicamente presentes mas emocionalmente ausentes uma vez que estavam todos com seus compromissos.

Nosso diálogo melhorou ainda mais, estou o conhecendo melhor cada dia, meu marido ao nos observar começou a ter um tempo só para meu filho também sem que eu cobrasse dele, hoje todos os dias os dois fazem algo, ou jogam vídeo game juntos ou jogam bola, o meu tempo com ele as vezes não é tão grande mas sempre ele aparece no fim da noite me perguntando se dá tempo jogar uma partida de uno ou de xadrez (que estou aprendendo), eu percebo que não é pelo jogo mas pela companhia, acho super legal, nossa família ficou mais unida e todos perceberam isso.

Eu agradeço muito a Deus que levou a psicóloga a realizar este trabalho conosco pra mim e minha família foi essencial, quero estar sempre atenta

aos detalhes dos exercícios para manter essa harmonia, sei que tenho que observar tudo porque o meu dia a dia é corrido, mas tem coisas que são prioridades e a maior delas é a família.

Espero que possamos manter de alguma forma este treinamento, infelizmente tivemos algumas dificuldades, pois faltou apoio da escola em diversos fatores, ainda bem que os pais estavam dispostos a manter os encontros ou logo não teria ido pra frente.

Eu acredito que é um projeto que poderia ganhar mais força para ser implementado nas escolas, com certeza existem famílias que precisam muito até mais que eu e não sabem como agir ou a quem recorrer, porque não existe um manual de como ser pais.

Deixo aqui o meu muito obrigada! Desejo todo sucesso a você e espero poder conviver com você um pouco mais.

Elemento de análise deste registro: *“o treinamento para pais, um trabalho muito bom com práticas simples e que levam a um resultado 100%,” “me perguntou quanto que custava uma consulta com um psicólogo eu achei muito engraçado a visão dele, que era se caro aqui vai ter de graça você precisa ir mamãe foi o que ele me disse rsrsrs.”*

[...] dificuldades no meu casamento, inclusive separações, tivemos o nosso filho quando tínhamos 4 anos de casados e ele vivenciou muitas brigas, discussões e claro sofreu com a separação, eu sempre tive medo e receio do que estas experiências tristes poderiam causar na vida dele, ou seja qual seria o efeito de toda aquela bagunça na personalidade dele, se pra mim que já era adulta era difícil de filtrar que dirá pra ele..., eu queria saber como detectar alguns traumas e trabalha-los para que meu filho se torne uma pessoa feliz.

[...] percebi que mais que trabalhar supostos traumas, eu tinha a oportunidade de conhecer melhor meu filho, Então na minha visão eu precisava me preocupar mais com o futuro do que com o agora porque eu nunca tive nenhum tipo de problema com a conduta ou comportamento de meu filho. Fiquei apaixonada pelo programa já passei para algumas amigas e para minha irmã que tem um bebê algumas dicas, isso porque ao realizar os exercícios eu detectei algumas falhas minhas como mãe e algumas do pai, compreendi que praticamente todas as atitudes dos nossos filhos dependem do que passamos a eles e como convivemos com eles.

Eu sempre trabalhei muito, tipo 1 folga a 2 na semana, finais de semana e feriados eu trabalho também e é assim desde sempre. Chegava a noite os dois adultos cansados, porém com algumas pendências ainda a resolver e aí era cada um em seu computador, e meu filho ali [...] ou na Tv ou no vídeo game, ou no computador também só que pra mim estava tudo normal, afinal de contas eu não tenho problemas com o comportamento do meu filho. 15 minutos diários para ficar por conta dos filhos realizando a brincadeira de escolha deles.

Gente eu não sabia o quanto essa proximidade é necessária, percebi o quanto era difícil pra mim tirar um tempo exclusivo para o meu filho, no início eu até ficava impaciente, depois foi super legal, eu entendi o quanto essa cumplicidade era necessária, conheci melhor meu filho e entendi que ele poderia estar sendo uma criança muito boa mas seria um adulto com faltas, falta da companhia da mãe e do pai que estavam fisicamente

presentes mas emocionalmente ausentes uma vez que estavam todos com seu compromissos.

Nosso diálogo melhorou ainda mais, estou o conhecendo melhor cada dia, meu marido ao nos observar começou a ter um tempo só para meu filho também sem que eu cobrasse dele, eu percebo que não é pelo jogo mas pela companhia, acho super legal, nossa família ficou mais unida e todos perceberam isso. este trabalho conosco pra mim e minha família foi essencial, quero estar sempre atenta aos detalhes dos exercícios para manter essa harmonia, sei que tenho que observar tudo porque o meu dia a dia é corrido, mas tem coisas que são prioridades e a maior delas é a família.

Espero que possamos manter de alguma forma este treinamento, tivemos algumas dificuldades, pois faltou apoio da escola em diversos fatores, ainda bem que os pais estavam dispostos a manter os encontros ou logo não teria ido pra frente. Eu acredito que é um projeto que poderia ganhar mais força para ser implementado nas escolas, com certeza existem famílias que precisam muito até mais que eu e não sabem como agir ou a quem recorrer, porque não existe um manual de como ser pais. Deixo aqui o meu muito obrigada.

Pode-se perceber por meio destes registros que o treinamento de pais aqui é visto como fácil de ser colocado em prática e o reconhecimento da eficácia do treinamento de pais, desejo do filho que a mãe participasse do treinamento de pais.

Foi observada através dos registros dessa mãe que havia dificuldades no casamento, preocupação dessa mãe em que o filho pudesse sofrer alguma influência negativa de sua separação com seu marido, medo de que a personalidade do filho pudesse sofrer alguma influência da “bagunça” entre os pais.

Havia por parte dessa mãe interesse em usar o treinamento de pais como instrumento de prevenção de problemas futuros na personalidade do filho, preocupação com a felicidade do filho. Desejo de trabalhar “supostos traumas”, oportunidade de melhor conhecimento entre mãe e filho.

Preocupação com o futuro do filho, reconhecimento do treinamento de pais como um programa importante, desejo de divulgar e ensinar outras pessoas, percepção de falhas na forma de ser mãe e falhas também do esposo em relação ao filho, reconhecimento de que as atitudes dos filhos são reflexos da convivência dos filhos com os pais.

Falta de tempo para o filho devido ao tempo dedicado ao trabalho. Percepção da necessidade de dedicar mais atenção ao filho percepção da necessidade de uma maior proximidade entre mãe e filho, percepção de que havia

uma dificuldade desta mãe em tirar um tempo exclusivo para o filho, no início ficava impaciente e depois se tornou mais fácil, percepção da necessidade de cumplicidade entre mãe e filho, maior aproximação entre mãe e filho, a mãe passou a perceber melhor as necessidades do filho, percepção de que a distância emocional dos pais com os filhos podem causar problemas no comportamento futuro dos filhos, melhora no diálogo, maior conhecimento entre mãe e filho, importância de se dar exemplos sem necessidades de se fazer cobranças.

Reconhecimento de que a companhia da mãe é algo importante para o filho. União e aproximação da família, necessidade de estar atenta aos detalhes para manter a harmonia. Mudança de percepção em que a família passa a ser encarada como prioridade. Desejo de continuar o treinamento, percepção das dificuldades encontradas para a realização do treinamento de pais, reconhecimento da importância dos pais em estarem dispostos a participarem efetivamente do treinamento para que estes obtenham resultados, reconhecimento da importância do treinamento de pais e desejo de implantação nas escolas. Preocupação com os pais que têm dificuldades com seus filhos e não sabem como agir, sentimento de gratidão.

5.6.1 Análise dos registros escritos apresentados pelos pais

Os registros acima apontam que, ao iniciar o Treinamento de Pais, estes encontravam-se motivados e muito interessados em conhecer e participar do treinamento devido às dificuldades que enfrentavam na criação dos filhos, vendo o treinamento como uma saída para melhorar o relacionamento entre pais e filhos e como uma forma de superar os problemas de relacionamento, a convivência destes com seus filhos.

A partir dos registros apresentados cima, pôde ser percebido que haviam muitas dificuldades encontradas por estes pais participantes do grupo de treinamento na convivência, no diálogo e na comunicação com seus filhos, como por exemplo: a maioria dos pais relatam que no início do treinamento encontravam-se desesperados, desorientados, desiludidos, ansiosos apresentando dificuldades na educação dos filhos, dificuldades em encontrar um equilíbrio entre a rigidez e a negociação de regras, frustração por não conseguir cumprir bem seus papéis de

educadores, com dificuldades em demonstrar carinhos a seus filhos, demonstrando-se muitas vezes inseguros.

Alguns pais relataram ainda vergonha da indisciplina dos filhos perante as outras pessoas, insatisfeitos com a forma como agiam como pais antes, falaram da interferência de outras pessoas na criação dos filhos como um dificultador da convivência entre pais e filhos, apresentavam-se perdidos sem saber como lidar com os filhos, buscando muitas vezes fuga no trabalho.

Foi observado, então, uma grande dificuldade em cuidar dos filhos, aparecendo também dificuldades em administrar melhor o tempo entre o trabalho e o cuidar dos filhos, acompanhadas algumas vezes das dificuldades no casamento, que gerava medo e inseguranças em alguns desses pais.

A partir desses registros pôde ser observado também que havia uma busca desses pais com relação ao treinamento de pais, que aparece através do desejo de um bom relacionamento com os filhos, desejosos de mudanças em suas relações com sua prole, buscando muitas vezes um lugar em que pudessem desabafar e falar das suas angústias sobre o relacionamento com seus descendentes.

Pôde ser visto também que esses pais buscavam usar o treinamento de pais como instrumento de prevenção de problemas futuros, apresentando desejo de trabalhar supostos traumas dos filhos em relação às dificuldades de relacionamento dos pais, buscava uma melhor interação entre pais e filhos, desejo de melhorar, desejo de serem ajudados e se ajudarem mutuamente.

Algumas características desses pais foram observadas, por meio desses registros, como facilitadoras do processo de mudanças nos relacionamentos pais e filhos, possibilitando que o treinamento de pais surtisse efeito. Dentre elas pode-se destacar as seguintes: interesse em participar do grupo, desejo de mudança, confiança em falar de suas dificuldades com os outros membros do grupo, abertura em mudar o comportamento, disponibilidade em aprender com a experiência dos outros membros do grupo e orientações da pesquisadora, reconhecimento da importância de colocar a tarefa de casa sugerida pelo treinamento de pais em prática, perseverança em não desistir diante das dificuldades encontradas no

primeiro momento no comportamento dos filhos, reconhecimento da importância do treinamento de pais, empolgação dos pais em participarem do treinamento de pais, sentimento de confiança e cordialidade entre os membros do grupo de treinamento de pais. Desejo de participação, respeito e desejo de se ajudarem mutuamente entre os membros do grupo, demonstrando através de atitudes de altruísmo.

Outro fator que também pôde ser visto como facilitador desse processo foi a insatisfação que alguns pais com a forma como agiam como pais e educadores antes do treinamento de pais.

Uma das mães também relatou por meio dos registros o desejo do filho de que a mãe participasse do treinamento de pais, motivando-a a querer participar para agradar também o filho.

O interesse em usar o treinamento de pais como instrumento de prevenção de problemas futuros na personalidade do filho foi visto, também, como um fator facilitador do processo, acompanhado da preocupação com felicidade dos filhos, desejo de trabalhar “supostos traumas”, oportunidade de melhor conhecimento entre mãe e filho. Preocupação com o futuro dos filhos, reconhecimento do treinamento de pais como um programa importante. Reconhecimento da importância de tentar aproveitar ao máximo as atividades propostas pelo treinamento de pais e reconhecimento da importância dos pais em estarem dispostos a participar efetivamente do treinamento para que estes pudessem obter resultados.

A partir dos registros apresentados pôde ser percebido que os pais viam o treinamento de pais como um veículo importante e eficaz e fácil de ser colocado em prática, capaz de facilitar o processo de melhora de relacionamento entre eles e seus filhos, destacando como a importante troca de experiências entre os pais, participantes do programa de treinamento de pais, servia como um instrumento de melhora de comunicação e relacionamento entre pais e filhos e como um instrumento de mediação entre a teoria e a prática.

Os pais demonstraram em seus registros que viam o grupo como um momento de trabalhar as angústias relacionadas a maternidade/paternidade, uma

vez que o grupo possibilitava momentos de reflexões sobre suas atitudes como pais e mães.

O treinamento de pais foi considerado fácil de ser colocado em prática, uma vez que, segundo esses pais, as tarefas de casa sugeridas eram fáceis, leves e prazerosas de serem cumpridas.

A partir desses relatos foi percebido que vários resultados foram alcançados, sendo destacados entre eles o seguinte: reconhecimento de que os filhos também possuíam comportamentos adequados e não apenas inadequados, importância em reforçar os comportamentos adequados e de se trabalhar os inadequados, percepção da necessidade em estabelecer um limite entre a rigidez e negociação de regras, estabelecimento de combinados entre pais e filhos, necessidade de se reforçar os comportamentos dos filhos quando estes cumprirem os combinados.

Pôde ser percebida uma maior reflexão dos filhos, através das falas dos pais, sobre os comportamentos inadequados, realização dos pais em obterem os resultados esperados, aproximação entre pais e os filhos, que passaram a dar mais atenção aos filhos, melhora das relações entre pais e filhos, mudanças de comportamentos destes últimos.

Alguns pais também demonstraram superação de limites em demonstrar carinho aos filhos, fortalecimento de atitudes positivas, superação de limites dos pais em relação a maternidade/paternidade.

Em um dos casos citados nos registros pôde ser observado que um filho se tornou para a mãe um amigo que lhe deu forças para que ela pudesse superar seus momentos difíceis, sendo que este mesmo filho antes do treinamento se apresentava como distante e dando muito “trabalho” para essa mãe.

Os pais conseguiram reconhecer a importância de tentar aproveitar ao máximo as atividades propostas pelo treinamento, melhorando sua autoconfiança e obtendo com isso mudanças de comportamentos dos filhos.

Aprenderam a redefinir papéis nas relações parentais, através do respeito que conseguiram dos outros membros da família. Apresentaram sentimentos de

realização, melhora no relacionamento e desejo de continuar melhorando, conseguiram reconhecer a importância e necessidade de dedicar mais tempo aos filhos, melhorando assim a comunicação e relacionamento entre pais e filhos.

Conseguiram perceber a necessidade de colocar em prática coisas corriqueiras que antes sabiam da existência, mas não davam tanta importância. Desenvolveram as habilidades de observar e ouvir mais os filhos adquiriram maior habilidade para agir diante do comportamento dos filhos, reforçando os comportamentos adequados e manejando os inadequados.

Passaram a perceber melhor a importância e a necessidade de brincar com os filhos, obtendo com isso um sentimento de aproximação entre pais e filhos, que antes não existia. Perceberam que havia uma dificuldade em tirar um tempo exclusivo para estar com os filhos, que antes não era percebida. Os pais relataram também que no início se sentiam impacientes, mas depois foi se tornando mais fácil, estabelecendo assim uma maior cumplicidade entre eles e seus filhos.

Através desta maior aproximação, passaram também a perceber melhor as necessidades dos filhos, e com isso decidiram dedicar mais tempo a eles, diminuindo as dificuldades que antes encontravam em administrar melhor o tempo. Através desta percepção puderam então perceber que houve uma melhora importante no comportamento dos filhos e no relacionamento entre estes pais e sua prole, reconhecendo ainda a necessidade de melhorar ainda mais.

Uma das mães relatou que a partir de agora consegue se comunicar com seu filho através do olhar, demonstrando uma melhor sintonia entre mãe e filho. Perceberam também a importância do diálogo, da sinceridade e da franqueza e compreensão entre pais e filho. Demonstram estarem mais dispostos em ouvir o que os filhos têm a dizer.

Conseguiram perceber falhas na forma de ser mãe / pai na criação dos filhos que antes não eram percebidas. Reconheceram que as atitudes dos filhos são reflexos da sua convivência com os pais, passaram a perceber que a distância emocional dos pais com os filhos podem causar problemas no comportamento futuro dos filhos, buscaram melhorar o diálogo, estabelecendo um maior conhecimento entre pais e filhos. Reconheceram a importância de se dar exemplos sem ser

preciso para isso cobranças desnecessárias. Conseguiram reconhecer que a companhia dos pais é muito importante para os filhos.

Foi relatado por alguns pais que, a partir da mudança de percepção, conseguiram uma maior união e aproximação da família, descobrindo através disso a necessidade de estar atentos aos detalhes para manter a harmonia familiar, e com isso conseguiram mudar também a percepção de família, que passou a ser encarada como prioridade. Alguns pais relataram também que os filhos atualmente estão mais calmos e atentos.

6 CONCLUSÃO

Por meio da análise das falas dos pais nos encontros foi percebido que existiam valores que eram reproduzidos nos comportamentos estereotipados dos pais em relação aos seus filhos, uma vez que as falas muitas vezes apresentavam-se como persecutórias, sendo traduzidas através de castigos físicos violentos e dificuldades dos pais em exercer seus papéis de educadores.

Os pais, muitas vezes, apresentavam essas dificuldades por meio de correções violentas exercidas, demonstravam dificuldades em lidar com a situação de conflitos, culpas, cobranças exageradas, dificuldades de diálogos e comunicação entre pais e filhos, apresentando também, algumas vezes, dificuldade em estabelecer um limite entre a rigidez e negociação de regras.

Apresentavam ainda dificuldade em lidar com o comportamento desadaptativo dos filhos, dificuldade em lidar com os próprios filhos, uso de castigos e punições inclusive físicas como forma de correção, usavam o bater expressando a perda de controle em corrigir os filhos, dificuldade em manter as regras estabelecidas, uso de comportamentos autoritários, dificuldade em fazer elogios, dificuldade em usar o elogio como reforçador do comportamento positivo, e outros comportamentos muitas vezes violentos.

Foi percebido que na medida em que os encontros foram ocorrendo algumas mudanças também foram acontecendo, que foram notadas através do próprio comportamento dos pais em relação à convivência com seus filhos.

Essas mudanças foram destacadas, principalmente, através dos seguintes exemplos: os pais começaram a perceber a importância em dar mais atenção aos filhos passando a dedicar mais tempo e atenção a eles, e com isso conseguiram obter melhoras no comportamento dos filhos, essas mudanças puderam ser percebidas também através das falas dos próprios pais que demonstram desejo em sair mais com os filhos dedicando mais tempo a eles, superação de dificuldades, maior aproximação, valorização das qualidades dos filhos, melhora na convivência, maior autoconfiança e busca de respeito mútuo.

Demonstraram também uma maior facilidade em identificar conflitos interpessoais, demonstrando atitudes mais críticas, sendo capazes de identificar e de produzir mudanças no relacionamento pais e filhos. Houve também um reconhecimento por parte dos pais de que é preciso melhorar seus comportamentos, para então ser capaz de mudar o comportamento dos filhos.

Os filhos, segundo o discurso dos pais, conseguiram aprender a fazer uma melhor leitura do ambiente, das expressões, das emoções e das diferenças, apresentando melhoras no comportamento e na forma de lidar com as situações adversas, apresentando comportamentos mais assertivos diante de tais situações.

Através das análises realizadas por este estudo pôde então ser observado que o treinamento de pais ajudou os participantes a terem uma melhor percepção das situações de conflitos entre os pais e seus filhos, desenvolvendo atitudes mais assertivas que geraram nos filhos uma melhora no comportamento, melhorando suas convivências e construindo com isso um relacionamento mais harmonioso. Tais percepções ajudaram a diminuir comportamentos violentos que os pais tinham com seus filhos antes de participarem do treinamento, possibilitando com isso um rompimento na cadeia de transmissão intergeracional da violência.

Com base nas análises realizadas é válido enunciar que o Treinamento de Pais é um método que pode contribuir para a diminuição da violência, uma vez que foi possível observar que os pais participantes deste treinamento desenvolveram habilidades através da aprendizagem ativa e o comportamento educativo, tornando-os mais conscientes de suas atitudes. A partir deste aprendizado melhoraram o relacionamento entre eles e seus filhos, atuando como um apoio social adequado no cenário doméstico, minimizando as práticas educativas violentas no ambiente familiar.

Com base nessas afirmações pode-se então pensar que o treinamento de pais é viável como um instrumento capaz de contribuir para a diminuição de comportamentos violentos, uma vez que pode interferir no ciclo intergeracional da violência, rompendo elos hereditários de padrões violentos, através dos novos padrões aprendidos, que poderão ser repassados a seus filhos que por sua vez poderão repassar às gerações futuras.

REFERÊNCIAS

AFONSO, L. **Oficinas em Dinâmica de Grupo: um método de intervenção psicossocial**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002.

ALMEIDA, M. E. S. Uma proposta sobre a transgeracionalidade: o absoluto. **Ágora**, v.13, n.1, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982010000100007>. Acesso em: 22/10/2012.

ALVES, M. C. **Programas de prevenção à criminalidade: dos processos sociais à inovação da política pública. A experiência do Fica Vivo!** 171f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2008.

ASSIS, S. G. **Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens não infratores e seus irmãos não infratores**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

AYLLON, T.; MICHAEL, J. The psychiatric nurse as behavioral engineer. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v.2, n.4, p.323-334, 1959.

BACKES, D. S., COLOMÉ, J. S.; ERDMANN, R. H.; LUNARDI, V. L. Grupo focal como coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**, v.35 n.4, p.438-442, 2011

BANDURA, A. Social. Cognitive Theory: an agentic perspective. **Annu. Rev. Psychol.**, v.52, p.1-26, 2001.

BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1994. 226p.

BARKLEY, R. A. **Defiant children: a clinician's manual for assessment and parent training**. 2.ed. New York: Guilford, 1997. 161p.

BECK, A. T.; WEISHAAR, M. E. Cognitive therapy. In: CORSINI, R. J.; WEDDING, D. **Current psychotherapies**. 6th ed. Itasca, IL: E. E. Peacock, 2000. p.241-272 apud BIELING, P. J.; MCCABE, R. E.; ANTONY, M. M. **Terapia cognitivo-comportamental em grupos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENGHOZI, P. Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situações de crises e catástrofes humanitárias In: CORREA, O. (Org.) **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000. p.89-100.

BERELSON, B. **Content analysis in communication research**. New York: Hafner, 1984 apud CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.57, n.5 p.611-614, set./out. 2004.

BIELING, P. J.; MCCABE, R. E.; ANTONY, M. M. **Terapia cognitivo-comportamental em grupos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer (INCA). **Prevenção e fatores de risco**. Disponível em: <www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=13>. Acesso em: 10/03/2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria MS/GM n.º 737** de 16/05/01. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências. Diário Oficial da União, Brasília, n.96, Seção 1E, 18 maio, 2001. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/portaria737.pdf>>. Acesso em: 22/10/2012

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 340p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **O impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Série B. textos básicos de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 340p.

CABALLO, V. E. **Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento**. São Paulo: Santos, 1996.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.57, n.5 p.611-614, set./out. 2004.

CORDIOLI, A. V. **Psicoterapias: abordagens atuais**. 2.ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico V**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DELL PRETTE, Z. P.; DELL PRETTE Z. A. **Inventário de habilidades sociais (IHS-Del- Prette)**: manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DURAND, J. A **transmissão psíquica do trauma**: contribuições para o estudo sobre violência familiar. 2007 Disponível em: <<http://www.palavraescuta.com.br/textos/a-transmissao-psiquica-do-trauma-contribuicoes-para-o-estudo-sobre-violencia-familiar>>. Acesso em: 22/10/2012

FARRINGTON, D. P. Predictors, causes, and correlates of male youth violence. In: TONRY, M.; MOORE, M. H. (Ed.). **Youth violence**. Chicago: University of Chicago Press, 1998, p.421-75 apud ALVES, M. C. **Programas de prevenção à criminalidade**: dos processos sociais à inovação da política pública. A experiência do Fica Vivo! 171f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2008.

GORMAN-SMITH, D. et al. The relation of family functioning to violence among inner-city minority youths. **J. Fam. Psychol.**, n.10, p.115-29, 1996.

GRAJON, E. A. Elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In: Correa, O. (Org.). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000. p.17-44.

GUIMARÃES, A. B. P.; BRASILIANO, S.; HOCHGRAF, P. B. **Transmissão transgeracional da violência intrafamiliar em famílias de mulheres alcoolistas**. 2010. Disponível em: <<http://www.biaguimaraes.com.br/artigo-ransmissao-transgeracional-da-violencia-intrafamiliar-em-familias-de-mulheres-alcoolistas>>. Acesso em: 22/10/2012.

HEIMBERG, R. G.; SALZMAN, D. G.; HOLT, C. S.; BLENDALL, K. A. Grupo cognitivo-comportamental tratamento para a fobia social: eficácia em cinco anos de follow-up. **Terapia Cognitiva e Pesquisa**, v.17, p.325-339, 1993 apud BIELING, P. J.; MCCABE, R. E.; ANTONY, M. M. **Terapia cognitivo-comportamental em grupos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, v.10, n.15, p.124-136, 2004.

MAGALHÃES, M. A. N.; PINTO, L. M. N. A observação participante e suas contribuições para o enfrentamento da violência. In: MELO, E. M. **Podemos prevenir a violência**. Brasília: OPAS/OMS, 2010.

MCCORD, J. Some child-rearing antecedents of criminal behavior in adult men. *J. Pers. Soc. Psychol.*, v.37, n.9, p.1477-1486, Sept. 1979 apud ALVES, M. C. **Programas de prevenção à criminalidade: dos processos sociais à inovação da política pública**. A experiência do Fica Vivo! 171f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2008.

MELO, E. M. **Podemos prevenir a violência: teorias e práticas**. Brasília: Organização Pan-americana de Saúde (OPAS/OMS), 2010.

MINAYO, M. C. S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **O impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Série B. textos básicos de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 340p. Cap. 1, p.9-33.

MOORE, M. H. (Ed.). **Youth violence**. Chicago: University of Chicago Press, 1998, p. 421-75.

MUTTI, R. M. V. **Fundamentos e procedimentos em análise de discurso** [aula expositiva da disciplina]. Porto Alegre (RS): UFRGS/PPGFACED, 2004.

OLIVARES, J.; MÉNDEZ, F. X.; MACIÁ D. **Tratamientos conductuales em la infancia y adolescencia**. Madri: Pirâmide, 1997 apud VELASQUEZ, R. M. S.; SOUZA, S. D.; ADJUTO, I.; MUÑOZ, L. M.; SILVEIRA, J. C. C. O treinamento de pais e cuidadores: ensinando a educar e promovendo a saúde mental. **Revista Médica de Minas Gerais**, v.20, n.2, p.182-188, 2010.

OLIVEIRA, E. A.; MARIN, A. H.; PIRES, F. B.; FRIZZO, G. B.; RAVANELLO, T.; ROSSATO, C. Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicol. Reflex. Crit.* v.15, n.1, p.1-14, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext>. Acesso em: 15 mar. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Brasília: OMS/OPAS, 2002.

OSÓRIO, L. C. **Psicologia grupal**: uma nova disciplina para o advento de uma era. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 888p.

PINHEIRO, M. I. S. **Treinamento em habilidades sociais educativas para pais de crianças em trajetória de risco**. 168f. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2006.

PÓLIS PESQUISA. Pesquisa qualitativa. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.polispesquisa.com.br/qualitativa.php>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

REINE, A.; LIU, I. H. Biological predispositions to violence and their implications for treatment and prevention. **Psychology, Crime and Law**, v. 4, p.104-125, 1998 apud BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **O impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Série B. textos básicos de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 340p.

ROCHA, B.; DEUSDARÁ, D. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea**, v.7, n.2, p.305-322, jul.-dez. 2005.

ROLIM, Marcos. **A síndrome da rainha vermelha**: policiamento e segurança pública no século XXI. Rio de Janeiro: Zahar, 2006 apud ALVES, M. C. **Programas de prevenção à criminalidade**: dos processos sociais à inovação da política pública. A experiência do Fica Vivo! 171f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2008.

SCHULZE, C. M. N. As representações sociais de pacientes portadores de câncer. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993. Cap.5, p.266-279.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organ. Rurais Agroind.**, v.7, n1, p.70-81, 2005.

SIQUEIRA, A. L., TIBÚRCIO, J. D. **Estatística na área da saúde**: conceitos, metodologia, aplicações e prática computacional. Belo Horizonte: Coopemed, 2001.

SOUZA, E. R.; LIMA, M. L. C. Panorama da violência urbana no Brasil e em suas capitais. **Ciência e Saúde coletiva**, v.11, n.2, p.363-373, abr./ jun. 2006.

STERN, J. Treinamento de pais. In: WHITE, J. R.; FREEMAN, A. **Terapia cognitivo comportamental em grupo para populações e problemas específicos**. São Paulo: Roca, 2003. Cap.13, p.381-416.

VELASQUEZ, R. M. S.; SOUZA, S. D.; ADJUTO, I.; MUÑOZ, L. M.; SILVEIRA, J. C. C. O treinamento de pais e cuidadores: ensinando a educar e promovendo a saúde mental. **Revista Médica de Minas Gerais**, v.20, n.2, p.182-188, 2010.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

ANEXO A**INFORMAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA E A CRIANÇA**

Nome da criança:	
Data de nascimento:	Idade:

Informações Residenciais

Rua:	
Cidade:	Estado:
CEP:	
Tel. Res.:	Tel. Com:
Outro Tel.:	

Informações Sobre a Família

Nome da mãe:	
Data de nasc.:	Escolaridade (número de anos):
Profissão:	
Nome do pai:	
Data de nasc.:	Escolaridade (número de anos):
Profissão:	
Número de irmãos:	
1 - _____	idade:
2 - _____	idade:
3 - _____	idade:
4 - _____	idade:

Nosso formulário de endereços e contatos pessoais

Boa tarde,

É muito importante que possamos nos comunicar de modo claro e eficiente ao longo das próximas semanas, sem cerimônias e sem complicação. Afinal somos uma equipe. Dessa forma, vamos disponibilizar nossos contatos uns aos outros?

Nome completo

Telefone Celular

Telefone Residencial

Email

Facebook

Endereço postal:

Rua/Número/Complemento:

Bairro:

CEP:

Cidade:



ANEXO B

INVENTÁRIO DE HABILIDADES
SOCIAIS (IHS-Del-Prete)

Zilda A. P. Del Prete & Almir Del Prete

Instruções

Leia atentamente cada um dos itens que se seguem. Cada um deles apresenta uma ação ou sentimento (parte grifada) diante de uma situação dada (parte não grifada). Avalie a frequência com que você age ou se sente tal como descrito no item.

RESPONDA A TODAS AS QUESTÕES. Se uma dessas situações nunca lhe ocorreu, responda como se tivesse ocorrido, considerando o seu possível comportamento.

NA FOLHA DE RESPOSTAS, assinale, para cada um dos itens, um X no quadrinho que melhor indica a frequência com que você apresenta a reação sugerida, considerando um total de 10 vezes em que poderia se encontrar na situação descrita no item.

Utilize a seguinte legenda:

- A. NUNCA OU RARAMENTE** (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma no máximo 2 vezes)
- B. COM POUCA FREQUÊNCIA** (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 3 a 4 vezes)
- C. COM REGULAR FREQUÊNCIA** (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 5 a 6 vezes)
- D. MUITO FREQUENTEMENTE** (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 7 a 8 vezes)
- E. SEMPRE OU QUASE SEMPRE** (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 9 a 10 vezes)

É IMPORTANTE QUE VOCÊ RESPONDA TODAS AS QUESTÕES.

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Srs. Pais,

Estamos iniciando uma pesquisa que tem como objetivo avaliar os efeitos de um programa de treinamento de Pais em Habilidades Sociais, no repertório de comportamento dos pais e das crianças da escola de seu filho.

O programa é composto de 13 encontros, realizados uma vez por semana em horário e dia a serem definidos, a sua participação no programa poderá contribuir para aprimorar as formas de orientações aos seus filhos, diminuindo os comportamentos desadaptativos dos filhos e os conflitos familiares.

Durante todo o programa as sessões poderão ser filmadas para futuras análises. A equipe técnica assume o compromisso de que os resultados obtido serão discutidos apenas em reuniões científicas e que a identidade dos participantes, não será divulgada. Sua participação é voluntária e você poderá interrompê-la a qualquer momento caso tenha esse interesse. Solicitamos porém, durante o programa, o compromisso de participar junto com seu filho, das atividades a serem desenvolvidas com frequência e dedicação.

A pesquisadora compromete-se em desenvolver um trabalho dentro das orientações do código de ética do Psicólogo e de acordo com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

Caso necessitem de qualquer informação adicional, o contato com a pesquisadora pode ser feito através do telefone (31) 9907-4385.

Atenciosamente,

Sandra das Dores Souza

(Psicóloga e pesquisadora do Mestrado Profissional de Promoção de Saúde e Prevenção de Violência da Faculdade de Medicina da UFMG, orientada pela professora Márcia Cristina Alves).

Eu _____
responsável pelo menor _____, após ter lido e
compreendido todas as informações referentes ao estudo , com o presente documento,
declaro ter interesse em participar do Programa de Treinamento de Pais – Habilidades
Sociais,
Belo Horizonte, ____ de _____ de 2012.

(Assinatura)

ANEXO D

Quadro 1 - Conteúdos dos encontros

Encontro	Questão levantada	Comentários	Elementos de análise
Primeiro encontro 25/08/2012	Apresentação do programa de Treinamento de Pais	Os pais falaram de suas dificuldades no convívio com os filhos	Apresentação do treinamento de pais Aplicação dos questionários
Segundo encontro 01/09/2012	-Reapresentação do Treinamento de Pais; - Criação dos Combinados do Grupo	Respeito, esportividade, maturidade, responsabilidade, comprometimento, sigilo, confiança, pontualidade, tolerância, entusiasmo e paciência.	Valores para a formação do grupo.
Terceiro encontro 08/09/2012	Passo 1 - <i>Por que as crianças se comportam de maneira inadequada?</i> Relato de pai de experiência de violência com uma das filhas	<i>“sentiu muito à vontade para falar deste assunto no grupo e que tentaria fazer diferente daqui pra frente demonstrando muita motivação em voltar para os próximos encontros”</i>	Percepção do comportamento violento na relação entre pais e filhos Mobilização dos pais para conseguir um local onde o encontro pudesse se realizar
Quarto encontro 29/09/2012	Passo 2 - <i>Prestando atenção no comportamento do seu filho – Faça um recreio especial.</i> voltou a fazer birra e chantagem para comer <i>“se todo mundo parar de ceder, ele come”</i> <i>“é uma peleja, uma insistência constante, quase imploro para ele comer”.</i> <i>“eu sou muito seco, mas eu elogio”, “eu não tenho muita paciência, xingo e esbravejo”</i>	<i>Dificuldade em lidar com a situação de conflito</i> <i>“Você está se culpando e se cobrando demais”</i> <i>“É preciso despertar o prazer no filho em comer”</i> <i>“Pulso firme, mas com amor”;</i> <i>“Quem você ouve mais, uma pessoa que fala com você gritando ou calmamente?”</i>	Limite entre a rigidez e a negociação das regras; Diálogo /a forma como falar/a comunicação com o filho

<p>Quinto encontro 06/10/2012</p>	<p><i>Passo 3: Aumentando a brincadeira independente</i></p> <p>Uma das mães chamou a atenção que os encontros têm sido importantes para tentar ajudar a todos e especialmente a uma das mães participantes do grupo na sua relação com os filhos “<i>não suporto isso, falar que não pode bater</i>” “<i>uma chinelada não mata ninguém</i>”; “<i>às vezes é necessário</i>”; “<i>sempre converso antes e explico, mas depois de três vezes...</i>” “<i>acho péssimo não ter um diálogo, esse negócio de eu sou seu pai e eu que mando não está com nada</i>” “<i>se perdoar sempre o castigo, o seu filho sempre repetirá aquele comportamento de novo</i>” “<i>Eu não crio filho para mim, mas para o mundo</i>” “<i>às vezes eu vejo que dou mais atenção para um do que para outro</i>”; “<i>eu fico sufocada por ser superprotetora com meus filhos</i>” <i>Uma avó que também fazia parte do grupo destaca os comportamentos do neto: “tem hora que ele teima, tem hora que ele obedece”; “às vezes ele pede desculpa, mas nem por isso eu passo a mão na cabeça”.</i></p>	<p>Dificuldade de lidar e conversar com o filho, é comum de vários pais;</p> <p>“<i>o bater é só uma forma de expressar sua raiva</i>” “<i>castigo é importante</i>” “<i>a pessoa bate porque perdeu o controle e as estribeiras</i>” “<i>se perdoar sempre o castigo, o seu filho sempre repetirá aquele comportamento de novo</i>”</p> <p>“<i>Meu filho, minhas regras</i>”</p> <p>Às vezes elogiamos alguém de fora, mas na nossa família não fazemos isso porque é nosso. Temos que elogiar nossos filhos”;</p>	<p>Dificuldade de lidar e conversar com o filho;</p> <p>Dificuldade durante a gravidez conturbada;</p> <p>Castigo e punição inclusive física</p> <p>Autoridade</p> <p>Reforço</p>
<p>Sexto encontro 20/10/2012</p>	<p><i>Passo 4: Prestando atenção no comportamento de seguir instruções</i></p> <p>“<i>Vi que os dois estavam brincando mais juntos</i>” “<i>eu sempre brinquei com meus filhos, mas dessa vez</i></p>	<p>“<i>você é a melhor mãe do mundo</i>” Os filhos também deram a ideia de imprimir um lembrete lembrando que os 15 minutos de brincadeira são sagrados e o colocou pregado na geladeira</p>	<p>Momento Lúdico</p>

	<p><i>foi diferente porque minha filha quem escolheu a brincadeira”</i></p> <p><i>“antes não gostava de sair com os meninos na rua porque tinha vergonha do mau comportamento deles, agora eles estão me dando o retorno que eu queria” e completou ainda “de mãe bruxa passei a ser a melhor mãe do mundo”</i></p> <p><i>“moro num apartamento pequeno com meu filho e, sempre estando próximo ao meu filho, achei difícil passar realmente um tempo junto a ele”;</i></p>	<p><i>“explique a sua filha que não precisa necessariamente brincar, mas passar um tempo junto assistindo a um filme ou tocando violão, por exemplo.”</i></p>	<p>Reconhecimento</p> <p>Superação de dificuldades</p>
<p>Sétimo encontro 27/10/2012</p>	<p><i>Passo 5- Ensinando a ler o ambiente e Passo 6 - Facilitando a empatia e dando ordens eficientes “quando eu disse que fiquei decepcionada, ele percebeu o que tinha feito e começou a mudar”</i></p>	<p><i>“seu filho percebeu que o seu tempo na reunião dele era o tempo exclusivo para ele. Eu, por exemplo, por mais junto que sempre estive perto do meu filho, vi que existem faltas e falhas minhas”</i></p>	<p>Aproximação</p>
<p>Oitavo encontro 10/11/2012</p>	<p><i>Passo 7 - Melhorando o comportamento na escola “não sou muito de bater, sou mais de ameaçar, acabo não fazendo”</i></p> <p><i>“meus filhos são bastante autoconfiantes e não sofrem com os conflitos que enfrentam, praticam o respeito mútuo e não tem problemas de convivência”.</i></p>	<p><i>“Meus filhos reconhecem quando estou com raiva ou chateada, mas, muitas vezes, eles aproveitam dessa percepção e fazem chantagem emocional”</i></p> <p><i>“sempre ensinei o meu filho a aceitar as diferenças e mostrei a ele o lado positivo das coisas para que ele valorize suas qualidades”</i></p> <p><i>“Eu ensino eles a fugirem das confusões, mas também a enfrentar a situação de frente, eu não posso tirar essa agressividade deles”</i></p> <p><i>“eu preciso melhorar e mudar em mim para ser capaz de mudar neles”.</i></p>	<p>Leitura do ambiente: das expressões, das emoções, diferenças</p> <p>Leitura do ambiente: das expressões, das emoções, diferenças</p> <p>Conflitos interpessoais, críticas, mudanças</p>

Fonte: dados da pesquisa.

ANEXO E

Quadro 2 - Demonstrativo das análises do pré-teste

Pais	Escore total	Enfrentamento e autoafirmação com risco	Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	Conversaão e desenvoltura social	Autoexposição a desconhecidos e situações novas	Auto controle da agressividade
P.1	Bom repertório de habilidades sociais, com resultados acima da média para parte dos fatores e itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios.	F1 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F2 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F3 - repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator.	F4 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F5 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.
M.1	ET - repertório altamente elaborado de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.	F1 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F2 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F3 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F4 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F5 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

Continua

Quadro 2 - continuação

Pais	Escore total	Enfrentamento e autoafirmação com risco	Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	Conversa e desenvoltura social	Autoexposição a desconhecidos e situações novas	Auto controle da agressividade
M.2	ET - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F1 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F2 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F3 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F4 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F5 - repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator.
M.3	ET - repertório médio inferior de habilidades sociais, com resultados abaixo da média em grande parte dos fatores e itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F1 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F2 - repertório médio inferior de habilidades sociais no fator, com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F3 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios nesse fator.	F4 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F5 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

Quadro 2 - continuação

Pais	Escore total	Enfrentamento e autoafirmação com risco	Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	Conversaão e desenvoltura social	Autoexposição a desconhecidos e situações novas	Auto controle da agressividade
P.2	ET - repertório médio inferior de habilidades sociais, com resultados abaixo da média em grande parte dos fatores e itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F1 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F2 - repertório médio inferior de habilidades sociais no fator, com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F3 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios nesse fator.	F4 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F5 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.
M.4	ET - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F1 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F2 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F3 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F4 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F5 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.

Continua

Quadro 2 - continuação

Pais	Escore total	Enfrentamento e autoafirmação com risco	Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	Conversa e desenvoltura social	Autoexposição a desconhecidos e situações novas	Auto controle da agressividade
M.5	ET - repertório altamente elaborado de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.	F1 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios nesse fator.	F2 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F3 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F4 - repertório médio inferior de habilidades sociais no fator, com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F5 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios nesse fator.
M.6	ET - Repertório altamente elaborado de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.	F1 - Repertório altamente elaborado de Habilidades Sociais no Fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F2 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F3 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F4 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F5 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.

Continua

Quadro 2 - conclusão

Pais	Escore total	Enfrentamento e autoafirmação com risco	Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	Conversaão e desenvoltura social	Autoexposição a desconhecidos e situações novas	Auto controle da agressividade
P.3	ET - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F1 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de Treinamento de Habilidades Sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F2 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F3 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F4 – bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F5 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.
M.7	ET - repertório altamente elaborado de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.	F1 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F2 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F3 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F4 –repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F5 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.

Fonte: dados da pesquisa.

ANEXO F

Quadro 3 - Demonstrativo da análise do pós-teste

Pais	Escore total	Enfrentamento e autoafirmação com risco	Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	Conversaão e desenvoltura social	Autoexposição a desconhecidos e situações novas	Autocontrole da agressividade
P.1	Repertório bastante elaborado de habilidades sociais, com resultados acima da média para a maior parte dos fatores ou itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios.	F1 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F2 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F3 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F4 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F5 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.
M.1	ET - repertório bastante elaborado de habilidades sociais, com resultados acima da média para a maior parte dos fatores ou itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios.	F1 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F2 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F3 - repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator.	F4 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F5 - Bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.

Continua

Quadro 3 - continuação

Pais	Escore total	Enfrentamento e autoafirmação com risco	Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	Conversa e desenvoltura social	Autoexposição a desconhecidos e situações novas	Autocontrole da agressividade
M.2	ET - repertório abaixo da média inferior de Habilidades Sociais. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F1 -: repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F2 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de Habilidades Sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F3 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F4 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F5 - repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator.
M.3	ET - bom repertório de habilidades sociais, com resultados dentro da média para a maior parte dos fatores e itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nesses itens ou fatores.	F1 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F2 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F3 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F4 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no Fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F5 - repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator.

Continua

Quadro 3 - continuação

Pais	Escore total	Enfrentamento e autoafirmação com risco	Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	Conversa e desenvoltura social	Autoexposição a desconhecidos e situações novas	Autocontrole da agressividade
P.2	ET - bom repertório de habilidades sociais, com resultados dentro da média para a maior parte dos fatores e itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nesses itens ou fatores.	F1 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F2 - repertório médio inferior de habilidades sociais no fator, com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F3 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios nesse fator.	F4 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F5 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.
M.4	ET - bom repertório de habilidades sociais, com resultados dentro da média para a maior parte dos fatores e itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nesses itens ou fatores.	F1 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F2 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F3 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios nesse fator.	F4 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F5 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.

Continua

Quadro 3 - continuação

Pais	Escore total	Enfrentamento e autoafirmação com risco	Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	Conversa e desenvolvimento social	Autoexposição a desconhecidos e situações novas	Autocontrole da agressividade
M.5	ET - repertório altamente elaborado de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.	F1 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios nesse fator.	F2 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F3 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F4 - repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator.	F5 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios nesse fator.
M.6	ET - repertório altamente elaborado de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.	F1 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F2 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F3 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F4 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F5 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.

Continua

Quadro 3 - conclusão

Pais	Escore total	Enfrentamento e autoafirmação com risco	Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	Conversaão e desenvoltura social	Autoexposição a desconhecidos e situações novas	Autocontrole da agressividade
P.3	ET - repertório abaixo da média inferior de Habilidades sociais. indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F1 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F2 - repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.	F3 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F4 -: bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.	F5 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.
M.7	ET - repertório altamente elaborado de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.	F1 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F2 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F3 - repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F4 –repertório altamente elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.	F5 - bom repertório de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.

Fonte: dados da pesquisa.

ANEXO G

Quadro 4 - Comparação dos resultados do pré e pós-teste

Quesitos	Pré-teste	Pós-teste
Score total	<ul style="list-style-type: none"> • Quatro repertórios altamente elaborados de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios. 	<ul style="list-style-type: none"> • Três repertórios altamente elaborados de habilidades sociais com resultados acima da média para praticamente todos os fatores e itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios.
	<ul style="list-style-type: none"> • Um bom repertório de habilidades sociais, com resultados acima da média para parte dos fatores e itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dois repertórios bastante elaborados de habilidades sociais, com resultados acima da média para a maior parte dos fatores ou itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios.
	<ul style="list-style-type: none"> • Dois repertórios médios inferior de habilidades sociais, com resultados abaixo da média em grande parte dos fatores e itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> • Três bons repertórios de habilidades sociais, com resultados dentro da média para a maior parte dos fatores e itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nesses itens ou fatores.
	<ul style="list-style-type: none"> • Três repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dois repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente naqueles fatores e itens mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

Continua

Quadro 4 - continuação

Quesitos	Pré-teste	Pós-teste
Enfrentamento e autoafirmação com risco	<ul style="list-style-type: none"> Três repertórios altamente elaborados de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator. 	<ul style="list-style-type: none"> Quatro repertórios altamente elaborados de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.
	<ul style="list-style-type: none"> Três bons repertórios de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator. 	<ul style="list-style-type: none"> Três bons repertórios de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.
	<ul style="list-style-type: none"> Quatro repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> Três repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator, indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.
Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	<ul style="list-style-type: none"> Três repertórios altamente elaborados de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator. 	<ul style="list-style-type: none"> Quatro repertórios altamente elaborados de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.
	<ul style="list-style-type: none"> Dois bons repertórios de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator. 	<ul style="list-style-type: none"> Três bons repertórios de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.

Continua

Quadro 4 - continuação

Quesitos	Pré-teste	Pós-teste
Autoafirmação na expressão de sentimentos positivos	<ul style="list-style-type: none"> Dois repertórios médios inferior de habilidades sociais no fator, com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> Um repertório médio inferior de habilidades sociais no fator, com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.
	<ul style="list-style-type: none"> Três repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional 	<ul style="list-style-type: none"> Dois repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades Sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.
Conversa e desenvoltura social	<ul style="list-style-type: none"> Cinco repertórios altamente elaborados de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator. 	<ul style="list-style-type: none"> Seis repertórios altamente elaborados de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.
	<ul style="list-style-type: none"> Repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator. 	<ul style="list-style-type: none"> Um repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator.
	<ul style="list-style-type: none"> Dois bons repertórios de habilidades sociais no Fator, com resultados acima da média para parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios nesse fator. 	<ul style="list-style-type: none"> Dois bons repertórios de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais satisfatórios nesse fator.

Continua

Quadro 4 - continuação

Quesitos	Pré-teste	Pós-teste
	<ul style="list-style-type: none"> Dois repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> Um repertório abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.
Autoexposição a desconhecidos e situações novas	<ul style="list-style-type: none"> Quatro repertórios altamente elaborados de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator. 	<ul style="list-style-type: none"> Cinco repertórios altamente elaborados de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.
	<ul style="list-style-type: none"> Dois bons repertórios de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator. 	<ul style="list-style-type: none"> Um repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator
	<ul style="list-style-type: none"> Um repertório médio inferior de habilidades sociais no fator, com resultados abaixo da média em grande parte dos itens. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> Dois bons repertórios de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.
	<ul style="list-style-type: none"> Três repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> Dois repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional.

Continua

Quadro 3 - conclusão

Quesitos	Pré-teste	Pós-teste
Autocontrole da agressividade	<ul style="list-style-type: none"> Dois repertórios altamente elaborados de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator. 	<ul style="list-style-type: none"> Três repertórios altamente elaborados de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para praticamente todos os itens. Indicativo de recursos interpessoais altamente satisfatórios nesse fator.
	<ul style="list-style-type: none"> Um repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator 	<ul style="list-style-type: none"> Dois repertório bastante elaborado de habilidades sociais no fator, com resultados acima da média para a maior parte dos itens. Indicativo de recursos interpessoais bastante satisfatórios nesse fator.
	<ul style="list-style-type: none"> Cinco bons repertórios de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator. 	<ul style="list-style-type: none"> Cinco bons repertórios de habilidades sociais no fator, com resultados dentro da média para a maior parte dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nos itens desse fator.
	<ul style="list-style-type: none"> Dois repertórios abaixo da média inferior de habilidades sociais no fator. Indicativo de necessidade de treinamento de habilidades sociais, especialmente nos itens deste fator que forem mais críticos para o ajustamento pessoal e profissional. 	

Fonte: dados da pesquisa.

ANEXO H

Roteiro Observação Participante – Projeto Treinamento de Pais

Pontos a serem observados:

- a) Gestos feitos pelos indivíduos;
- b) Expressões faciais e corporais – denotam espanto, surpresa, desprezo ou indiferença;
- c) Modo de vestir (assessórios, uniforme, etc);
- d) Atitudes;
- e) Linguagem;
- f) Fala e discurso;
 - 1) Encadeamento lógico de idéias diante dos temas propostos;
 - 2) Arranjo de sequências;
 - 3) Tipo de discurso (eloquente, reticente, etc);
 - 4) Palavras-chaves do discurso (incluir gírias, códigos);
 - 5) Expressões que se repetem;
 - 6) As reações – verbais e não verbais – a determinadas situações e estímulos.
- g) Impacto da atividade;
 - 1) Registrar críticas;
 - 2) Verificar a importância dos prêmios para a mobilização e participação.
- h) Observações específicas;
 - 1) Observar se há pessoas brigando ou se há hostilidade;
 - 2) Frequência de brigas;
 - 3) Como as discussões se resolvem;
 - 4) Observar interrelações
 - 5) Você presenciou algum fato que o (a) marcou, emocionou, irritou?
 - 6) Você identificou algo que para você é surpreendente, ofensivo ou elogioso, mas normal ou pessoal? E o contrário, algo que é normal para você e especial.

ANEXO I

Roteiro do Grupo Focal:

Funções:

Mediador, observador, operador de gravação, digitador

Objetivos:

1. Identificar os principais pontos da experiência com o grupo de Pais;
2. Analisar a influência das relações familiares no comportamento das crianças;
3. Identificar as percepções e impressões dos participantes sobre a experiência do grupo no relacionamento entre pais e filhos;
4. Constatar as perspectivas dos participantes do grupo no que tange à concepção do relacionamento entre pais e filhos;

Tema:

Avaliação do processo no grupo de Treinamento de Pais

Questões:

1. O que significa o Treinamento de Pais?
2. Como foi participar do grupo?
3. O que você aprendeu através da experiência com o grupo?
4. Você conseguiu perceber alguma mudança no seu comportamento através do grupo de treinamento de pais?
5. Você conseguiu perceber alguma mudança no seu relacionamento com seus filhos através do grupo? Quais foram?
6. Em sua opinião você acha que o grupo foi produtivo para você?